

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA EM REDE
NACIONAL - MESTRADO PROFISSIONAL

Mayara Faccin

**HISTÓRIA DA MORTE NO SÉCULO XIV: UMA PROPOSTA PARA OS
ENSINOS DE HISTÓRIA E DE IDADE MÉDIA POR MEIO DE
OFICINAS PEDAGÓGICAS**

Santa Maria, RS
2022



PROFHISTÓRIA

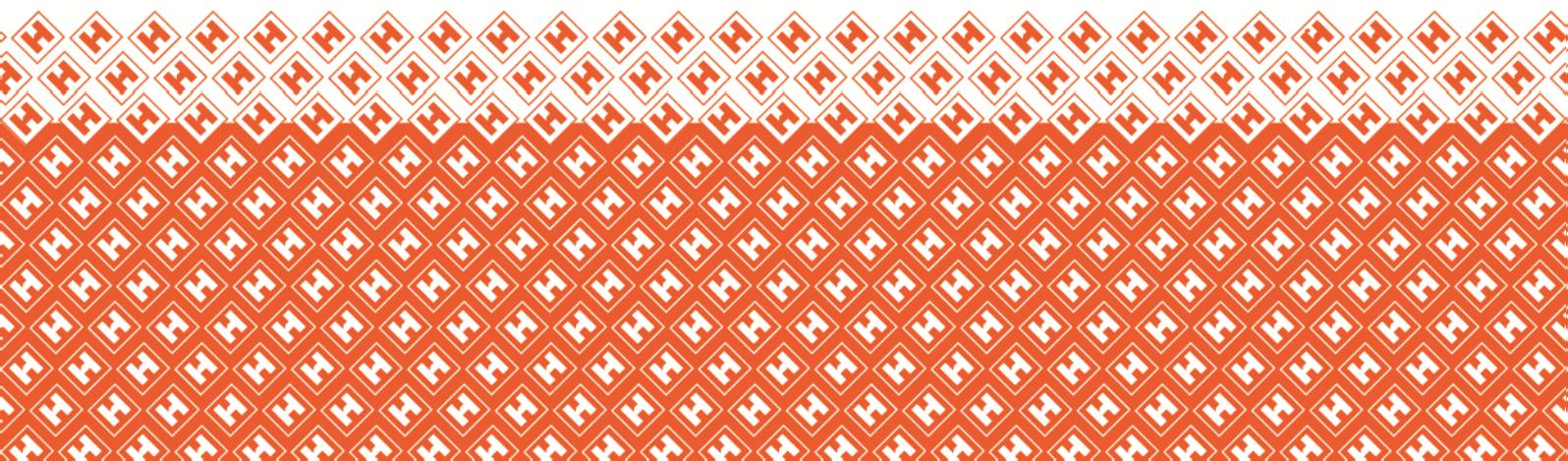
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

MAYARA FACCIN

**HISTÓRIA DA MORTE NO SÉCULO XIV: UMA PROPOSTA PARA OS
ENSINOS DE HISTÓRIA E DE IDADE MÉDIA POR MEIO DE
OFICINAS PEDAGÓGICAS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

MAIO/2022



Mayara Faccin

**HISTÓRIA DA MORTE NO SÉCULO XIV: UMA PROPOSTA PARA OS ENSINOS
DE HISTÓRIA E DE IDADE MÉDIA POR MEIO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História em Rede Nacional – Mestrado Profissionalizante, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ensino de História**.

Santa Maria, RS
2022

Faccin, Mayara

História da Morte no século XIV: uma proposta para os ensinamentos de história e de idade média por meio de oficinas pedagógicas / Mayara Faccin.- 2022.

162 p.; 30 cm

Orientador: Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em História em Rede Nacional, RS, 2022

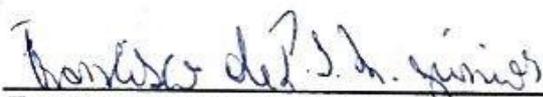
1. Canvas 2. Peste Negra 3. Covid-19 4. Educação Básica 5. Ensino de História I. Mendonça Júnior, Francisco de Paula Souza de II. Título.

Mayara Faccin

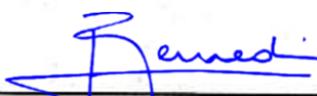
HISTÓRIA DA MORTE NO SÉCULO XIV: UMA PROPOSTA PARA OS ENSINOS DE HISTÓRIA E DE IDADE MÉDIA POR MEIO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História em Rede Nacional – Mestrado Profissionalizante, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ensino de História**.

Aprovado em 25 de janeiro de 2021:



Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



José Martinho Rodrigues Remedi, Dr. (UFSM)


Prof. Dr. Nilton Pereira
L71022
Faculdade de Educação
91201-900

Nilton Mullet Pereira, Dr. (UFRGS)

Santa Maria, RS

2021

DEDICATÓRIA

A todos que, assim como eu, veem a morte como uma intrigante desconhecida e que, curiosos com essa etapa da vida, querem tê-la como uma velha amiga.

AGRADECIMENTOS

Todos os reconhecimentos abaixo relacionados não estão elencados em ordem de importância.

Início essa página agradecendo aos profissionais ligados à saúde mental, em especial minha psicóloga Cristiane Griebeler Tonini, por me acompanhar durante esse tempo de mestrado e contribuir com a minha sanidade mental. Também agradeço aos médicos e profissionais do posto de saúde de Palmitos, SC, e aos bioquímicos que formulam o Cloridrato de Venlafaxina e o Cloridrato de Paroxetina.

Agradecimento especiais também para meus pais, irmãos e demais familiares, os quais puxavam minha orelha quando precisava e me incentivaram a concluir esse trabalho. Dentre eles, minha irmã gêmea, Mayane Faccin, leitora crítica dos meus textos, ouvinte das minhas angústias e conselheira das diferentes áreas da minha vida.

Agradeço aos colegas e profissionais do Colégio e Faculdade Santa Rita, por me permitirem iniciar e finalizar essa jornada acadêmica, seja organizando meus horários de aula para não coincidirem com as aulas do mestrado, seja me oportunizando finais de semana enclausurada no colégio para concluir a escrita deste trabalho. Em especial, às professoras Grazielle Molinete, Joelma Dutra Fagundes e Gláucia Cristina Sopran, muito obrigada por tudo.

À empresa de ônibus Planalto Transportes, a qual, apenas por possuir dentre suas linhas a rota de Palmitos até Santa Maria, possibilitou com que uma estudante realizasse o sonho de estudar na UFSM. Obrigada por me transportar em segurança nos dias que precisei. Em especial, ao motorista Orli, que sempre me avisava se havia atraso na linha.

Aos meus colegas e professores de mestrado, obrigada por me permitirem refletir sobre minha prática docente. É com um grande sorriso e com muita saudade que lembro de cada um, das realidades que compartilhavam nas aulas e da forma como me incentivaram ao longo desse tempo.

Ao meu orientador, Professor Dr. Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior. Tão grande quanto o seu nome é o seu conhecimento, sua inteligência e, principalmente, a paciência que teve comigo. Admiro muito o profissionalismo e a dedicação em suas orientações e na condução do grupo de pesquisa, ao qual conheci graças ao senhor. Que mais graduandos e pós-graduandos sejam inspirados pelo seu amor à docência e à Idade Média e, com isso, sejam agraciados com suas orientações e conselhos.

Aos colegas do Virtù, seres humanos com um senso de humor incrível e com pesquisas muito interessantes em andamento. Obrigada por me fazerem rir e trazer leveza ao meio acadêmico.

Por fim, agradeço às políticas públicas que permitiram a uma professora do interior do estado de Santa Catarina em cursar não só uma graduação em uma universidade pública (e se manter nela), mas também em concluir o mestrado em uma instituição pública. Obrigada UFFS e UFSM!

Também agradeço aos idealizadores dos programas IDJovem, Restaurante Universitário e SUS. Mesmo com todos os problemas, os três programas foram fundamentais para mim. Que tenham vida longa e que mais pessoas possam utilizá-los a fim de melhorarem suas condições de vida. Um salve às instituições públicas!

João! João! Morreu! Ai meu Deus, morreu pobre de João Grilo! Tão amarelo, tão safado e morrer assim! Que é que eu faço no mundo sem João? João! João! Não tem mais jeito, João Grilo morreu. Acabou-se o Grilo mais inteligente do mundo. Cumpriu sua sentença e encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre. Que posso fazer agora? Somente seu enterro e rezar por sua alma.

(Ariano Suassuna – Auto da Compadecida)

RESUMO

HISTÓRIA DA MORTE NO SÉCULO XIV: UMA PROPOSTA PARA OS ENSINOS DE HISTÓRIA E DE IDADE MÉDIA POR MEIO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS

AUTORA: Mayara Faccin

ORIENTADOR: Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior

O presente trabalho entrelaça reflexões acerca da história da morte, do morrer na Idade Média, da necessidade de abordar sobre o assunto no ambiente escolar e da atual pandemia de Covid-19. Parte-se do pressuposto que, apesar da morte ser um fenômeno universal, as percepções e vivências acerca do morrer não o são. Por essa razão, é possível encontrar diferentes compreensões sobre o fenômeno ao longo do tempo e do espaço. Todavia, estas não são exploradas de forma adequada na Educação Básica, limitando-se, na maioria das vezes, a quantificar o número de mortos de um determinado acontecimento. Assim, discute-se não somente sobre a necessidade de se aprofundar o debate acerca da história da morte, mas também a importância de que a escola não se exima desta discussão, de forma a aproximar o conhecimento científico das situações cotidianas dos alunos. Para tanto, uma prática de ensino que pode auxiliar o professor na abordagem deste e de outros temas polêmicos é a oficina pedagógica. Ocorre que existem poucos estudos dedicados a teorizar as oficinas como recurso didático para o docente. A partir destas questões, pensou-se em criar um modelo de Canvas para desenvolver uma metodologia de criação de oficinas pedagógicas. O Canvas se constitui em uma ferramenta administrativa bastante utilizada na concepção de planos de negócios e de jogos em geral, a qual pode ser adaptada para outras finalidades. Assim, após a concepção do modelo denominado Canvas para Oficinas Pedagógicas, elaborou-se um exemplo de oficina a partir deste protótipo, no qual o professor trabalhará sobre a morte durante a Peste Negra do século XIV e na pandemia de Covid-19, de forma a estabelecer semelhanças e diferenças. Entende-se que o Canvas para Oficinas Pedagógicas é uma metodologia versátil, pois contribui para a criatividade do professor, favorece o planejamento e a busca de soluções para problemas antes mesmo da execução da oficina e possibilita a reflexão posterior, com a finalidade de adaptar a mesma em outras oportunidades.

Palavras-chave: Canvas. Educação Básica. Peste Negra. Covid-19.

ABSTRACT

HISTORY OF DEATH IN THE 14th CENTURY: A PROPOSAL FOR HISTORY AND MIDDLE AGE TEACHING THROUGH PEDAGOGIC WORKSHOPS

AUTHOR: Mayara Faccin

ADVISOR: Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior

This dissertation links reflections about the history of death, of dying during the Middle Age, the necessity of approach the subject in the scholar environment, and the current Covid-19 pandemic. It starts with the assumption that, even with death being a general phenomenon, the perception and the experience of dying are not. Hence, it is possible to find different perspectives are not adequately explored during Basic Education, with death often appearing as a quantification of fatalities in a certain event. Thus, it is discussed not only the necessity of a deeper debate about the history of death, but also the importance that the school does not remove itself from this discussion, to bridge the scientific knowledge to the students' daily life. To do it, a teaching method that may help the teacher in the approach of this and other controversial subjects is a pedagogic workshop. The main issue is the scant research dedicated to theorizing these workshops as a didactic resource to teachers. Based on these questions, a Canvas model was created to develop a methodology of pedagogic workshop design. Canvas is a broadly used administrative tool applied in the conception of business plans and games in general that can be adapted to many other purposes. Therefore, with the conception of the Pedagogic Workshop Canvas Model, this idea is illustrated with an example of a workshop, in which the teacher can approach death during the Black Death in the 14th century and the Covid-19 pandemic, to discuss similarities and differences. The Pedagogic Workshop Canvas Model is a versatile methodology that contributes to the teacher's creativity, favors the planning and troubleshooting even before the workshop execution, and allows improvements, after which the same workshop may be adapted and enhanced for other opportunities.

Keywords: Canvas. Basic Education. Black Death. Covid-19.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2.1	OS RITOS FÚNEBRES NA MORTE VIVIDA	21
2.2	A MORTE NA IDADE MÉDIA	26
2.2.2	Perspectivas pós-morte para os vivos: o Além	33
2.2.3	A peste negra e o Covid-19: reflexões sobre tempos de epidemias e pandemias	41
2.3	POR QUE ESTUDAR A MORTE NA IDADE MÉDIA NAS AULAS DE HISTÓRIA?.....	45
3	ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA DA MORTE NA IDADE MÉDIA: UMA ABORDAGEM POR MEIO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS	50
3.1	CANVAS: UMA FERRAMENTA PARA GESTÃO DE PROJETOS	55
3.2	EXPANSÃO DO CANVAS PARA OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO ...	57
3.2.1	Tema/Conceito	63
3.2.2	Disciplina(s)	63
3.2.3	Competências e habilidades	63
3.2.4	Participantes	64
3.2.5	Contexto	65
3.2.6	Duração	66
3.2.7	Recursos materiais	66
3.2.8	Recursos financeiros	66
3.2.9	Estratégia didática	67
3.2.10	Subproduto	68
3.2.11	Atividade prática	68
3.2.12	Adaptação para PcD	68
3.2.13	Avaliação	69
3.2.14	Feedback da oficina	69
3.2.15	Ajustes na oficina	70
3.3	EXEMPLO DE OFICINA.....	70
3.3.1	Tema/Conceito	74
3.3.2	Disciplina(s)	74
3.3.3	Competências e habilidades	74
3.3.4	Participantes	75
3.3.5	Contexto	75
3.3.6	Duração	76
3.3.7	Recursos materiais	76
3.3.8	Recursos financeiros	76
3.3.9	Estratégia didática	77
3.3.10	Subproduto	78
3.3.11	Atividade prática	79
3.3.12	Adaptação para PcD	80
3.3.13	Avaliação	81
3.3.14	Feedback da oficina	82
3.3.15	Ajustes na oficina	82
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	88
	APÊNDICE A – TEMPLATE CANVAS PARA OFICINA PEDAGÓGICA (IMPRIMIR EM FOLHA A1, A2 OU A3)	95
	APÊNDICE B – CARDS DO CANVAS PARA OFICINA PEDAGÓGICA (ESTRATÉGIA DIDÁTICA)	96

APÊNDICE C – CARDS DO CANVAS PARA OFICINA PEDAGÓGICA (SUBPRODUTO)	97
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO PARA ANÁLISE DE FONTES	98
ANEXO A – LIBER CHRONICARUM CUM FIGURIS ET YMAGINIBUS AB INITIO MUNDI	101
ANEXO B – A GRANDE PESTE (1348)	102
ANEXO C – A PESTE NEGRA NA INGLATERRA (S. XIV)	103
ANEXO D – ANTIQUITATES FLANDRIAE	105
ANEXO E – OS FLAGELANTES (1349)	106
ANEXO F – NOTA OFICIAL DE 13 DE ABRIL DE 2020	107
ANEXO G – NOTA OFICIAL DE 03 DE SETEMBRO DE 2020	108
ANEXO H – NOTA OFICIAL DE 10 DE DEZEMBRO DE 2020	109
ANEXO I – NOTA OFICIAL POSTADA EM 09 DE JANEIRO DE 2021	110
ANEXO J – NOTA OFICIAL POSTADA EM 8 DE FEVEREIRO DE 2021	111
ANEXO K – NOTA OFICIAL POSTADA EM 16 DE MARÇO DE 2021	112
ANEXO L – NOTÍCIA “PRIMEIRA VÍTIMA DO RJ ERA DOMÉSTICA E PEGOU CORONAVÍRUS DA PATROA NO LEBLON”	113
ANEXO M – NOTÍCIA “COVID-19: PRIMEIRA MORTE NO BRASIL OCORREU 4 DIAS ANTES DO QUE SE PENSAVA”	115
ANEXO N – NOTÍCIA “PRIMEIRA VÍTIMA FATAL DA COVID-19 POR FALTA DE UTI EM SP TINHA 22 ANOS”	117
ANEXO O – NOTÍCIA “COVID-19: MANAUS VIVE COLAPSO COM HOSPITAIS SEM OXIGÊNIO, DOENTES LEVADOS A OUTROS ESTADOS, CEMITÉRIOS SEM VAGAS E TOQUE DE RECOLHER”	119
ANEXO P – NOTÍCIA “‘VI FAMÍLIAS DIZIMADAS’: RELATOS DRAMÁTICOS DA PANDEMIA QUE DEIXOU 400 MIL MORTOS NO BRASIL”	127
ANEXO Q – NOTÍCIA “NO BRASIL, FAMILIARES TÊM APENAS 10 MINUTOS PARA SE DESPEDIR DOS MORTOS”	137
ANEXO R – NOTÍCIA “PANDEMIA LEVA BRASILEIROS A REINVENTAR O LUTO POR SEUS MORTOS”	145
ANEXO S – NOTÍCIA “‘VOLTO RÁPIDO’ E ‘TÔ APAVORADO’: AS ÚLTIMAS MENSAGENS DE VÍTIMAS DA COVID-19”	149

1 INTRODUÇÃO

Em algum momento de nossa existência, vamos nos deparar com a morte de algo ou alguém que nos é caro. Se formos adolescentes ou adultos, pode acontecer, nessa hora, que não aceitemos exatamente o que está acontecendo, principalmente quando se trata de uma tragédia ou um episódio no qual, segundo nossa concepção, poderíamos ter evitado e, por isso, tendemos a nos culpar pelo ocorrido. Já, quando somos crianças, podemos até pensar que aquele que morreu está apenas “dormindo” e que, no dia seguinte, vamos tornar a vê-lo. E, a fim de resolver rapidamente a série de perguntas que nosso cérebro curioso faz ao se deparar com uma situação, no mínimo, diferente, contam-nos uma história de que a pessoa que está ali dentro de uma caixa de madeira e cercada por flores, velas e pessoas chorando, foi “morar no céu”.

Para Adelise Salvagni, a criança

[...] percebe a morte como uma separação que pode se reverter. A partir dos cinco anos, começa a perceber a imobilidade das pessoas mortas, mais ainda não entende totalmente as diferenças entre um ser inanimado e um ser animado. Com sete anos a criança compreende a noção de causa e efeito, o que lhe permite imaginar motivos causadores da morte. Por volta dos nove, dez anos, entende que a morte é irreversível, universal, permanente e inevitável. Assim, ela já percebe a diferença entre seres inanimados e animados e também reconhece que a morte é uma etapa da vida (SALVAGNI *et al*, 2013, p. 51)

Logo, quando há maior maturidade, passamos a um estado de consciência, não apenas da morte enquanto um fator inerente e universal de todo ser vivo, mas também de que, como seres vivos, também teremos o mesmo fim, em maior ou menor tempo. Ainda assim, as dúvidas persistem: o que é o morrer? Por quê morrer? E, o que acontece depois?

De acordo com Norbert Elias (2001), pode-se pensar o morrer a partir de duas vertentes: uma, que considera que o fim da vida humana nada mais é do que uma passagem para uma nova vida em algum lugar mitológico; outra, na qual “[...] podemos encarar a morte como um fato de nossa existência; podemos ajustar nossas vidas, e particularmente nosso comportamento em relação às outras pessoas, à duração limitada de cada vida” (ELIAS, 2001, p. 7).

Ambas as linhas de pensamento acabam, de certa forma, por conviver. Para Arnold Van Gennep (2013), a ideia mais difundida é a de que existiria um mundo no além-túmulo semelhante ao nosso, porém mais agradável, no qual a sociedade se organizaria de forma mais ou menos parecida com a que o indivíduo possuía quando morreu. A partir da influência de

vertentes religiosas, é comum acreditar na existência de uma vida após a morte, o que reconforta os crentes, no sentido de ter uma possibilidade de viver mais do que os ínfimos anos que são concedidos ao ser humano na Terra. Por outro lado, é comum encontrar relatos de pessoas que, ao se depararem com doenças terminais, acabem repensando o estilo de vida que viviam até então e decidem aproveitar as últimas migalhas de tempo que lhes restam, fazendo aquilo que tanto postergaram com uma forma de garantia de que, se não houver vida após a morte ou um processo reencarnatório, pelo menos a pessoa fez tudo o que gostaria de ter feito enquanto viveu.

Seguindo com a linha de raciocínio de Elias (2001, p. 11), “na verdade não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos”. Para o autor, isso decorre do fato de que o ser humano é o único que tem consciência de sua finitude, a qual pode se dar a qualquer momento, o que não acontece com todos os outros animais da face da terra, que agem de forma instintiva.

De fato, até então, não é determinado que os animais tenham algum tipo de preocupação sobre a morte ou a finitude de suas vidas. A ignorância, nesse caso, seria uma virtude, dado que o ser humano agiria em qualquer situação sem se limitar à periculosidade que tal momento esteja ou não ocasionando em sua própria existência. Por exemplo, o medo associado ao dirigir um carro está diretamente relacionado com a possibilidade de ocasionar um acidente e perder a própria vida ou causar a morte de alguém. Sem o conhecimento da perspectiva do morrer, poderíamos dirigir sem nenhuma preocupação conosco e com nosso próprio semelhante, dado que não saberíamos da existência desse fator. Isso também pode ser traduzido num ideal de liberdade sem limites.

Por outro lado, a ausência do medo relacionado ao morrer poderia ocasionar o caos social e, até mesmo, a própria extinção da espécie humana, pelo fato do ser humano agir sem considerar os riscos à sua própria vida em contextos específicos de violência, por exemplo. Nesse sentido, ter a consciência da morte enquanto um fato inevitável traz maior responsabilidade perante a própria vida e a daqueles que nos cercam. E daí provém, também, a angústia, pois desconhecemos se, após a morte, acontece algo além da já conhecida decomposição do corpo humano, se é que algo acontece.

Para Jean Ziegler (1977),

É a morte que dá vida, pois a morte me impõe a consciência da finitude de minha existência. Ela confere a cada um dos meus atos uma incomparável dignidade e a cada instante que passa a sua unidade. Na fluida duração, ela me singulariza. Sem ela eu não seria ninguém, no sentido mais exato do termo. (ZIEGLER, 1977, p. 12)

Ou seja, ao tomar conhecimento da finitude dos meus dias, percebo minha fragilidade e o quanto eu preciso viver intensamente cada segundo que me é dado, tendo em vista que haverá um dia que realmente será o último. Para o autor, portanto, o conhecimento da finitude é uma dádiva, porque a morte traz um significado especial para cada gesto, atitude ou ação desenvolvida pelo ser humano. Daí também o ditado: “só se vive uma vez”. Sem a morte, poderíamos postergar eternamente algo que desejassemos fazer, simplesmente porque haveria “todo o tempo do mundo” para realizar tal desejo. Logo, nos manteríamos imóveis.

A imortalidade também acarretaria consequências no que se refere ao legado para a posteridade. É fato que todas as pessoas morrem fisicamente, porém algumas permanecem vivas na memória da humanidade. Àquelas que são lembradas, como Cleópatra, Jesus Cristo ou Adolf Hitler por exemplo, o são porque realizaram feitos que se destacaram em algum momento de suas vidas e, por tais razões, sabemos de suas existências e aprendemos com seus atos. Porém, a maior parte da população mundial vai ser esquecida com o passar do tempo e, por essa razão, o ser humano tenta desesperadamente deixar registros de sua passagem, seja numa imagem, num documento ou em algum objeto. Logo, conclui-se que a morte se torna o motor de produção de legado para a posteridade.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a morte também é um produto cultural e, como tal, passível de ser analisada como “prática cultural” e como “representação”. De acordo com Barros (2011), as práticas culturais relacionam-se

[...] não apenas em relação às instâncias oficiais de produção cultural, às instituições várias, às técnicas e às realizações – por exemplo os objetos culturais produzidos por uma sociedade –, mas também em relação aos usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada pelo historiador. São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem seus estrangeiros. (BARROS, 2011, p. 46-47)

Consideremos o fato de que a morte se constitui como uma situação inerente ao ser humano. Ocorre que, quando a mesma acontece com aqueles que amamos ou em uma situação de grande comoção, dois movimentos colocam-se em movimento: o primeiro são as instituições (políticas, religiosas, sociais), a fim de dar um destino para o(s) morto(s); o segundo, são as próprias atitudes humanas, as quais condizem com uma determinada época.

Logo, ao nos calarmos diante do tabu da morte, contribuimos na manutenção de um silêncio que foi instituído em algum momento na nossa sociedade. Já quando optamos por

falar a respeito, podemos provocar mudanças sociais e nos familiarizar com um acontecimento que é inevitável para todos. As atitudes do ser humano, assim, podem nos dizer muito sobre quem ele é e o contexto em que ele vive, dado que suas ações e reações, na maioria das vezes, são resultantes de processos de construção social. Já em outras vezes, quando acontece um desvio na conduta socialmente normalizada, pode-se tanto moldar o próprio meio para uma nova atitude diante da morte, quanto ser repreendido por estar quebrando o padrão.

Quanto a noção de representação, Chartier (1988) apresenta dois significados. Para ele, tal conceito se trataria de algo que possibilita construir uma imagem de uma coisa que não está presente. Ou, ainda, pode se referir à exposição pública de uma coisa ou pessoa. Já Barros (2011) a sintetiza como “[...] um certo modo de “ver as coisas”, de dá-las a ver, de refigurá-las” (BARROS, 2011, p. 48).

A fim de melhor compreender o fenômeno e traduzir aquilo que ela faz tanto com quem está enlutado, quanto com quem morre, muitas sociedades humanas representaram a morte de diferentes maneiras ao longo do tempo. Por exemplo, a representação da caveira utilizada a partir da Idade Média, a representação do deus Hades na Grécia Antiga, um corpo pálido com vestes negras e capa no filme *O sétimo selo* (1957), de Ingmar Bergmann. Todas podem ser consideradas como representações da figura da morte.

Porém, a morte em si é intangível, sendo seu único produto um corpo sem vida. Todo o restante são práticas e representações a ela relacionadas, em um movimento cíclico. Logo, para Barros (2011, p. 51), “as práticas [...] geram representações, e as suas representações geram práticas, em um emaranhado de atitudes e gestos no qual não é possível distinguir onde estão os começos – se em determinadas práticas, se em determinadas representações”. Ele, ainda, complementa que “[...] as ‘práticas’ e ‘representações’ são sempre resultantes de determinadas motivações e necessidades sociais”. A motivação aqui pode ser a noção de que, sendo possível vê-la, a morte deixa de se tornar misteriosa e obscura, de modo que se torna mais próxima e palpável; a necessidade é, talvez, de que ela seja menos temível.

O presente trabalho tem por objetivo criar uma metodologia que auxilie o professor na construção de oficinas pedagógicas para o ensino de História. A escolha das oficinas foi considerada relevante, dado que a mesma traz a possibilidade para inúmeras propostas de intervenções em sala de aula. Além disso, trata-se de uma prática cujo resultado congrega professores e alunos na construção do conhecimento. Contudo, há uma carência de metodologias que ensinem como o professor pode criar uma oficina pedagógica e, para isso,

propomos uma metodologia que possibilite o docente nesse processo e o possibilite a aperfeiçoar suas criações ao longo do tempo.

A fim de exemplificar como a metodologia funciona e para contribuir com o ensino do medievo nas escolas, escolheu-se como tema a morte na Baixa Idade Média, especificamente no século XIV. Justifica-se tal escolha, em primeiro lugar, porque a morte raramente é debatida nas escolas. No que se refere ao ensino de história, tem-se algumas intervenções ao trabalhar com a mumificação egípcia, mas depois o assunto é apenas tratado como número. O segundo ponto a ser considerado é porque o ensino de história medieval na educação básica é frequentemente normalizado como um período ruim ou ultrapassado, distante da realidade brasileira e que antecedeu ao Renascimento. O propósito, com o exemplo da oficina criada, é desmistificar com tais percepções e criar relações entre a Idade Média e a atualidade, de modo que se possa refletir sobre o passado e o presente.

Para tal, optou-se pela divisão deste trabalho em dois capítulos. No primeiro capítulo, parte-se de uma discussão acerca do conceito da morte e das implicações da mesma na atualidade, considerando-se o tabu sobre o assunto, a pandemia de Covid-19 e a sensação de distanciamento entre o ser humano do Ocidente e o fenômeno. Em seguida, trazemos a discussão sobre a morte na Baixa Idade Média, período com forte influência da Igreja Católica, em que se fundamentam as bases para o pensamento religioso ocidental. Após os aspectos gerais apresentados, afunilamos o assunto para a Peste Negra, de modo a traçar distanciamentos e proximidades entre o período medieval e a atual pandemia. O capítulo se encerra, por fim, com uma discussão acerca dos motivos pelos quais o tema da morte precisa ser incluído no ambiente de sala de aula.

Já o segundo capítulo apresenta como trabalhar o tema da morte na educação básica. Conforme dito anteriormente, a oficina pedagógica apresenta-se como uma ferramenta promissora a ser utilizada em sala de aula, mas que carece de métodos para sua criação. Assim, após discutir sobre as potencialidades da mesma, o capítulo traz um Canvas específico para que o docente possa utilizá-lo na construção de sua própria oficina. Por fim, apresentamos um exemplo de construção de oficina sobre a morte na Baixa Idade Média com o uso da metodologia adotada.

2 REFLEXÕES SOBRE O MORRER NA IDADE MÉDIA¹

Como discutido anteriormente, a consciência da morte nos gera angústia, mas também nos coloca em movimento. Mas, o que é o morrer? Ziegler (1977) afirma que existem quatro critérios fisiológicos que determinam o instante da morte. São eles:

1 – *Não-receptividade e não-reação*: ausência total de reações aos estímulos internos e completa não reação; mesmo os estímulos mais dolorosos não provocam reação vocal ou outra, nem mesmo um gemido, ou a contração de um membro, ou aceleração da respiração.

2 – *Ausência de movimentos respiratórios*: as observações prolongadas, pelo período de uma hora pelo menos, feitas pelos médicos são de natureza a satisfazer o critério de ausência de movimento muscular espontâneo, ou de respiração espontânea, ou qualquer outra reação a estímulos tais como a dor, o tato, o som ou a luz; depois de ter colocado o paciente num pulmão artificial pode-se constatar a ausência total de respiração espontânea ao se desligar o aparelho, deixando-o sem corrente elétrica durante três minutos e observando se o paciente tenta respirar espontaneamente.

3 – *Ausência de reflexos*: o coma irreversível, com abolição da atividade do sistema nervoso central, é em parte confirmado pela ausência de reflexos provocados; a pupila permanece fixa e dilatada e não reage a nenhuma fonte direita de luz viva; o clínico pratica a incisão da pupila dilatada-fixa; movimenta a cabeça e irriga as orelhas com água gelada; os movimentos das pálpebras estão ausentes. [...]

4 – *Encefalograma plano*: o encefalograma isoeletrico, ou plano, confirma o valor do diagnóstico sob condição de que os eletrodos sejam corretamente aplicados, que o aparelho funcione normalmente e que o pessoal encarregado seja competente. Não deve haver reação encefalográfica aos ruídos e beliscaduras. Tais indicações servem para comprovar a destruição cerebral irreversível e são válidas exceto em dois casos: o primeiro quando há hipotermia [...]; a segunda quando há influência de depressores [...]. (ZIEGLER, 1977, p. 180-181)

Ou seja, para que alguém seja considerado morto, seria necessário que essa pessoa não respondesse a nenhum estímulo externo provocado pelo médico que é responsável por atestar sua morte, além de apresentar total imobilidade do funcionamento de todos os seus órgãos. A morte, nesse sentido biológico, é simplesmente o momento em que um corpo móvel e reagente se torna, interna e externamente, imóvel e não-reagente.

Porém, o morrer não se reveste apenas de um aspecto biológico. Cada sociedade humana, dentro de seu tempo e espaço, confere sentidos únicos e multidimensionais para essa etapa da vida humana. Por isso, indo além da biologia do corpo humano, é preciso compreender como cada sociedade, em cada contexto, formulou seu próprio sentido de morrer e como os teóricos perceberam esses sentidos ao longo do tempo. Dessa forma, abrimos possibilidade para pensar como a questão da morte se coloca na nossa sociedade.

¹ Considerou-se, na presente dissertação, apenas as perspectivas de morte da Idade Média sob a perspectiva cristã e católica. Sabe-se, porém, que na Idade Média, junto com os cristãos, conviveram muçulmanos, judeus, dentre outras práticas religiosas que misturavam crenças católicas e pagãs.

De acordo com Michel Vovelle, a morte pode ser pensada a partir de três diferentes aspectos. O primeiro deles é a “morte sofrida”, que se trata do ato concreto da morte. A partir da morte sofrida, podemos estabelecer porcentagens quantitativas relacionadas com a finitude da vida e criar teorias acerca de motivos que geraram maior ou menor mortandade de uma parcela populacional estudada em um período espacial e temporal previamente definido (VOVELLE, 1996, p. 13). Por exemplo, pode-se calcular a quantidade de pessoas de duas classes sociais distintas que morreram de COVID-19 e, a partir disso, questionar os motivos pelos quais houve maior número de mortes em uma e não na outra.

A segunda é a “morte vivida”, a qual pode ser definida como “um complexo de gestos e ritos que acompanham o percurso da última doença à agonia, ao túmulo e ao além” (VOVELLE, 1996, p. 14). Trata-se, portanto, da observação acerca de como diferentes setores da sociedade vão sistematizar a morte dentro de um conjunto de práticas que podem ou não estar relacionadas (VOVELLE, 1996, p. 14). A título de exemplo de uma pesquisa sob essa perspectiva, posso descrever os ritos funerários de uma mesma religião ao longo do tempo e estabelecer comparações, na busca por mudanças e permanências.

E, por fim, têm-se os “discursos da morte”, em que se observa discursos conscientes e inconscientes produzidos pela coletividade sobre a morte (VOVELLE, 1996, p. 14-15). Exemplificando, pode-se pensar em narrativas religiosas que justificaram a ocorrência da peste negra e as mortes a ela relacionadas na Idade Média. Ou, ainda, nas alegações político-ideológicas relacionados a pandemia de Covid-19 e na forma como as mesmas promovem ou atacam as explicações científicas acerca da doença, seja divulgando-as, seja por meio de *Fake News* (notícias falsas).

Neste momento, portanto, a morte em si é um fato concreto, ao qual tudo aquilo que é vivo vai um dia experimentar. Porém, o morrer não é, dado que o mesmo se transforma de acordo com o tempo e o espaço. Ziegler detém-se sobre a sociedade contemporânea. Para ele, a sociedade mercantil capitalista deturpou o sentido do morrer, a ponto de transformar a morte humana, que até então era feita de forma consciente, em um processo anulatório, escondido e mentiroso cuja consequência é a finitude do ser humano de modo totalmente ignorante. Nessa perspectiva, além de determinar o momento da morte do sujeito, impedindo-o de morrer na hora e do jeito que lhe convém, a sociedade capitalista apresenta uma falácia de que todo ser humano é igual perante a morte (ZIEGLER, 1977).

Tal afirmação é falsa, de acordo com o autor, porque a morte e as representações que são formadas por meio desse acontecimento constituem-se de um fenômeno social e, como tal, são “[...] investidas, trabalhadas, petrificadas pela experiência de idade, classe, região,

clima, cultura, luta e utopia (ZIEGLER, 1977, p. 135). Logo, afirmar que todo ser humano é igual perante a morte se trata, para ele, de uma estratégia de dominação por meio de violência simbólica, utilizada pela sociedade capitalista dominante para mascarar um sistema baseado na desigualdade de oportunidades para todos. E, como essa classe venceu, a consequência é de que os dominados não possuem uma imagem ou representação própria da experiência do morrer, o que poderia servir tanto como forma de consciência, como por forma de revolta contra essas desigualdades (ZIEGLER, 1977, p. 136).

De forma correlata, Elias afirma que

Não só de meios de comunicação ou padrões de coerção podem diferir de sociedade para sociedade, mas também a experiência da morte. Ela é variável e específica segundo grupos; não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular: foi aprendida (ELIAS, 2001, p. 11)

Embora o autor concorde com Ziegler (1977) quanto ao caráter cultural da morte, sendo algo no qual os seres humanos aprendem na convivência uns com os outros, para Elias o ponto principal é que a sociedade atual não consegue mais se identificar com os moribundos. Essa “solidão dos moribundos” teria acontecido porque, dentro do processo civilizador, houve o recalçamento da morte aos bastidores da vida social e, como os moribundos constituem-se como uma “lembrança” de que também nossa vida chegará ao fim, os mesmos também acabam sendo isolados. Se nos contextos anteriores ao processo civilizatório a expectativa de vida da população era mais curta, agora há um contexto de segurança relativa que, conseqüentemente, torna a durabilidade do tempo humano maior na sociedade atual. Como “a vida é mais longa, a morte é adiada. O espetáculo da morte não é mais corriqueiro. Ficou mais fácil esquecer a morte no curso normal da vida” (ELIAS, 2001, p. 15).

Aqui, pode-se fazer um paralelo com a banalização ocorrida no ano de 2020 com relação ao número de mortos pela pandemia de COVID-19 no Brasil. Diariamente, somos atualizados acerca da quantidade dos mortos da pandemia e, apesar do crescimento dos números, perdemos a sensibilidade com relação a eles. Não se trata mais do Pedro que jogava bola comigo na infância, da Maria que fazia maravilhosos brigadeiros ou do João que tinha o sonho de ser cantor, mas sim puramente de três novas vítimas, talvez com comorbidades que facilitaram a morte pelo COVID. Ao desumanizar os números de vítimas, perdemos a oportunidade de repensar os reais problemas envolvidos na questão e, em consequência,

também nos desumanizamos. Nesse sentido, além da alteração na relação entre vivos e mortos, os ritos fúnebres e o próprio processo do luto sofrem alterações significativas.

2.1 OS RITOS FÚNEBRES NA MORTE VIVIDA

Vimos anteriormente que a definição de “morte vivida” tem relação com os ritos que iniciam desde a descoberta da doença letal, morte, ritos funerários e o além-túmulo. Entretanto, “todo mundo sabe que nada varia tanto com os povos, [...] quanto os ritos funerários. [...] Além disso, os ritos funerários complicam-se pelo fato de um mesmo povo ter várias concepções contraditórias ou diferentes sobre o mundo de além-túmulo” (VAN GENNEP, 2013, p.128).

Até pouco tempo atrás, citando por exemplo um rito fúnebre católico, dependendo da forma como se morria, o recém-falecido podia ou não ser encaminhado ao Instituto Médico Legal (IML), o qual determinava a causa da morte. Em seguida, o corpo era reconhecido e liberado para os familiares, os quais organizavam o velório em conjunto com uma funerária. O corpo ficava sendo velado no mínimo por doze horas, momento em que os mais íntimos se aproximavam para despedidas, orações e abraços reconfortantes aos enlutados. Findo o velório, fazia-se a “missa de corpo presente”, em que se encomendava o corpo para Deus. E, por fim, o corpo era levado até o cemitério, onde era sepultado após a benção do padre e novas orações.

Ora, a pandemia de COVID-19 modificou essa dinâmica, principalmente se a *causa mortis* foi justamente essa doença. Os protocolos para enterro nesse caso em específico têm se limitado a despedidas rápidas (fala-se em cinco minutos, quando isso acontece) e restrito apenas a familiares. Todos precisam, ainda, utilizar roupas de proteção e manter o distanciamento uns dos outros para evitar qualquer forma de contaminação com o vírus. Ainda, houve notícias de lugares em que foi preciso abrir covas provisórias para conseguir enterrar os mortos, ou mesmo de pessoas que nem chegaram a poder se despedir dos falecidos vítimas da doença. Percebe-se, portanto, que a execução dos ritos fúnebres depende de inúmeros fatores e varia de acordo com o contexto espacial e temporal.

Ademais, há de se considerar também a forma como cada religião entende o ser humano. Para Van Gennep (2013, p. 128), “o homem é considerado formado de vários elementos cujo destino não é o mesmo depois da morte”. Ou seja, de acordo com algumas concepções, o ser humano é composto de duas partes (corpo e alma) ou de três partes (corpo, alma e espírito), os quais possuem fins diversos quando a morte acontece. Enquanto o corpo

seria destinado à terra e decomposto (ou tornado pó, de acordo com a tradição cristã), o elemento corpóreo migra para um plano espiritual (o Além para os cristãos), local onde, de acordo com as ações do morto em vida, poderia ser de alegrias ou sofrimentos.

Além disso, o autor afirma que há uma relação entre sagrado e profano no que se refere a morte, tendo em vista essa diversidade de destinos para as diferentes partes daquilo que compõe o ser humano e a crença, maior ou menor, em fenômenos religiosos ou científicos. Logo, enquanto as sociedades modernas possuem uma oscilação maior entre sociedade religiosa e sociedade leiga, em sociedades mais simples tem-se a predominância maior de ritos que se revestem de um caráter sagrado (VAN GENNEP, 2013).

Assim,

A vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. Nos lugares em que as idades são separadas, e também as ocupações, esta passagem é acompanhada por atos especiais, que, por exemplo, constituem, para os nossos ofícios, a aprendizagem, e que entre os semicivilizados consistem em cerimônias, porque entre eles nenhum ato é absolutamente independente do sagrado. (VAN GENNEP, 2013, p. 24)

A tais atos especiais o autor denomina de ritos de passagem, cujo objetivo principal seria realizar a passagem de um indivíduo de um grupo para outro, a fim de integrá-lo. Para ele, existem três tipos de ritos: os ritos de separação, realizados por exemplo nos funerais; os ritos de agregação, que ocorrem nas cerimônias de casamento; e os ritos de margem, os quais acontecem em todas as cerimônias, em que o indivíduo situa-se em dois mundos por um período de tempo mais ou menos longo (VAN GENNEP, 2013).

No que se refere à morte em específico, acionam-se os três tipos de ritos, os quais são realizados de modo tanto a acalantar os vivos, quanto a auxiliar o morto. Dessa forma, os ritos de margem relacionam-se principalmente com aqueles que estão vivos e acabam de perder um ente querido. No caso desses, o autor considera fundamental a existência do processo do luto, tido por ele como um estágio de margem, o qual pode durar maior ou menor tempo dependendo das relações de parentesco estabelecidas entre o morto e os enlutados². Ao final

² Van Gennep (2013) considera que ocorre a renovação periódica do laço entre vivos e mortos, principalmente durante refeições em comum ou visitas. Porém, aos poucos o vínculo vai relaxando, até romper-se, o que se constitui como a finalização do período de margem, com a integração do vivo na sociedade, a do morto no mundo dos mortos e a separação definitiva entre ambos.

do período de luto, ocorrem os ritos de agregação³, para que os vivos possam reintegrar-se em sociedade (VAN GENNEP, 2013).

Já as práticas funerárias⁴ são caracterizadas como ritos de separação e teriam a função de separar o morto do mundo dos vivos. Incluem-se, também para os mortos, rituais de agregação, a fim de que eles sejam admitidos em sua nova vida. Van Gennep (2013) descreve a necessidade que as sociedades possuem em preparar esse morto para o ingresso em sua nova condição, bem como para impedir o seu retorno ou que novas mortes acontecessem:

O que nos importa aqui é que o morto, tendo de realizar uma viagem, os sobreviventes tomam o cuidado de muni-lo de todos os objetos necessários, materiais (roupas, alimentos, armas, utensílios) ou mágico-religiosos (amuletos, signos e senhas, etc.), que lhe garantirão, como se fosse um viajante vivo, uma marcha ou travessia e depois um acolhimento favorável. [...] Todos esses ritos impediam o morto de morrer novamente cada dia, fato que muitos povos consideravam possível e que se combina às vezes com a ideia de que em cada vez o morto passa de uma morada para outra [...] (VAN GENNEP, 2013, p. 133-138).

Pode-se pensar, por exemplo, nos rituais de mumificação egípcios, os quais tinham por finalidade preparar os defuntos para a vida após a morte. Nesse sentido, conforme o corpo estava sendo enfaixado, vários amuletos eram distribuídos para proteger o cadáver na sua viagem ao Além. Ou mesmo na relação entre vivos e mortos na Idade Média, a qual será tratada mais adiante, em que ambos tinham deveres para cumprir para com o outro e, em troca, garantiam alguns benefícios.

Tal solidariedade em relação aos mortos, seja de preparar sua viagem ou de impedir maior sofrimento ao mesmo, não condiz com a visão de Ziegler (1977) sobre a sociedade ocidental em relação aos seus próprios falecidos. Para ele, perante a sociedade capitalista, o indivíduo só possui valor enquanto for um ser produtivo e consumidor, logo, vivo. Já os defuntos são seres que não produzem, consomem, obedecem ou se deixam adular pelas seduções do sistema capitalista. Logo, não se sabe exatamente o que fazer com eles e isso se reflete na perda de empatia com os mesmos (ZIEGLER, 1977).

³ Dentre os ritos de agregação, Van Gennep (2013) aponta para as refeições consecutivas aos funerais ou aos banquetes de festas comemorativas, cuja finalidade é ligar novamente os membros sobreviventes após um dos seus ter partido. Pode-se ocorrer, ainda, uma festa após a suspensão do luto ou uma refeição logo após o fim do funeral provisório, quando o mesmo é feito em duas etapas.

⁴ Van Gennep inclui como ritos de separação: “[...] os diversos procedimentos de transporte do cadáver para fora, a queima dos utensílios, da casa, das joias, das riquezas do morto, a morte das mulheres, de seus escravos, de seus animais favoritos, as lavagens, unções e em geral os ritos chamados de purificação, os tabus de toda espécie. Além disso, existem procedimentos materiais de separação, a saber, fosso, caixão, cemitério, grade, colocação nas árvores, montes de pedra, etc., os quais são construídos ou utilizados ritualmente, terminando frequentemente o fechamento do caixão ou da tumba o rito inteiro, de maneira particularmente solene” (VAN GENNEP, 2013, p. 140-141).

De forma semelhante, Elias (2001) não percebe a solidariedade em relação aos mortos. Para ele, vários fatores dão conta do distanciamento entre os vivos, os moribundos e os finados, ocasionados pelo processo civilizador. Primeiro, porque o próprio assunto da morte em si já não é algo falado abertamente, principalmente no que se refere às crianças. Logo, se prefere inventar uma mentira ou falar sobre a existência de algo que não se sabe se realmente existe, a se explicar abertamente sobre uma etapa inescapável da vida humana. Segundo, porque já não conseguimos expressar sinceridade nas tentativas de ser simpático com quem está de luto ou morrendo. E ainda não temos algo para substituir as velhas fórmulas anteriormente utilizadas para demonstrar nossos sentimentos, mas que atualmente demonstram superficialidade. Terceiro, porque o próprio processo de cuidado com os cadáveres e com a sepultura já não passa mais pelos familiares. Foi delegado para especialistas. E, por fim, porque os funerais e as próprias visitas aos cemitérios posteriormente revestiram-se de um caráter solene, silencioso e abafado, o qual evidencia cada vez mais o distanciamento entre os vivos e os mortos (ELIAS, 2001).

O distanciamento com relação a morte também foi discutido por Philippe Ariès, o qual discorre que esse fenômeno teria se iniciado na segunda metade do século XIX, quando os parentes de um doente em estado terminal escondiam a gravidade da doença do próprio moribundo, a fim de poupar a dor do conhecimento pela própria finitude. Mais tarde, a modernidade ocasionou uma mudança nas motivações relacionadas a ocultação do fim iminente: não se mentiria mais para poupar o doente, mas sim para proteger a sociedade, que vive num ideal de vida feliz, de uma perturbação excessivamente forte e insuportável ocasionada pela presença da morte (ARIÈS, 2003, p. 84-85).

O processo de ocultação do fim iminente, com o tempo, se refletiu na mudança do local da morte e da solidão presente no ato, dado que

já não se morre em casa, em meio aos seus, mas sim no hospital, sozinho. [...] Antigamente era o asilo dos miseráveis e dos peregrinos; primeiramente tornou-se um centro médico, onde se cura e onde se luta contra a morte. Continua tendo essa função curativa, mas começa-se também a considerar um certo tipo de hospital como o lugar privilegiado da morte. Morre-se no hospital porque os médicos não conseguiram curar. Vamos ao hospital não mais para sermos curados, mas precisamente para morrer (ARIÈS, 2003, p. 85).

De fato, quando uma vida se encontra em risco, a primeira atitude que o grupo familiar tem com relação ao enfermo é encaminhar o mesmo para o hospital. Porém, ao contrário do que afirma Ariès (2003), entendo que tal atitude é mais um recurso do grupo familiar fundamentado na esperança de que os médicos irão retirar esse paciente de uma situação

crítica e conseguir um tempo maior de vida para o indivíduo. O hospital, portanto, se caracteriza como um local onde a vida ou formas de sobrevivência são prolongadas, mesmo em situações onde naturalmente isso já não fosse possível, como no caso de coma profundo. E, há ainda casos de médicos e hospitais que oferecem alta ao indivíduo cuja morte não tardará a acontecer, para que o mesmo possa ter seus últimos momentos em casa, cercado pelos seus familiares e não por pessoas estranhas ao seu convívio diário.

Ainda com relação ao hospital, Ariès afirma que a morte hospitalar perde o caráter ritualístico de outros tempos e se resume a uma decisão médica atestando a morte do indivíduo e o fim da necessidade de cuidados. Nesse sentido, o autor critica tanto o fato de que não se sabe ao certo quando o indivíduo morreu (se foi quando perdeu a consciência ou se foi quando deixou de respirar), quanto esses fenômenos técnicos modernos que puseram fim aos rituais relacionados aos moribundos e ao fim de suas vidas, os quais poderiam durar semanas e cujos participantes já não teriam mais paciência para aturá-los. Finalmente, Ariès aponta que houve a transferência de uma prática até então familiar (o cuidado com o moribundo) para a equipe hospitalar: “são eles os donos da morte, de seu momento e também de suas circunstâncias [...]” (ARIÈS, 2003, p. 86).

Cabe considerar, aqui, a relevância do aspecto econômico no que se refere ao acesso aos cuidados médicos. Assim, o poder econômico de uma família possibilita prolongar ou encurtar o estágio de coma profundo do moribundo, dado que manter um paciente num leito de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) ou Centro de Terapia Intensiva (CTI) é extremamente caro. Ainda, conforme as condições financeiras da família, o doente poderá tanto vir a falecer sem chegar a ter acesso a atendimento médico, como também passar por tratamentos com melhor ou menor eficácia.

Conforme discutido, o morrer apresenta elementos diretamente intrínsecos ao contexto de cada sociedade, sejam eles sociais, econômicos, religiosos ou científicos. Alguns elementos são efêmeros, tais como os atuais ritos fúnebres diante dos mortos vítimas de COVID-19, enquanto outros apresentam raízes históricas profundas, adquirindo modificações em maior ou menor grau ao longo do tempo. Nesse sentido, a Idade Média constitui-se como um período de referência para a sociedade ocidental, tendo em vista que se trata de um momento de consolidação do cristianismo na Europa e da criação e afirmação de alguns ritos que se fazem presentes até hoje na nossa sociedade.

2.2 A MORTE NA IDADE MÉDIA

Para se pensar a morte na Idade Média e, em consequência, o próprio período medieval em si, é importante destacar dois pontos fundamentais. O primeiro deles é a função da Igreja na mediação entre vivos e mortos, dado que a mesma vai, ao longo do período medieval, preocupar-se cada vez mais tanto no cuidado com os mortos, quando influenciar na relação destes com os vivos. O segundo é a concepção vigente no medievo, em que os atos praticados durante a vida terrena afetam diretamente a forma como uma pessoa irá viver no além (BASCHET, 2006, p. 374).

Nesse sentido,

é preciso sublinhar o caráter contraditório do tempo medieval. Como todas as sociedades tradicionais, a Idade Média é dominada pelo passado, referência ideal e legitimação dos fatos presentes; mas ela acrescenta aí o peso esmagador do futuro, sob a forma da esfera escatológica de um além eterno ou da esperança milenarista do paraíso sobre a terra. No mais, ela combina o tempo irreversível de uma história sagrada, que avança linearmente do seu início para seu fim, e um tempo anti-histórico, que retorna incessantemente (BASCHET, 2006, p. 337)

É na associação entre passado e futuro que a Igreja Católica irá, aos poucos, firmar sua base em termos de instituição com poderes espirituais e temporais, além de consolidar as principais bases da teologia católica, as quais ainda hoje influenciam o pensamento religioso no Ocidente. Iniciaremos, portanto, nossa discussão pela Igreja.

2.2.1 A Igreja⁵

Na atualidade, quando algum membro da Igreja Católica morre, acontecem vários rituais para “encomendar a alma” a Deus e confortar os enlutados. Isso revela, em certo sentido, que “a Igreja considera a morte uma simples passagem, o limite provisório da vida terrestre. Para além do seu limiar começa a vida eterna, que é uma “sobrevida”, no duplo sentido da palavra. Sua duração é ilimitada e acrescentada à duração limitada da existência terrestre” (ZIEGLER, 1977, p. 223). Nesse sentido, a morte é apenas uma ruptura entre o “antes” e o “depois”.

Ocorre que nem sempre foi assim. A falta de uma discussão mais aprofundada com relação à própria história da morte acaba por sugerir que o significado da morte e do morrer

⁵ Fala-se, aqui, especificamente da Igreja Católica Apostólica Romana. Outras religiões terão outras interpretações e ritos referentes à morte.

sempre foi o mesmo, em todos os locais. Contudo, a própria Igreja em si mudou radicalmente, tanto em si mesma, como na forma como tratava os mortos ao longo do tempo. E é durante a Idade Média que fica mais evidente, por se tratar do período de constituição da base do discurso teológico.

Isso porque a Igreja detém, na Idade Média, um poder espiritual fundamental para o período, o qual se relaciona com a preocupação dos seres humanos em ter uma boa morte e conseguir ter a alma salva das chamas do inferno, indo para o céu. Nesse sentido, a Igreja detinha três modos diferentes de atuação. O primeiro eram os dons sacramentais do batismo, da penitência e da unção dos enfermos, os quais possibilitavam a reconciliação com Deus após o cometimento dos pecados. O segundo era a orientação que a Igreja dava referente ao caminho a ser seguido para evitar a transgressão aos ensinamentos divinos. E, por fim, caso houvesse morte sem que todos os crimes tivessem sido reparados, havia a possibilidade de auxiliar as almas não totalmente perdidas para as chamas do Inferno, as quais se encontravam necessitadas (BASCHET, 2006, 376).

Tais práticas eram empregadas a fim de proteger a humanidade contra a influência do diabo. Organizam-se, portanto, meios para mantê-lo afastado, seja através de ritos, de preces, bênçãos ou objetos sagrados. É também com esse objetivo que se difunde o uso do sinal da cruz: para afastar o perigo satânico (BASCHET, 2006, p. 385).

De certa forma, ainda hoje as práticas que se iniciaram na Idade Média estão presentes na sociedade atual, principalmente no contexto religioso. É comum, por exemplo o hábito de “se benzer”, ou seja, executar o sinal da cruz ao nos depararmos com situações inexplicáveis, às quais imaginamos ser fruto de alguma força oculta e, frequentemente, considerada maligna. Da mesma forma, os sacramentos também se constituem de práticas fundamentais para os cristãos, de modo a manter um sentimento de pertencimento à comunidade católica.

Há de se considerar, inclusive, que a presença de forças espirituais também foi utilizada pela Igreja como meio de fortalecer sua autoridade no que se refere a relação entre vivos e mortos. Nesse aspecto, a Igreja torna-se detentora do exercício profético e, em certos casos, da decisão acerca da santidade (reservada a candidatos a santos ou membros do clero) ou influência diabólica quando ocorrem manifestações tidas por sobrenaturais (BASCHET, 2006, p. 323).

Nesse sentido, Jean-Claude Schmitt (1999) defende que a Igreja Católica, nos primeiros séculos de sua existência creditava às forças diabólicas a manifestação de fantasmas, associando-os ao paganismo. A chegada do ano 1000 trouxe o aumento da influência religiosa e material para a instituição, de modo que a mesma passou a afiançar e

organizar a solidariedade entre vivos e mortos. É aqui que se divulgam, de forma cada vez mais frequente, os relatos de fantasmas. Isso porque, além de ser a principal beneficiária dos sufrágios dos vivos em favor dos mortos, “[...] os relatos de fantasmas favoreciam a promoção da liturgia dos mortos, o desenvolvimento da piedade, a atração das doações piedosas, o reforço da influência da Igreja sobre a sociedade cristã” (SCHMITT, 1999, p. 23).

Como é possível perceber, a Igreja se beneficia com a divulgação dos relatos de fantasmas como uma forma de promover a relação entre vivos e mortos, sendo ela a intermediária entre eles. Deste modo, enquanto os vivos são levados a auxiliar os mortos por meio de orações e sufrágios e, ao mesmo tempo, não questionar os ensinamentos religiosos e o poder da Igreja, os mortos beneficiariam os vivos, garantindo-lhes socorro junto a Deus em suas necessidades.

Além disso, cabe ressaltar a criação de sínodos e tratados contendo ritos específicos para doentes e moribundos. Assim, todo doente acamado precisava chamar um padre, a fim de poder confessar-se, ser ungido e receber a comunhão: “de acordo com essa prescrição, três cerimônias sucessivas balizavam os últimos momentos da vida do cristão na terra: a visita ao doente, a reconciliação e a Eucaristia dada como viático” (AVRIL, 1996, p. 90-91 ver página).

Logo,

Assim que toma conhecimento de que um paroquiano está doente, o padre faz uma primeira visita sem levar a hóstia consagrada: é sem dúvida o momento da confissão. Com efeito, o padre volta à igreja e toca o sino para convocar os fiéis. Estes se reúnem em boa ordem e com respeito atrás de seu vigário, recitando por intenção do doente as orações que conhecem. Depois da comunhão, acompanham até a igreja o corpo de Cristo, “a fim de que o povo, na volta, tenha algo a adorar” (AVRIL, 1996, p. 99)

Tais ritos ainda hoje integram o dia-a-dia da igreja cristã, embora não necessariamente tenha que ser o padre a visitar o doente. Na atualidade, esta tarefa está mais sob-responsabilidade dos ministros da Eucaristia, os quais realizam a visita, levam palavras de conforto ao doente e a família, realizam orações em prol do moribundo e trazem a hóstia já consagrada para o mesmo comungar. Apenas em casos mais extremos é o padre quem irá ao encontro do enfermo, momento em que unge com a extrema-unção, ouve a confissão e o absolve, concedendo-lhe a hóstia consagrada.

Ocorre que, durante a Idade Média, a unção dos enfermos acaba por ficar em segundo plano quando comparados com a confissão e a comunhão com viático. Isso porque a mesma era tida por medicina espiritual, com possibilidade de renovação e recebida apenas por uma

pequena parcela da população, geralmente os mais ricos. A parcela mais pobre estava dispensada de tal rito justamente em virtude de sua pobreza (AVRIL, 1996, p. 99).

A Igreja, ao delegar o tratamento especial da extrema unção apenas aos mais ricos, aliava-se ao grupo dominante, como forma de manter os privilégios. Isso proporcionava uma relação simbiótica entre Igreja e aristocracia, a qual estavam excluídos os menos privilegiados.

Além do cuidado com as pessoas enquanto vivas, a Igreja também se ocupou do cuidado com o corpo dos mortos, designando para tal um espaço ao qual hoje em dia conhecemos como cemitério⁶. Lauwers aponta que, de acordo com o décimo quinto cânone do Concílio de Tribur, realizado em 895, “[...] todo fiel devia ser enterrado no lugar onde, quando vivo, pagava o dízimo” (LAUWERS, 2015, p. 60). Dessa forma, o espaço funerário consolidou o território paroquial, dado que o mesmo marca de forma concreta a presença do território sagrado.

Baschet (2006, p. 341) faz um resgate das práticas funerárias que aconteciam na Antiguidade romana para afirmar que, ao longo da Alta Idade Média, costumes antigos de enterro dos mortos em locais isolados conviviam com novas práticas funerárias de trazer os mortos para perto das Igrejas⁷, além do desinteresse da Igreja pelo que os parentes faziam com um morto⁸.

É durante o período carolíngio que se estabelecem rituais relacionados com a finitude da vida e a lembrança aos mortos, tais como a extrema-unção e as liturgias destinadas aos que morreram. Além disso, a Igreja estabelece um local específico para os mortos, de modo que os mesmos sejam enterrados não somente num mesmo espaço, mas também em proximidade com os vivos. Dessa forma, ao consagrar o cemitério como um espaço sagrado, o resultado é a maior procura do mesmo pelos cristãos para enterrarem seus mortos (BASCHET, 2006, p. 342).

⁶ De acordo com Lauwers (2015, p. 146), a palavra cemitério deriva de *koimētērion*, no grego, e *cimiterium*, no latim, os quais se referiam a um espaço funerário. Porém, inicialmente tratava-se de uma tumba individual, geralmente associada a um mártir, não ao espaço destinado a todos os mortos. Mais tarde, a partir do século X, que essa palavra passa a ser utilizada para designar o espaço funerário coletivo, destinado aos fiéis de uma igreja e com espaço consagrado como ela.

⁷ Para Michel Lauwers (2015, p. 38), enquanto os ritos funerários ainda não tinham uma intervenção direta da Igreja, eram os grupos de parentesco quem geriam o espaço funerário, o que mostra uma persistência de ritos praticados na Antiguidade romana. Além disso, as propriedades rurais podiam tornar-se espaços privados para a inumação de mortos. Tais fatos, de acordo com o autor, não significam a separação total entre vivos e mortos.

⁸ “Segundo Agostinho, as práticas funerárias constituem costumes sociais, úteis ao consolo dos vivos, mas sem efeito para a salvação da alma e, então, indiferentes do ponto de vista da Igreja” (BASCHET, 2006, p. 341). Entretanto, se para a Igreja as práticas fúnebres não contribuíam em nada para a salvação do morto, no que tange às práticas sociais o mesmo não ocorria, principalmente quando se referia à excomunhão e a privação de sepultura (LAUWERS, 2015, p. 58).

Assim,

A reunião dos mortos no cemitério paroquial propõe – ou impõe – uma imagem forte da *congregatio hominum*, pois ela é não somente obrigatória (doravante, as sepulturas isoladas são impensáveis), mas também comunitária: nele, as tumbas são marcadas de modo tênue, no máximo por uma cruz, mas sem plana nem inscrição do nome; e, quanto falta espaço, a terra é revirada e os ossos juntados em um dos lados do cemitério, sem se considerar as identidades individuais ou as continuidades familiares (BASCHET, 2006, p. 342-343).

A mesma prática é comentada por Lauwers, o qual destaca que os corpos normalmente eram enterrados em simples covas escavadas no solo, as quais não possuíam demarcações ou repartições espaciais. Dessa forma, assim que a carne se decompusse, o solo era revolvido, de modo tanto a dar lugar para novos corpos e reaproveitar tumbas, como para formar uma ancestralidade anônima:

A esse propósito, convém observar imediatamente que a ausência de procedimentos que visassem preservar a integridade dos esqueletos não equivale, de forma alguma, a uma falta de cuidado ou negligência; as práticas que acabam de ser evocadas são acompanhadas, de resto, de uma forma de respeito às ossadas – reduzidas, reunidas – e do frequente trabalho sobre o campo dos mortos, que se encontrava, nessa época precisa, sacralizado: em suma, os fiéis conferiam importância não à sepultura individual, mas ao espaço do cemitério em seu conjunto. É que, na terra dos cemitérios, os defuntos se transformavam, fisicamente, em ancestrais anônimos [...]. Além disso, quando os defuntos eram realmente inumados sem cuidado e sem consideração, os contemporâneos não deixavam se de comover (LAUWERS, 2015, p. 156).

E, ainda,

[...] se os vivos acorriam ao próprio local onde enterravam seus mortos, é porque esses queriam sua presença. O cemitério era, com efeito, o lugar dos pais e dos ancestrais – os *patres, maiores* e *antecessores* que os historiadores encontram em seus documentos; não ainda os “ancestrais” no sentido genealógico e individualizado, mas um mundo de mortos concebido de modo coletivo e anônimo, indissociável da dimensão costumeira da sociedade medieval (LAUWERS, 2015, p. 20).

Tem-se, portanto, a constituição da permanência do ideal comunitário alicerçado em vida no após-morte. Além disso, duas interpretações podem ser pensadas no fato de haver a revirada da terra, a exumação das ossadas e a junção em um único espaço. Primeiro, isso pode significar que, dado que a alma não habita mais o corpo, mas está salva em outro lugar, o corpo perde a importância que em vida possuía, como o receptáculo da alma. E, embora ainda seja tratado com respeito e com o devido cuidado por aqueles que reviravam a terra, ainda assim o mesmo não é mais importante o suficiente para ficar em um único espaço que seja

eternamente seu, como acontece na atualidade. Aqui, podem ter contribuído as acepções religiosas de que “o ser humano é pó”.

A segunda interpretação provém da ideia de igualdade perante a morte. De modo semelhante às iluminuras, em que todos são retratados de forma igual, a morte vem para todos e, ao morrer, o que fica são apenas ossos muito semelhantes entre si. Dessa forma, ao reunir as ossadas em um único espaço, tal feito pode ter contribuído para o discurso de igualdade perante a morte, dado que não havia naquela época, salvo se houvesse acontecido algo com os ossos de um defunto quando ele ainda vivia, como identificar a quem pertencia tal osso.

Seja como for, é fato que o cemitério, nesse primeiro momento, abraçou todos aqueles que faziam parte da comunidade cristã e, da mesma forma, excluiu⁹ aqueles que, por alguma razão, não faziam parte desse meio. Estavam excluídos do acesso ao cemitério os excomungados¹⁰, os hereges, os infiéis, os não batizados e os suicidas (BASCHET, 2006, p. 344). Lauwers (2015, p. 207-208) aponta que judeus e maus cristãos também eram proibidos de serem enterrados nesses espaços para não poluírem a terra sagrada. Tal fato seria, de acordo com o autor, uma distinção com relação às necrópoles da Antiguidade, as quais eram destinadas para todos, sem exceções.

É importante ressaltar que os defuntos somente estariam em paz quando fossem inumados sob a terra. Quando acontecia de um fiel morrer no mar, os clérigos do século XII estabeleciam que os companheiros deveriam levar o corpo até terra firme ou depositar em uma ilha, para que o mesmo pudesse receber uma sepultura. Em caso de impossibilidade, havia a necessidade de colocar o finado em um caixão junto com uma soma de dinheiro, para que o primeiro que recuperasse o invólucro utilizasse a quantia a fim de arcar com os custos do enterro (LAUWERS, 2015, p. 154).

Lauwers (2015, p. 209) também aponta que não havia um local específico para o enterro daqueles que estavam proibidos do acesso ao cemitério cristão. O autor cita os termos encontrados em textos normativos, tais como “fossa de estrume”, “sepultura de jumento”, “prado dos jumentos”, ou mesmo a floresta como destino aos excluídos. Porém, ressalta também casos específicos, como lugares funerários intermediários, os quais poderiam ser

⁹ Lauwers (2015, p. 215) ressalta que nem sempre a exclusão acontecia de forma definitiva. Alguns defuntos poderiam ser exumados de sepulturas infames e ser novamente enterrados dentro do espaço cimiterial quando os parentes reparavam as más ações do falecido.

¹⁰ Prescrevia-se, ainda, “a exumação de cadáveres dos excomungados e dos interditos que teriam sido enterrados no cemitério, desde que suas ossadas pudessem ser distinguidas daquelas dos fiéis defuntos. Em razão da promiscuidade e da mistura dos corpos no seio da terra cimiterial [...], uma “reconciliação” do cemitério contaminado, com aspersão de água benta, era necessária após a exumação” (LAUWERS, 2015, p. 209)

dentro ou o mais próximo possível dos cemitérios, nos quais eram enterradas as crianças não-batizadas, afogados e pessoas mortas de forma violenta.

De certa forma, persiste até hoje, em algumas cidades, a existência de dois espaços distintos para o enterro dos mortos. Existe o cemitério paroquial, destinado apenas aos mortos da religião católica pertencentes a uma determinada paróquia e é gerenciado pela mesma; e o cemitério municipal, o qual abarca todos os outros mortos aos quais não foi permitida a inumação no cemitério paroquial. Nesse caso, quem faz o processo de gerenciamento do cemitério é o poder público.

Porém, na atualidade, devido principalmente a questões sanitárias, o cemitério tem ficado em pontos mais afastados da cidade, ou, caso esteja dentro dela, foi porque a cidade cresceu a ponto de incluí-lo novamente no meio dos vivos. Na Idade Média encontra-se outro contexto, em que

o cemitério é um lugar importante para a vida social, que não serve somente aos mortos, mas também aos vivos. Quer ele seja aberto e delimitado por cruzeiros, quer seja cercado por um muro, o cemitério é um lugar muito animado. Ele é atravessado todo domingo por quem vai à missa, de modo que esta é também uma visita aos mortos; ele serve de refúgio, de lugar de regozijo e de danças; os mercados ocorrem ali, a justiça é em geral feita nele e é onde as pessoas se reúnem para tratar de negócios ou concluir acordos. Não apenas os mortos não são mais mantidos à distância, mas a terra onde eles repousam torna-se um lugar privilegiado da vida coletiva. Com efeito, mesmo se os clérigos condenam algumas atividades que se desenrolam no cemitério, elas beneficiam-se da caução dos ancestrais e, mais precisamente, da referência à unidade comunitária que encarnam. (BASCHET, 2006, p. 344)

Se, na Idade Média, o espaço cemiterial era frequentado para as mais diversas atividades cotidianas, hoje em dia é inconcebível pensar o cemitério como um espaço destinado para outra coisa que não o descanso dos mortos, o silêncio e a oração. Utiliza-se, inclusive, a voz em tom abafado ao adentrar neste espaço. Isso porque se tem a concepção de que, caso haja muito barulho ou movimentação não condizente com esse espaço, o ser humano estará perturbando os mortos.

Tais atitudes de preservação do descanso dos mortos no espaço sagrado têm sua origem ainda no século XII e XIII, quando a Igreja, por medo de contaminar os cemitérios com práticas consideradas profanas, iniciou a proibição de costumes até então arraigados na sociedade medieval, tais como as danças macabras e a fixação de residências no espaço sagrado.

Os eclesiásticos do fim da Idade Média tentaram conferir também um sentido novo à frequência do cemitério pelos vivos: o cemitério devia ser o lugar de suas preces.

As crônicas e os relatos urbanos atestam que ele acolhia também muitas vezes os pregadores. Sem dúvida porque constituía um lugar suficientemente amplo no coração das edificações, onde o orador podia se endereçar, do alto de um estrado, a um grande público. Mas se os clérigos tomavam a palavra nesse lugar, era também para impressionar seu auditório (BASCHET, 2006, p. 330).

Os sermões dos pregadores acabavam, portanto, sendo preferencialmente feitos dentro do próprio cemitério, tendo em vista que se podia mais facilmente associar a fala do pregador sobre o além com a própria morte em si, o que refletia numa mensagem mais contundente. Aliado a isso, os desenhos das danças macabras nos muros dos cemitérios auxiliavam na formação do terror diante da morte e do próprio julgamento da alma, que viria em consequência (LAUWERS, 2015, p. 331). A prática dos sermões dentro do cemitério constitui-se de um movimento que se perdeu no tempo. Na atualidade, sermões realizados no cemitério são restritos às Missas de Finados, quando se tem o costume de ser rezá-la no cemitério, e a alguns enterros, quando do momento de inumação do corpo.

Com a proibição das práticas costumeiras realizadas no cemitério e o estímulo à presença dos pregadores com seus sermões, no fim da Idade Média, o cemitério deixou de ser o espaço destinado à solidariedade na relação entre vivos e mortos. Nesse contexto, o cemitério passou a se constituir como um local privilegiado no que se refere a lembrança do destino dos homens na terra, ou seja, do momento de sua própria morte (LAUWERS, 2015, p. 331).

2.2.2 Perspectivas pós-morte para os vivos: o Além

Um dos primeiros autores a debater especificamente o tema da morte na historiografia foi o próprio Ariès. Em seu livro, *História da morte no Ocidente*, Ariès dedicou um capítulo específico para discutir sobre como a experiência de morrer era percebida pelos medievais. De acordo com ele e baseando-se em fontes literárias e imagéticas, a história da morte na Idade Média é dividida em dois grandes momentos: a morte domada e a morte de si mesmo.

O primeiro é chamado de morte domada. Trata-se de um tipo de relação com a morte em que o ser humano é avisado, por meio de sinais naturais ou de convicção íntima, de sua morte iminente e, a partir disso, se prepara e executa todos os ritos necessários para que se tenha uma “boa morte”. Tais eram os atos solenes que compunham o momento fúnebre: um lamento do moribundo pela vida, o perdão dado e recebido a quem o tenha ofendido em vida ou a quem ele tenha prejudicado, a recomendação dos sobreviventes para Deus, o reconhecimento das próprias culpas por meio de preces religiosas semelhantes a uma

confissão de pecados, a absolvição concedida pelos sacramentos e, por fim, a espera pela morte (ARIÈS, 2003, p. 27-34).

A partir desses ritos de trespasse, o autor relata que a morte no medievo, num primeiro momento é uma cerimônia realizada no ambiente doméstico, geralmente em um leito; de forma pública, ou seja, sem restrição de idade para acompanhar o ato solene; organizada e conduzida pelo próprio doente e acompanhada pelos familiares, amigos, vizinhos; e, principalmente, aceita e cumprida de forma cerimonial, sem excessos. Dessa forma, trata-se de um tipo de morte tida por familiar e próxima (ARIÈS, 2003, p. 34-35).

Cabe aqui uma pequena discussão sobre essa primeira forma de morrer. Elias (2001, p. 21) concorda com Ariès no que se refere à familiaridade e presença da morte na Idade Média. Entretanto, o autor acredita que o morrer não era tão pacífico tal qual citado por Ariès, e cita fatores que contradizem essa visão, tais como o crescimento das cidades, a intensificação da peste, os pregadores medievais e seus sermões pintados de cores terríveis e as danças macabras.

Tal discordância com relação a concepção de morte apresentada por Ariès também é compartilhada por Michel Vovelle (1996), o qual utiliza-se de uma citação do filósofo Voltaire para dizer que toda a morte humana é permeada pelo sentimento do medo ou da apreensão. Caso contrário, se trataria da morte de um animal. Logo, a consciência de morrer que produz o sentimento do medo, o que nos torna humanos.

Em continuidade com sua análise sobre a morte na Idade Média, Ariès (2003, p. 46-54) destaca que o passar do tempo trouxe pequenas, mas significativas mudanças na forma como se lidava com a morte, de tal forma que a hora da morte passou a ter uma carga dramática e individual cada vez mais evidenciada. As obras nas quais o autor se embasa para ilustrar essa conclusão são as representações de Juízo Final que ocorreriam tanto no fim dos tempos, quanto no leito de morte do moribundo, caracterizada pelas *artes moriendi*; as danças macabras e o interesse pela decomposição dos mortos; e o retorno das epígrafes nos túmulos, numa tentativa de se individualizar e demarcar quem era a pessoa que estava enterrada em determinado espaço.

Trata-se, portanto, da morte de si mesmo. A fim de explicar esse tipo de forma de morrer, o autor recorre a um comparativo com a sociedade atual, na qual se descobre, cedo ou tarde, que iremos fracassar na maioria dos desejos ou ideais que construímos durante a juventude. Apesar disso, na atualidade não é feita uma relação entre o fracasso pessoal e a finitude da vida, tendo em vista que procuramos nos manter distantes da morte (ARIÈS, 2003, p. 57-58). Para o autor, o fato de nos mantermos distantes da morte e diminuirmos a

consciência do morrer, nos dá a ilusão de que sempre teremos uma nova oportunidade de recomeço, sem nos atentar para a finitude da vida.

Diferentemente da atualidade, os contemporâneos da Idade Média, por outro lado, possuíam uma consciência sobre o morrer diferente:

o homem do fim da Idade Média, ao contrário, tinha uma consciência bastante acentuada de que era um morto em suspensão condicional, de que esta era curta e de que a morte, sempre presente em seu âmago, despedaçava suas ambições e envenenava seus prazeres. Esse homem tinha uma paixão pela vida que hoje nos custa compreender, talvez porque nossa vida tenha se tornado mais longa [...] (ARIÈS, 2003, p. 58).

Diante disso, o autor aponta que as representações de morte do fim da Idade média evidenciam o fenômeno da morte ao apego maior dos indivíduos tanto por quem eles eram, como pelas coisas que eram suas e por aqueles que os cercavam. Tem-se, assim, uma exaltação da consciência da própria finitude da vida, ou seja, da morte de si mesmo (ARIÈS, 2003, p. 58).

É, talvez, devido à percepção do fim da própria vida que acabamos possuindo um apego maior à vida, às pessoas e às coisas. Um exemplo disso são os pacientes terminais, os quais acabam por ter surtos de urgência quanto à necessidade de realizar aquilo que gostariam de fazer enquanto houver tempo de vida. Já quando estamos saudáveis e jovens, esperamos estar distante da morte e, como consequência, tendemos a acreditar que temos todo o tempo do mundo e que somos imortais.

Após detalhar como seria o comportamento humano na hora da morte ao longo da Idade Média, Ariès continua sua análise pelos séculos seguintes, passando pela Idade Moderna até o século XX. Após a publicação de seu trabalho, outros aspectos/interpretações acerca da relação entre os vivos e os mortos durante a Idade Média passaram a interessar os historiadores e a circular pelo debate acadêmico.

É o caso de Otto Gerhard Oexle (1996), o qual afirma que a relação entre vivos e mortos é permeada pela memória. Porém, não se trata aqui apenas de uma memória como lembrança ou recordação daqueles que se foram. De acordo com ele, há uma diferença fundamental entre a concepção atual referente aos mortos¹¹ e as concepções mais antigas¹², a

¹¹ Segundo a interpretação do direito moderno, a pessoa cessa de existir com a morte: termina aí o status jurídico do homem, graças ao qual ele era sujeito de relações jurídicas, isto é, detentor de direitos e destinatário de deveres, termina aí sua capacidade jurídica de agir, de possuir e de dispor de bens, bem como suas relações jurídicas como pessoa. A personalidade jurídica “extingue-se”. O que “permanece” da pessoa, assim se exprimia um sociólogo, “é uma coisa, o corpo”. E além dele “permanece” somente a sua memória entre os que com ele conviveram. Assim, comente o corpo e a memória do morto continuam objeto de normas jurídicas: o corpo, no

qual traz um novo papel da memória como “[...] um significado social que unia o vivo ao morto como sujeito de direitos. [...] Nessas relações entre vivos e mortos estão estreitamente ligados aspectos econômicos, jurídicos, sociais e religiosos” (OEXLE, 1996, p. 36-37).

Explicando a linha de raciocínio do autor, é como se o fato de uma pessoa rezar ou realizar oferendas para um ente querido falecido resultasse na existência do morto como alguém não só com plenos direitos e vontades, mas também com obrigações, as quais poderiam resultar em punição se não fossem cumpridas¹³. Por maior estranheza que cause à sociedade atual, é como se o morto estivesse vivo, porém invisível ou morando em um lugar impossível de ser visitado.

Assim,

a celebração dos mortos é uma forma elementar de estabelecer a autoconfirmação de um grupo social, pois a memória do morto indica a duração desse grupo no tempo e torna-se desse modo a origem do conhecimento da própria história do grupo. Por tal motivo, a memória é um momento constitutivo das linhagens nobres ou reais. O conceito de “linhagem” é definido de forma a originar-se através do conhecimento dos vínculos entre vivos e mortos. (OEXLE, 1996, p. 40)

Partindo desse pressuposto, o que une um grupo de vivos a uma determinada família é a relação que se estabelece entre eles e ancestrais em comum, os quais mesmo estando mortos, passam a ter uma importância fundamental no sentido de formação de uma identidade. Eu pertenço a essa família porque meus antepassados geraram aqueles que me deram a vida e, portanto, eu devo conhecer a história das minhas origens e honrar a memória daqueles que possibilitaram a minha existência.

De certa forma, isso sobrevive na atualidade quando um grupo de pessoas com ancestrais em comum se reúnem para as “festas de família”. Embora não haja a premissa de retorno e presentificação dos mortos nessas ocasiões, as mesmas possibilitam com que a

direito público, com relação à segurança dos vivos no sentido de se evitar riscos para a saúde, e que, além disso, é protegido por meio de punição criminal contra a profanação. Também a memória é protegida contra a calúnia (OEXLE, 1996, p. 29).

¹² Nas concepções mais antigas, o status dos mortos não é determinado pela “memória” subjetiva, sujeita ao arbítrio dos vivos, mas constitui, de certa forma, um fato subjetivo: os mortos são pessoas no sentido jurídico, são sujeitos de direitos, bem como sujeitos de relações na sociedade humana. Em outras palavras: estão presentes entre os vivos (OEXLE, 1996, p. 30).

¹³ Oexle (1996) afirma sobre a existência de propriedades e bens pertencentes a santos, a regulamentação de rituais de veneração e rebaixamento de santos quando eram culpados de delitos, o fato de que os mortos podiam figurar tanto como autores quanto como réus em processos públicos e a existência dos mortos credores e devedores. Já Schmitt (1999, p. 148-149), ao analisar os relatos sobre os fantasmas na Idade Média, afirma que os eles beneficiavam os vivos ao fazer revelações sobre a configuração e os castigos do além e ao prevenir sobre a morte iminente de alguém; em contrapartida, o vivo beneficiava o defunto ao rezar por ele, dar esmolas em seu nome e celebrar missas pela sua alma, no que resultava numa melhora de condição no além e na redução do sofrimento no Purgatório.

memória desse grupo se fortaleça e exista uma identificação entre os membros por meio da existência de ancestrais em comum.

Oexle também destaca a importância do banquete fúnebre para a Idade Média, sendo essa uma prática em que “[...] o morto é considerado como agente e verdadeiro participante do banquete juntamente com a família, parentes e amigos que dele tomam parte, junto à sua sepultura, e para o qual devem ser providenciados alimentos, utensílios e mobília” (OEXLE, 1996, p. 52). Trata-se, portanto, do rito de agregação citado no início deste capítulo por Van Gennep (2013), cuja finalidade seria ou de forjar novamente os laços do grupo que foram quebrados pela morte de um dos membros do clã, ou de suspender o processo do luto.

Oexle (1996, p. 52-57) traz outra interpretação para esse rito: para ele, o banquete fúnebre, apesar de proibido ao longo do período medieval por suas origens pagãs, era um elemento essencial a formação da memória dos mortos pelos vivos, os quais continuavam concebendo o defunto como um sujeito de direitos. Isso porque, de acordo com o autor, no ato de comer em conjunto, haveria o estabelecimento de práticas solidárias e reconciliatórias entre vivos e mortos, em que ambos tinham obrigações para com o outro e se beneficiavam ao cumpri-las.

Já no que se refere à concepção de além deste período, tem-se que

o aqui embaixo é um vale de lágrimas, uma passagem transitória e exterior, por oposição ao verdadeiro lugar, objeto de todas as esperanças, que é o além celeste. Nesse sentido, a única verdadeira estabilidade é encontrada junto a Deus, enquanto o mundo terrestre, como todo espaço exterior, é associado a um deslocamento, sinônimo de perigo e de insegurança, de provação e de sofrimento (BASCHET, 2006, p. 358)

Logo, em contraposição a um local de fartura, onde corre leite e mel, cujo principal prêmio é a visão beatífica de Deus, a vida terrestre é um local de sofrimentos, repleta de perigos e de provações. Portanto, o Paraíso tratava-se de um local bastante aguardado. Ocorre que nem todos iam direto para o Paraíso e, portanto, algumas trocas eram necessárias a fim de aliviar as penas purgatórias. De acordo com Baschet (2006), as trocas entre vivos e mortos consistiam de preces dos vivos em favor dos mortos e intercessão dos mortos em favor dos vivos. Também era possível mortos retornarem, a fim de advertir sobre sua própria morte, reclamar ajuda ou informar sobre o destino no além.

Para Jean-Claude Schmitt (1999, p. 17), os mortos retornavam quando houve alguma anormalidade nos rituais fúnebre ou de luto, ou, ainda, quando ocorriam assassinatos, suicídios, morte por afogamento sem enterro do corpo, nascimento de natimortos, entre

outros. Ocorre que, durante a Alta Idade Média, havia uma concepção profundamente dualista de mundo, de forma que os mortos que retornavam eram caracterizados como demônios ou maus espíritos, aos quais cabia aos santos exorcizar (SCHMITT, 1999, p. 45).

A partir do desenvolvimento da liturgia dos mortos, no século XI, muda-se a forma como o relato dos fantasmas são tratados pela Igreja. Um complexo sistema de missas oferecidas aos mortos foi estabelecido, de modo que se rezava no terceiro, no sétimo e no trigésimo dia do falecimento de um indivíduo¹⁴. Além das celebrações, também se tornou prática a oferenda aos pobres, as quais eram arrecadadas pela Igreja a partir das doações feitas pelos parentes em memória do defunto (SCHMITT, 1999, p. 49-50).

Para o autor, tais costumes evidenciam um sistema de troca entre valores simbólicos e resultados materiais e sociais, de forma que se estabelece uma relação complexa entre quatro variáveis. A primeira refere-se ao moribundo, o qual divide seus bens entre a Igreja e seus herdeiros e exorta a todos para que não se esqueçam de sua alma e não anulem suas vontades. A segunda relaciona-se com os herdeiros, os quais nem sempre cumprem com os pedidos do agora falecido, e precisam ser lembrados tanto sobre a oferenda, quanto sobre a memória daquele que partiu. A terceira é a Igreja, a qual recebe as oblações e deve tanto orar pelo morto, quanto distribuir uma parte dos bens aos mais necessitados. E, por fim, os pobres, os quais se beneficiam das esmolas e são considerados como os substitutos terrestres do falecido. Assim, todo o bem que é feito aos miseráveis aqui ajudam a encurtar os sofrimentos da alma no além (SCHMITT, 1999, p. 49-50).

Dessa forma, o uso dos relatos de fantasmas tornou-se um caminho para se alcançar duas questões importantes para a Igreja da época. A primeira diz respeito ao fato de que “os fantasmas são mobilizados a serviço da reforma da Igreja” (SCHMITT, 1999, p. 63). Já a segunda relaciona-se com os hereges, os quais questionavam a real utilidade de oferendas para as almas dos mortos. Nesse sentido, os relatos de aparições são utilizados como fato para refutar a argumentação dos hereges, os quais ameaçam a economia de mosteiros e paróquias do período (SCHMITT, 1999, p. 94).

¹⁴ Na atualidade, é comum na tradição católica rezar-se a missa de corpo presente, celebrada 24 horas após o trespasse, momento em que acontece a encomenda do corpo para Deus; a missa de sétimo dia, rezada sete dias após o falecimento da pessoa, momento em que é distribuída uma “lembrança” (normalmente, compõe-se de um papel com uma foto do defunto, data de nascimento e de morte e um texto reflexivo sobre a finitude da vida, podendo ser bíblico ou não); e a missa de “aniversário de morte”, a qual acontece anualmente, próxima ou na data de falecimento da pessoa, a fim de lembrar seu óbito e rezar pela alma do ente querido. Também acontece a tradicional Missa de Finados, no Brasil marcada pela data de 02 de novembro, a qual acontece geralmente nos cemitérios. Como forma de preparação para esta missa, muitos familiares vão aos túmulos de seus parentes falecidos realizar a limpeza dos mesmos, além de trazer flores novas, queimar velas e rezar pelos sepultados. Também visitam túmulos de amigos e conhecidos que já partiram. No ano de 2020, em virtude da pandemia, várias paróquias decidiram por celebrar esta missa na Igreja, a fim de evitar aglomerações.

Isso posto, tem-se que

os mortos não têm outra existência que não a que os vivos lhes dão. É o imaginário individual e social (o sonho, os relatos, a crença compartilhada), é a palavra socializada (na vigília, na pregação) que faz os fantasmas mover-se e falar. Graças a essas imagens e a essas palavras que ouviram em seus sonhos ou tiraram de uma conversação, escutaram em um rumor, receberam do alto do púlpito, os vivos imaginam uma vida depois da morte e mantêm, mesmo que procurem resguardar-se dela, uma relação imaginária com aqueles que os deixaram. Essa relação estabelece simultaneamente novos laços entre os vivos, pela circulação dos bens entre as casas leigas e a Igreja, pelas esmolas dadas aos pobres, pela participação dos parentes carnis ou espirituais nos rituais (funerais, missas aniversárias) celebrados pela salvação de seu ancestral comum ou de seu confrade defunto. Por seus efeitos materiais e simbólicos, o imaginário da morte e dos mortos reforça os laços sociais estabelecidos entre os vivos (SCHMITT, 1999, p. 246).

Conclui-se, diante das questões até então apresentadas, que as concepções de vida e de tempo no período medieval são diferentes daquelas que temos na atualidade, tendo em vista a noção de *ecclesia*¹⁵ que permeava a sociedade no medievo. Isso reflete na própria percepção da morte em si, dado que os objetivos individuais e coletivos são distintos nos dois períodos. Por exemplo, na realidade em que me cerco, encontro-me em um contexto pandêmico, com relações trabalhistas sendo flexibilizadas, morando em uma cidade conservadora, cuja presença do discurso dominante é o de que devo ser bem-sucedida profissionalmente, me casar, ter filhos, me aposentar e viver a velhice até a chegada da morte. Nesse momento, minhas atitudes terrenas dirão se irei para o Céu, para o Inferno ou para o Purgatório, motivo pelo qual devo, ainda em vida, praticar o bem, participar das celebrações eucarísticas e vivenciar os mandamentos.

Embora, num primeiro momento não pareça muito diferente daquilo que se tinha na Idade Média, há outros setores minoritários, mas existentes, dessa mesma sociedade conservadora em que vivo que pregam a inexistência de Deus, a necessidade de se aproveitar os prazeres da vida, de ter o direito de interromper a própria vida, entre outros. Logo, posso simplesmente não acreditar numa existência pós-morte e que minhas atitudes em vida afetem o meu destino após morrer. Posso também considerar que sonhos com pessoas que já morreram são apenas frutos de minha imaginação ou de memórias antigas referentes a essas

¹⁵ De acordo com Lauwers (2015, p. 341), *Ecclesia* é “[...] uma sociedade espiritual, constituída pela comunhão dos fiéis, vivos e mortos, mas também uma rede de construções de pedra, enraizadas na terra – uma terra na qual se encontravam enterrados, contra os muros das igrejas, os corpos dos cristãos”. Pode-se inferir, a partir dessas considerações, que o conceito significava tanto as construções religiosas, como igreja e cemitério, quanto o grupo de pessoas vivas ou mortas que comungam da religião cristã. Além disso, é justamente o fato desses últimos frequentarem estes espaços religiosos e serem enterrados neles o que garantia o caráter sagrado destes locais.

peças. Ou, ainda, posso auxiliar na construção de uma comunidade que me permita decidir até que idade quero viver e, ao chegar a hora, decidir pela interrupção da minha existência.

Além disso, a contemporaneidade está conectada com o mundo todo, de modo que diariamente temos informações sobre coisas importantes que acontecem no planeta e que podem nos afetar de alguma forma. A pandemia de Covid-19 tem sido um bom exemplo de algo que afetou literalmente todo mundo, das mais diversas formas. Ainda assim e apesar de tudo, esperamos pela continuidade da vida humana e temos a compreensão de que precisamos continuar a viver e seguir em frente, independentemente de como ficarão as coisas após a pandemia passar.

Também tem a questão de que, de tempos em tempos, recebemos notícias de previsões de fim de mundo. Em 1999, Valéria Propato escreveu uma reportagem sobre um eclipse solar total que ocorreria no dia 11 de agosto foi motivo para um movimento alarmista com relação à chegada de eventos catastróficos que desencadeariam o fim dos tempos (PROPATO, 1999). Da mesma maneira, relata Alan Hernández Pastén (2012) que a data de 21 de dezembro de 2012 foi estabelecida como a data do fim do mundo, em virtude de que era a última data criada pelo calendário dos maias. Tem se tornado comum, desde então, a circulação de notícias com esse teor, as quais acabamos vendo, ouvindo ou lendo com certa descrença.

Na Idade Média não era assim que funcionava. Primeiro, porque vivia-se numa crença de que o último acontecimento importante foi a Encarnação de Cristo e que, agora, só haveria o Juízo Final e a Segunda Encarnação. Ou seja, todos os acontecimentos que eram vivenciados nada mais eram do que eventos isolados, os quais não importavam para a Salvação. Segundo, porque todas as ações humanas eram consideradas pensando na vida após a morte, um meio ir direto para o Céu ou, se houvesse algum deslize, de ficar o menor tempo possível no Purgatório. Terceiro, porque havia um sentimento de que o fim estava próximo devido aos eventos catastróficos que aconteciam, os quais, de acordo com o Apocalipse, significavam a vinda ou a presença do Anticristo. E, por fim, porque o fato de o fim dos tempos estar chegando significava que não haveria mais o que fazer, exceto penitenciar-se e renunciar ao pecado, seguindo obrigatoriamente os preceitos da Igreja, que era a detentora das garantias de salvação das almas (BASCHET, 2006, p. 333).

Não é de estranhar, portanto, que a ocorrência tanto da peste bubônica, bem como de outros eventos caóticos daquele período, tenha sido aproveitada pela Igreja como um meio para conseguir a conversão das pessoas. Na atual pandemia de Covid-19, também foi possível encontrar discursos de que a pandemia era um castigo divino, resultado da decadência moral

da sociedade atual. E aí, encaixaram-se discursos racistas, sexistas e preconceituosos para explicar o que seria a “decadência moral” da atualidade.

Porém, uma diferença interessante que cabe pontuar é que, apesar de também haver discursos incitando a conversão das pessoas e o fim dos tempos, houve também uma maioria considerável que afirmou que, após a pandemia, “as pessoas sairiam melhores, mais humildes, mais abertas a solidariedade e à percepção do outro como um ser humano”¹⁶. Ou seja, no lugar do “convertam-se, porque o fim está próximo”, tem-se o “sejam humildes, porque vocês precisam respeitar a natureza e necessitam uns dos outros para viverem”. A ideia não é mais de fim, mas de continuidade de vida.

2.2.3 A peste negra e o Covid-19: reflexões sobre tempos de epidemias e pandemias

Vimos anteriormente o quão complexa é a questão da morte na Idade Média, dado que é nesse período que o cristianismo fixa seus principais dogmas referentes ao assunto e que se tem um período de mil anos com significativas mudanças acontecendo na sociedade. Nesse sentido e considerando o contexto atual, estabeleceu-se um recorte temporal balizado pela ocorrência da peste negra no fim da Idade Média e na relação que vivos e mortos tiveram durante essa epidemia. Baschet salienta a importância da mesma durante o século XIV. De acordo com o autor

o ano de 1348 é, seguramente, uma data de grande importância. Transmitida ao homem pela pulga do rato negro, a peste bubônica, que havia poupado a Europa desde a época de Justiniano, ataca de novo. Trazida do Oriente pelas galeras genovesas, ela se espalha por toda a Itália, na França, na Inglaterra e na Península Ibérica ao longo do ano de 1348 e, no ano seguinte, no domínio germânico, centro-europeu e escandinavo. Brutal, a mortalidade provocada pelo bacilo da peste espalha-se rápida e maciçamente. Os doentes sucumbem em alguns dias, sem remédio nem alívio possíveis; cidades e aldeias são cobertas de cadáveres, que os sobreviventes penam para enterrar com decência. No dizer das testemunhas, toda a organização social, até os laços familiares, é violentamente perturbada por isso (BASCHET, 2006, p. 248).

De acordo com Sánchez-David (2008, p. 133), a peste bubônica é ocasionada por pulgas de ratos, ratazanas, coelhos, marmotas e esquilos contaminadas com a bactéria *Yersinia pestis*, a qual possui três formas principais de transmissão. A primeira, denominada bubônica, acontece por meio da picada das pulgas infectadas, as quais ocasionam febre e

¹⁶ Muito desse discurso deveu-se ao isolamento social imposto em várias cidades, em que as pessoas passaram a ficar recolhidas em suas casas, sem poder ter o contato com o mundo externo ao de suas famílias. Nesse sentido, as pessoas perceberiam a importância do “outro” para formar o “nós”.

crescimento e secreção dos linfonodos. Com o tempo, o doente desenvolve hemorragia cutânea, o que provoca as manchas escuras na pele, sendo essa a principal característica da doença e o motivo pelo qual ela recebeu o nome de peste negra. O paciente, então, agoniza até a morte. O segundo modo de transmissão é pelo contágio com pessoas doentes, por meio da expectoração de alguém infectado. Por ter os sintomas parecidos com a pneumonia, recebeu o nome de peste pneumônica. O doente sente colapsos, escarra sangue e morre em poucos dias. Por fim, a última forma de transmissão da peste é aquela denominada de septicêmica e constitui-se no meio mais raro de contágio, por tratar-se do contato direto do sangue de um doente com o sangue de uma pessoa saudável. Esta desenvolve choque séptico, os quais provocam resposta imunológica e inflamação descontrolada. Aliado a isso, todo o sistema corporal se desorganiza, com mudanças de temperatura, pressão, respiração, frequência cardíaca, entre outros (SÁNCHEZ-DAVID, 2008, p. 133).

A peste negra era transmitida, naquele contexto, principalmente por meio da primeira e da segunda forma de propagação anteriormente citadas. Porém, os contemporâneos da Idade Média acreditavam que as mesmas estavam associadas aos astros, ao ar podre, às bruxas ou a hereges (SÁNCHEZ-DAVID, 2008, p. 133). Baschet (2006, p. 250) afirma que a peste era considerada um castigo divino, obra de grupos religiosos não católicos ou, ainda, como um sinal da vinda ou da presença do Anticristo. Por essa razão, a presença da catástrofe impelia à conversão das almas e a renúncia aos pecados, visando o benefício da Igreja, que era a principal ponte entre este mundo e a salvação eterna.

Oexle argumenta que as mortes geradas pelas epidemias de peste do século XIV ocasionaram tanto o rompimento das obrigações que os vivos tinham pelos seus mortos (como realizar o sepultamento, por exemplo), quanto a extinção das práticas que rememoravam os mortos, de modo que houve o estranhamento na relação entre vivos e mortos.

Em vez de parentes e amigos, seriam os “servos da peste” (*becchini, beccamorti*) que levariam o morto até a sepultura. Também os mortos pertencentes às camadas mais altas das cidades seriam colocados na primeira cova que estivesse livre. As pessoas das camadas médias e inferiores tirariam os mortos de suas residências e os deixariam na rua. Ninguém acompanharia o morto com lágrimas e velas; a morte de um ser humano ter-se-ia tornado objeto de indiferença tanto quanto a de um animal. Os cemitérios das igrejas já não tinham lugar disponível; assim se cavavam buracos onde os corpos eram lançados às centenas como mercadorias [...]. O tratamento dos mortos como coisas, seu afastamento do meio dos vivos, do qual haviam feito parte, são consequências das crises provocadas pela peste na Baixa Idade Média (OEXLE, 1996, p. 68-69, grifos do autor).

De certa forma, sempre que acontece um evento com alta taxa de mortalidade, é esperado que as relações entre vivos e mortos acabem se alterando. Isso porque o fato de os vivos terem que conviver com um número cada vez maior de mortos vítimas da peste ocasionou uma lembrança maior de sua própria finitude. Tem-se, por exemplo, momentos como esses durante a gripe espanhola, as grandes guerras, entre outros. Mesmo um desastre cujos impactos possam ser considerados como de pequena escala é capaz de provocar comoção e modificações na percepção com relação a morte em algum nível.

Com relação à atualidade, pode-se traçar interessantes paralelos a respeito da relação entre vivos e mortos durante a peste bubônica do século XIV e a pandemia de Covid-19. Conforme dito anteriormente, o fato de muitas vítimas não terem um enterro considerado apropriado fez com que o processo de luto vivido pelos parentes se transformasse em revolta pela morte ocorrida. Isso porque o ritual de velório e enterro foi reduzido a um procedimento sanitário, o qual ocorre de forma rápida e com o menor contato possível. Espera-se, por um lado, evitar a contaminação dos vivos pelo vírus. Por outro, causa indignação às famílias enlutadas, as quais ficam impossibilitadas de se despedirem de seus entes queridos de forma adequada ao que se esperaria em tempos não pandêmicos. Tem-se, diante disso, um sentimento de impotência dos familiares diante do ocorrido.

Com o crescente número de mortos, agregaram-se também os sentimentos de indiferença e distanciamento de uma considerável parcela da população brasileira diante do número de mortos, aos quais diariamente temos acesso. Referente a tais processos, os mesmos podem ser o resultado do próprio estranhamento com relação a morte e a doença, como se as mesmas não fossem nos atingir. Duas situações, amplamente noticiadas pela mídia nacional, podem ilustrar esse movimento.

A primeira aconteceu no dia 25 de abril de 2020, ou seja, em torno de um mês após o início da quarentena brasileira. De acordo com Bruna Nobrega (2020), após ter se contaminado com o vírus na festa de casamento da irmã e ter sobrevivido, uma influenciadora digital organizou uma festa para uma amiga e ex-integrante do *reality show* Big Brother Brasil. Durante o evento, realizado em plena pandemia, a influenciadora gravou e postou um vídeo numa rede social, onde dizia a seguinte frase: “Fica, Mari. Foda-se a vida!”. A postagem em rede social gerou grande repercussão e muitas críticas negativas de anônimos e famosos, além da perda de seguidores e da suspensão de contrato com marcas que patrocinavam o seu conteúdo (BATISTA JR., 2020).

A segunda aconteceu no dia 03 de julho de 2020, quando da flexibilização da quarentena na cidade do Rio de Janeiro. A autorização para a reabertura de bares e

restaurantes gerou vários vídeos de pessoas frequentando esses espaços sem máscara e aglomeradas (LEMOS & BORGES, 2020). Em um dos vídeos, um homem diz: “[...] tudo voltando ao normal, graças a Deus. Vai tomar no cu máscara e vai tomar no cu corona. É isso aí, meu irmão, é isso aí. Vamo viver e ser feliz. Que alegria, meu irmão. [...]”. Nos comentários às mídias compartilhadas, muitas críticas sobre o desrespeito ao isolamento e aos políticos que autorizaram a reabertura (AGÊNCIA O GLOBO, 2020).

Em ambos os casos, fica evidente a despreocupação com o alto grau de contágio do COVID-19, bem como o distanciamento com relação à doença, como se as duas pessoas estivessem imunes a ela. Embora no primeiro caso a influenciadora já tivesse o contato com o vírus, a mesma ainda teria o risco de contrair novamente a doença¹⁷.

Ainda sob esse aspecto, Baschet (2006, 251-252) comenta que a peste foi, durante muito tempo, um dos fatores associados à uma suposta crise do período medieval, juntamente com o Cisma da Igreja, as guerras e a obsessão pela morte. Aqui, o autor cita Johan Huizinga (2010), autor do clássico *O Outono da Idade Média*, o qual afirma que os séculos XIV e XV foram marcados pela instabilidade resultada da peste negra, das guerras e de desastres que ocasionaram o desabastecimento e a fome. A partir desses fatores, Huizinga (2010) explica a emergência do macabro e a degeneração moral no período¹⁸.

Contudo, diferentemente de Oexle (1996) e Huizinga (2010), Baschet (2006) não concorda com o fato de que o fim da Idade Média deva ser considerado apenas como um momento de crise generalizada, mas sim que se deve observar o período a partir de suas nuances, reconhecendo as dificuldades e medindo o alcance exato das mesmas. Ainda, o autor discorda que a peste seja o fator determinante para a mudança na relação entre vivos e mortos. Primeiramente, porque temas macabros se desenvolveram ainda no século XIII, ou seja, são bem anteriores a própria chegada da primeira onda de peste na Europa durante o medievo. Segundo, porque não houve depressão demográfica e a recuperação perante as dificuldades acontece já no século XV. Diante desses fatos, o autor associa a Igreja como a principal agente na relação entre os vivos e os mortos, dado a forma como a mesma atuou durante a Idade Média no sentido de regulamentar a relação entre o plano terreno e o plano celeste.

¹⁷ Sobre o risco de contagiar-se novamente pelo coronavírus, ver: TILLET, Richard L; etalli. Genomic evidence for reinfection with SARS-CoV-2: a case study. In: **The Lancet Infectious Diseases**. [S. l.] , v. 21, n 1, p. 52-58, jan. 2021. Disponível em: < [https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099\(20\)30764-7/fulltext?fbclid=IwAR2GFpAfevcv8KD0A-lgh8j2PzmTBjW7tx2FxVvaLts5pt1WRDidWb5bNiE](https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099(20)30764-7/fulltext?fbclid=IwAR2GFpAfevcv8KD0A-lgh8j2PzmTBjW7tx2FxVvaLts5pt1WRDidWb5bNiE)>. Acesso em: 21 jan. 2021.

¹⁸ A interpretação de Huizinga foi questionada por Philippe Wolff (1988), para quem os acontecimentos do período possibilitaram com que novas técnicas fossem utilizadas. Tal fato contribuiu para a gestação do Renascimento e da modernidade, resultando na “primavera dos tempos modernos”.

2.3 POR QUE ESTUDAR A MORTE NA IDADE MÉDIA NAS AULAS DE HISTÓRIA?

Conforme discutido anteriormente, a perspectiva do fim da vida é um fator de grande angústia para a sociedade humana na atualidade. Tal sentimento motivou a criação de vários mitos, nos quais se conseguia a vida eterna ou, pelo menos, uma juventude prolongada. Por exemplo, do elixir da longa vida e o encontro da fonte da juventude são sintomas de uma sociedade que teme a finitude de seus dias. Saindo do campo das utopias e partindo para a realidade, tem-se a busca pela cura de doenças mortais, o que pode possibilitar maior tempo de vida; as técnicas de rejuvenescimento, em que se tenta mascarar sinais frutos do envelhecimento; e o resgate da memória de pessoas que já partiram, considerando que essa seria uma maneira de “tornar presente” aqueles que já se foram.

De acordo com Elaine Teresinha Dal Mas Dias (2011, p. 274),

a morte tem sido um dos maiores desafios do homem. Presente na vida, é escamoteada pela ciência na busca incessante de sobrevida, pelo mito, na intenção de proteção e de imortalidade, e pela religião, na garantia de um renascer, visando controle e superação. Como figura indizível da linguagem, apresenta-se na constante contradição entre o viver e o morrer e, como fenômeno absoluto, não pode ser anulado como evento físico. Carrega certezas e incertezas, ambiguidades e precisões envoltas na penumbra do desconhecido.

Conforme pode ser constatado, a finitude da vida foi esmiuçada por inúmeras vertentes de conhecimento humano, com as mais amplas interpretações e abordagens. Não somente nas áreas citadas pela autora (científica, mitológica e religiosa), mas também no âmbito cultural é notável a quantidade de produções artísticas que discutem o tema e trazem em seu bojo a morte e a busca por prolongar a existência humana.

Um exemplo de tal produto é o filme *O sétimo selo* (1956), de Ingmar Bergmann. Em seu enredo, um cavaleiro medieval regressa para sua casa, numa região devastada pela peste, quando a Morte vem buscá-lo. Numa tentativa de ganhar tempo e entender o sentido de sua existência, o cavaleiro propõe jogar xadrez. Se ele vencer, a Morte o deixará em paz. Caso contrário, a Morte o levará.

Apesar de o filme estar ambientado na Idade Média, o mesmo traz em seu bojo discussões pertinentes ao tempo presente, tais como o medo de morrer sem encontrar um sentido para a vida humana e a dúvida com relação ao que vem após a morte. Conforme vimos anteriormente, essas dúvidas não se encontravam de forma tão acentuada durante o período medieval. Dessa forma, pode-se considerar que aqui se trata daquilo que foi chamado de “medievalidade”, em que a Idade Média aparece apenas como uma referência, porém

reconstruída de forma bastante estereotipada e imprecisa pela indústria cultural (MACEDO, 2009, p. 17).

A insegurança com relação à morte é, portanto, atual:

A morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas. Entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos. [...] apenas eles podem prever seu próprio fim, estando cientes de que pode ocorrer a qualquer momento e tomando precauções especiais – como indivíduos e como grupos – para proteger-se contra a ameaça da aniquilação (ELIAS, 2001, p. 10)

De fato, é o conhecimento da morte nos torna vulneráveis. Primeiro, porque com o tempo nosso corpo vai deixando de funcionar e podemos estar um tanto quanto conscientes dessas falhas. Segundo, porque a existência numa vida após a morte é uma concepção religiosa, a qual pressupõe uma crença, não um fato cientificamente comprovado. E, terceiro, porque ao se falar de alma e consciência, fala-se em termos filosóficos. No caso da consciência, reconheço a existência da racionalidade humana, mas a mesma não é palpável e entendo que a mesma só funciona enquanto o cérebro estiver em funcionamento. Logo, a partir do momento em que o cérebro humano deixa de realizar suas funções, pressuponho ser incerto o destino da consciência, se ela simplesmente desaparece ou se há algo mais.

As experiências de quase-morte não deixam de ser úteis para se entender o que acontece nesse momento. Entretanto, as mesmas requerem cautela, porque o ser humano que as vivencia normalmente acaba por incorporar sentidos místicos e religiosos durante o ocorrido. Logo, o problema reside no fato de que isso sai do campo do científico, cujas teorias são testadas e discutidas, para o campo da crença, em que verdades irracionais são validadas pelo simples fato de se crer na sua existência.

Ocorre que “[...] se a morte é apreendida pela inteligência, não é a sua própria morte que a consciência conhece. Ela conhece apenas a morte dos outros, a angústia de ter que enfrentá-la” (ZIEGLER, 1977, p. 129). Dessa forma, por maior que seja nosso conhecimento técnico e científico sobre o morrer, só o vivenciaremos de fato quando isso acontecer conosco. Nas demais vezes, o vivenciaremos sob uma perspectiva totalmente diferente, em que lidaremos com a perda das pessoas que amamos. Então, para que serve estudar a morte?

Primeiramente, é para que possamos entender que SER humano é passar por diferentes fases de vida e que uma delas inevitavelmente é morrer. Por enquanto, tudo aquilo que nasce, um dia morre. Logo, não falar dela não a torna inevitável, mas gera medo, temor pelo desconhecido. Entende-se, portanto, que é mais proveitoso não só psicologicamente, mas

também socialmente, que se toque nesse assunto. Dessa forma, rompemos com o tabu associado ao tema, temos a oportunidade de naturalizar o acontecimento e entender diferentes perspectivas associadas.

Segundo, porque o ser humano vai um dia lidar com o luto. Em algum momento da vida, perderemos animais de estimação, amigos, pais, avós, entre outros. Isso pode acontecer tanto na fase adulta, quanto quando ainda somos crianças. A diferença é que quando crianças, embora soframos com a perda, tendemos a perguntar aos que nos cercam o que está acontecendo, buscamos entender e, dessa forma, refletir sobre. Com o avançar dos anos, vamos evitando essa reflexão e isso também pode contribuir para o medo, o terror diante da morte.

E, terceiro, porque o ser humano não constrói apenas significados biológicos para sua vida, mas também culturais, os quais variam no tempo e no espaço. Nesse sentido, pode-se refletir acerca da morte por meio da História Cultural, a qual “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1988, p. 17).

É fato que temos uma concepção de morte fruto da sociedade em que nos cerca. Ao longo de nossa vida, amadurecemos nosso entendimento sobre o assunto conforme as relações sociais que estabelecemos nos diferentes espaços que frequentamos. Ocorre que podemos ter contato com outras percepções e ser afetados em maior ou menor grau pelas mesmas, de acordo com o nosso grau de abertura para novas ideias. Assim, ao perceber as diversas perspectivas criadas em relação ao morrer, ampliamos a bagagem cultural referente ao ser humano, podemos rever nossos próprios horizontes e estimular o respeito para com o próximo.

Ora, um fenômeno como a morte é passível de múltiplas interpretações e acaba por colocar em xeque muito daquilo que julgávamos como verdade absoluta. Transitar entre diferentes concepções e questionar nossas próprias crenças leva a ampliação de nossa visão de mundo, de forma que desenvolvemos a capacidade de compreensão do outro. E, se vamos amadurecendo nossas concepções durante a nossa infância e adolescência, por que não discutir sobre a morte em sala de aula?

Para Ermelinda de Fátima Dias da Cunha de Macedo *et alli* (2010), há uma dificuldade das crianças de 8 a 11 anos em falar sobre morte, dado que as mesmas ficaram surpresas e desconfortáveis. Segundo eles, “a morte está muito presente no pensamento das crianças estudadas provocando-lhes *sentimentos dolorosos*, sendo maioritariamente apreciada como um *acontecimento mau*” (MACEDO *et alli*, 2010, p. 52, grifos dos autores). A

dificuldade e o desconforto podem estar associados ao tabu que cerca o assunto, o qual pode desencadear o medo. Além disso, é quase inevitável que concepções religiosas acabem entrando em cena. Contudo, ambos não devem ser fatores que impeçam a discussão do tema, dado que o tabu somente terá oportunidade de ser rompido quando houver possibilidade para reflexão.

De acordo com Elias (2001), em épocas remotas, nascer e morrer eram eventos mais públicos, que incluíam a presença de crianças. Ocorre que, na sociedade atual, já não é mais assim que funciona. Não é comum encontrar em velórios a presença de crianças, pois se entende que as mesmas “não deveriam ser expostas a tal momento triste” ou “não respeitariam o morto com seu barulho”. Nesse sentido, a perspectiva de esconder do público infantil a presença deste fenômeno humano é próprio da sociedade atual.

Mas há também muitos adultos que não se sentem à vontade para refletir sobre o assunto. Além da associação da morte como algo ruim, também se acredita que falar nela pode funcionar como um processo invocatório, logo, se não falar no assunto, ela não aparece. O temor pode estar associado com a própria religiosidade cristã ocidental, a qual nos ensina que após a morte seremos julgados por nossos pecados. Além disso, não queremos fazer sofrer as pessoas que amamos. Como temos a morte como algo necessariamente triste, doloroso e negativo, do qual não temos certeza daquilo que espera para nós, acabamos por evitar o assunto.

Mas, se o assunto não é discutido em casa numa conversa franca entre pais e filhos, o tema pode acabar surgindo na escola, que é o local por excelência onde os alunos se sentem mais à vontade para discutir sobre algumas questões. Luana Ferreira de Almeida, Isadora Nunes Barbosa Ramos e Eliane Brígida Morais Falcão (2009, p. 9) afirmam que a morte “[...] se manifesta entre os estudantes como foco de inquietação religiosa e social sendo indicador de uma demanda educacional [...]. Se a morte faz parte da vida dos jovens e se esses estão nas escolas, torna-se importante a abordagem do tema”.

Na mesma direção, Macedo *et alli* (2010), acrescentam que não é ocultando o fato de que as pessoas morrem que as crianças vão conseguir lidar com isso quando necessário. Até porque como se consegue lidar com algo do qual nunca se ouviu falar? Além do que, ao retardar o inevitável, podemos complicar ainda mais a situação do que se a mesma fosse naturalizada.

Elias afirma que “a dificuldade está em como se fala às crianças sobre a morte, e não no que lhes é dito” (ELIAS, 2001, p. 26). Ou seja, acaba sendo mais produtivo uma criança encontrar na escola a informação que necessita, sendo essa informação franca, verdadeira e

honestas, do que, dada a liberdade de informação a que as crianças e adolescentes possuem acesso na atualidade, encontrar informações recheadas de preconceitos ou de informações que objetivem atemorizá-la quanto ao fenômeno em si.

Para Adelise Salvagni, o problema da falta de discussão sobre o assunto está relacionado com uma noção errônea de falta de maturidade. Para eles,

o que se percebe é que a sociedade contemporânea, muitas vezes, supõe que a criança não compreenda a morte e, dessa forma, considera prejudicial tudo que lhe é associado. [...] Essa concepção considera as crianças pequenas demais para receberem informações sobre um assunto como a morte. A partir desse pensamento, surgem as mentiras ou histórias fantasiosas contadas às crianças para esconder uma realidade sobre a qual, sem dúvida, elas vão interrogar (SALVAGNI *et alli*, 2013, p. 50).

Tanto os pais quanto os professores não podem, portanto, se eximir da responsabilidade de ouvir a pergunta da criança e responder a dúvida que ela possui, de forma clara e honesta, de modo que seja coerente com o linguajar e a idade da mesma. Conclui-se, com isso, que é necessário estudar a história da morte nas escolas. Não se objetiva, aqui, inculcar medo nos alunos ou ensinar apenas a concepção cristã do ato de morrer, mas sim ter a morte como objeto para perceber toda a complexidade do pensamento humano. Tudo isso para que o estudante possa entender que, embora não se saiba exatamente o que acontece depois, ainda assim é algo inevitável, característico de todo ser vivo.

3 ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA DA MORTE NA IDADE MÉDIA: UMA ABORDAGEM POR MEIO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS

Então, por onde começar? Em primeiro lugar, é preciso entender qual a função e o papel da disciplina de História no contexto escolar. Ademir Ferreira da Silva (2020, p. 21) aponta, em sua dissertação, sobre os principais questionamentos que o professor de História recebe ao lecionar essa disciplina: “[...] Por que temos que saber sobre o que aconteceu no passado? Qual o sentido dos fatos históricos nos dias de hoje? Aprender História vai acrescentar o que em minha vida? [...]” (SILVA, 2020, p. 21).

Perguntas importantes e necessárias de serem respondidas, não apenas no contexto em que foram formuladas, mas também ao longo de todo o trabalho docente. Isso porque nos possibilitam tanto responder a uma demanda da sociedade que, na atualidade, preza pela utilidade de cada atividade que seja desenvolvida pelo ser humano, como aprimorar o nosso fazer diário em sala de aula, no sentido de estabelecer conexões entre o presente e o passado.

Sobre essa perspectiva, Juliana de Almeida Freitas (2017, p. 25) afirma que

Esse deve ser o objetivo do ensino de história escolar, contribuir para a formação prática e cotidiana do aluno, tendo em mente as diversas didatizações da história produzidas fora do espaço acadêmico que também contribuem para a construção da consciência histórica dos estudantes. Ao trazer a possibilidade de fazer com que os nossos alunos se desloquem à outra temporalidade e que se desamarrem da temporalidade atual, abrimos um canal de novas e mais avançadas interpretações acerca da nossa temporalidade. (FREITAS, 2017, p. 25)

Por isso, quando realizamos nosso trabalho docente utilizando as diferentes perspectivas de um determinado conceito ou assunto no presente e no passado, o mesmo passa a fazer mais sentido para o educando, pois ele percebe que “o passado não passou” e que isso ainda interfere na vida dele. Por exemplo, pode-se pensar na quantidade de pessoas que acreditaram e compartilharam em suas redes sociais que a atual epidemia de Covid-19 é resultado de um castigo divino pelos pecados humanos, o que também apareceu durante a epidemia de Peste Negra na Idade Média.

Outro ponto a ser considerado sobre o ensino de História e a História da Morte está relacionado com a atual Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental (BNCC). Este documento estipula como objeto de conhecimento para o sexto ano do Ensino Fundamental na disciplina de História “o papel da religião cristã, dos mosteiros e da cultura na Idade Média” (BRASIL, 2017, p. 418). O objetivo de aprendizagem relacionado a esse objeto é que se busque “analisar o papel da religião cristã na cultura e nos modos de

organização social no período medieval” (BRASIL, 2017, p. 419). Ora, considerando que as concepções de morte no ocidente estão diretamente relacionadas com o cristianismo e que o mesmo teve suas principais bases de sustentação criadas na Idade Média, por que não aproveitar o período para se discutir sobre morte?

Sobre essa questão, Silva (2020, p. 27) afirma que

Trabalhar o tema da religião no ensino de História ainda causa incômodo para muitos professores, inclusive tratar dos recortes históricos cuja temática encontra-se pautada em práticas sociais e culturais das diversas manifestações religiosas. Contudo, os aspectos religiosos da vida em sociedade permeiam grande parte dos conteúdos da disciplina de História, no que tange aos mais diversos períodos históricos. Assim, inevitavelmente, em algum momento, o docente vai se deparar com a abordagem pertinente ou relacionada à temática da religião, não sendo raro que tal menção seja negligenciada ou tratada superficialmente, a fim de evitar possíveis polêmicas ou sob a alegação de que o tema não despertaria interesse nos discentes (SILVA, 2020, p. 27).

De fato, é comum que os alunos realizem perguntas do tipo: “É verdade que Deus criou o universo e o ser humano?”, “Existe céu e inferno?”, “Se Deus criou o universo, o que criou Deus?”, “Deus existe?”¹⁹. Nota-se, portanto, que a alegação de que o tema não desperta o interesse dos estudantes é completamente equivocada, porque eles acabam participando de uma vida religiosa e sendo incluídos nestes discursos. E, além dessas questões serem realizadas, discutidas e respondidas nos locais de estudos organizados pelas religiões que as pessoas praticam, elas inevitavelmente acabam reaparecendo em sala de aula quando o professor apresenta outra perspectiva sobre o mesmo assunto.

Entende-se, por outro lado, a tentativa de evitar polêmica, dado que se trata de algo muito íntimo do ser humano e que, por isso, nem todas as pessoas estão dispostas a perceberem que suas crenças podem ser questionadas. Também existe o fato de que o professor pode não dominar as interpretações e práticas religiosas de alguma religião que seja praticada por algum de seus alunos e, por essa razão, tenha receio de acabar cometendo algum tipo de preconceito ou intolerância religiosa. É necessário, por isso, que o docente vá buscando, ao longo de seu trabalho, conhecer mais sobre as diferentes religiões, de modo que possa se sentir mais seguro e preparado para lidar com estas situações em sala de aula.

¹⁹ Considerou-se, aqui, as questões que surgem no contexto escolar relacionadas ao cristianismo porque é o que mais aconteceu, até o momento, na minha experiência docente. No entanto, é importante ressaltar que outras abordagens religiosas também podem ser encontradas em sala de aula e, da mesma forma, acabem por despertar curiosidade e interesse dos educandos relacionadas a seus deuses, interpretações sobre temáticas da vida e práticas religiosas realizadas. Por isso, é importante que o professor também considere essas particularidades e faça essa mediação entre as diferentes perspectivas que surgirem.

Até agora, consideramos a importância do ensino de História nas escolas e a necessidade de se conhecer e trabalhar os aspectos religiosos na disciplina. Precisamos, também, discutir sobre as questões metodológicas. Embora seja possível encontrar iniciativas que diversifiquem as metodologias de ensino referentes à Idade Média²⁰, a maioria das escolas ainda utiliza o livro didático como principal recurso, mesmo porque se trata do material mais acessível. De acordo com Pereira e Giacomoni, o livro didático é um dispositivo de medievalidade, pois apresenta “um conjunto de discursos que falam sobre a Idade Média e criam modos de ver a experiência medieval” (PEREIRA & GIACOMONI, 2008, p. 10). Para eles, os discursos utilizados nos livros limitam o medievo tanto pelo conteúdo que apresentam em suas páginas, quanto por meio do processo pelo qual o livro é selecionado.

No que se refere ao primeiro aspecto, um período de mil anos é condensado em alguns poucos capítulos, de modo extremamente simplificado. Entende-se, obviamente, que seria impossível trazer todos os aspectos relacionados à Idade Média para a sala de aula. Mesmo Pereira (2017, p. 172-173) afirma que “[...] a história é sempre uma arte de recortar o passado, criando novas relações entre esse mesmo passado e o presente, dando contornos determinados ao que passou e, sobretudo, criando visibilidades e determinando silenciamentos”.

Entretanto, se já existia uma simplificação do medievo quando o mesmo era estudado no sétimo ano, quando havia praticamente seis meses para discutir sobre o período, a reorganização de conteúdos didáticos promovida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prejudicou de modo significativo a questão dos estudos medievais. Isso porque a atual BNCC alocou os estudos sobre o medievo para o final do sexto ano, ou seja, os alunos terão que estudar o período conhecido como “Pré-História”, “Idade Antiga” e “Idade Média” de forma bastante rasa para que seja possível abarcar todo o conteúdo previsto em um único

²⁰ Sobre metodologias de ensino para ensinar e aprender sobre Idade Média, ver: LANGER, Johnni. O ensino de História Medieval pelos quadrinhos. In: **História, imagem e narrativas**, n. 8, p. 1-24, abr. 2009. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/170670439/O-ensino-de-Historia-Medieval-pelos-quadrinhos>>. Acesso em 26 nov. 2018; OLIVEIRA, Terezinha *et alii*. O ensino da história da educação da Baixa Idade Média por meio de maquete: um relato de experiência. In: Congresso Nacional de Educação, 11., 2013, Curitiba. **Anais do EDUCERE**, Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/10224_7130.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018; ALMEIDA, Juliana do Nascimento de.; PEREIRA, Auricélia Lopes. História em quadrinhos (HQ) e ensino de História: os usos de HQs enquanto recurso didático. In: Congresso Nacional de Educação, 1., 2014, Olinda. **Anais I CONEDU**, v. 1, Olinda: Centro Multidisciplinar de Estudos e Pesquisa, 2014. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/anais.php>>. Acesso em: 26 nov. 2018; FEITOSA, Tânia Regina. **Análise do conceito de Idade Média e sua representação por meio de fotonovelas**. 2012. 35 f. Produção didática-pedagógica (Programa de Desenvolvimento Educacional) – Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão, Campo Mourão, Brasil; FERNANDES, José Lucas Cordeiro. Lutas, heróis e ação: representações cinematográficas dos nórdicos medievais e seus usos em sala de aula. **Revista O Olho da História**, n. 25, 2017. Disponível em: < <http://oohodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2018/04/joselucas.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

ano. Desse modo, para se trabalhar a morte na Idade Média é preciso pensar em estratégias que aproveitem ao máximo o pouco tempo disponível para o mesmo.

No que se refere ao processo de seleção de livros, ocorre o problema relacionado às propostas metodológicas de cada material²¹. Além disso, em análise sobre a presença da Idade Média nos livros didáticos, Pereira e Giacomoni observaram que os livros da década de 1930 defendem o papel da Igreja como conversora de almas na Idade Média. Dessa forma, em uma época de caos, a instituição teria sido a principal responsável por manter a sociedade estruturada. Já os livros dos anos de 1980 e 1990 apresentavam discussões e conceitos de cunho marxista, de modo que a Igreja passa a ser considerada como a grande “Senhora Feudal”, dado sua condescendência com a opressão e crueldade da época. Por fim, a análise dos livros didáticos de 2008 apontou tanto para a existência de um preconceito velado fruto do Iluminismo do século XVIII com relação ao medieval, quanto pela incorporação de algumas pesquisas historiográficas que saem dos tradicionais temas da guerra, da peste e da Igreja (PEREIRA & GIACOMONI, 2008, p. 39-99).

Além disso, tem-se que

a história do medieval contada nos livros é uma história disciplinada, fria e não problematizada. É uma narrativa “descritiva e factual”, e ainda contínua, sem desvios ou linhas de fuga. Trata-se de uma narrativa em negativo, ou seja, desenha-se uma dominação contra a qual não existem movimentos, nem revoltas camponesas, nem tabernas onde bebiam os jovens estudantes, nem heresias que contestaram o poder da Igreja, nem mulheres como Cristine de Pisan ou Hildegarda de Bingen, que se voltavam contra aquela sociedade, conhecida apenas por ser masculina e guerreira. (PEREIRA, 2017, p. 174)

Conforme é possível perceber, o ensino de Idade Média no Brasil ainda é pautado pela linearidade e pela ausência dos elementos dissonantes que viveram naquele período e que demonstram a complexidade do mesmo. Dessa forma, entendem-se os motivos pelos quais muitos professores não gostam de trabalhar com o período ou o porquê que os alunos nos interrogam sobre a utilidade da Idade Média para a vida atual deles.

Da mesma forma, percebe-se que a presença da morte na Idade Média é abordada de forma bastante equivocada. Isso porque o conteúdo em si está bastante relacionado com os números de mortos provocados pelas guerras e pela peste. Aliado a isso, tem-se o fato de que

²¹ Caso os autores de um determinado livro tragam abordagens diferenciadas, correm o risco de não ser selecionados pelas editoras para o processo de escolha do livro didático. Ainda assim, se conseguirem ser aprovados, os próprios professores podem acabar por rejeitar o material, devido a concepção de complexidade de trabalho que o mesmo exigiria para as aulas. Nesse sentido, a principal consequência é que o conteúdo que se encontra no livro didático, tal como a já bastante criticada divisão tradicional da História, acabam por permanecer imutáveis.

normalmente os dois assuntos estão elencados em títulos como “A crise da Idade Média” ou “A crise do sistema feudal”, percepções amplamente criticadas pela historiografia, no qual logo após aparece o “Renascimento”. Entretanto, conforme vimos anteriormente, a questão da morte na Idade Média é muito mais profunda, pois apresenta significados para a vida dos contemporâneos deste período relativamente distintos daquele que temos na atualidade. Nesse sentido, propõe-se a construção de uma nova forma de narrativa sobre a morte no medievo, de forma a evidenciar a própria complexidade do período e os resquícios do mesmo para a atualidade.

Isso porque a indústria cultural tem forte influência no que se refere às concepções vigentes sobre Idade Média. Nucia Alexandra da Silva Oliveira (2010) investigou o discurso dos estudantes de ensino fundamental e de História na educação superior, para observar as concepções de Idade Média vigentes. De acordo com ela, no ensino fundamental as “[...] definições sobre castelos e guerreiros podem aparecer ao lado de relatos sobre uma Idade Média repleta de dragões!” (OLIVEIRA, N., 2010, p. 119). Quanto aos alunos do ensino superior, os mesmos afirmaram sobre a existência do preconceito com relação à Idade Média, mas não sabiam precisar quando e por quê o mesmo surgiu (OLIVEIRA, N., 2010, p. 121).

Diante disso, optou-se por discutir a morte na Baixa Idade Média por meio de uma oficina pedagógica, um método que se constitui em um poderoso recurso para o professor, dado que a mesma se trata “de uma forma de ensinar e aprender, mediante a realização de algo feito coletivamente” (VIEIRA & VOLQUIND, 2002, p. 11). Logo, trata-se de um espaço privilegiado de construção coletiva do saber, tendo em vista que seu ponto forte é justamente o trabalho desenvolvido em equipe, no qual todos contribuem com seus saberes para a construção de um produto.

Por esse motivo, a oficina favorece com que pessoas de diferentes níveis de ensino e saberes possam aprender em conjunto e facilita o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e o estabelecimento de vínculo entre os envolvidos. Assim, a oficina pode ser utilizada também como um instrumento de formação contínua de quem ensina, dado que possibilita a reflexão sobre as práticas em sala de aula e o aperfeiçoamento das atividades desenvolvidas (MOITA & ANDRADE, 2006, p. 1). Sendo a percepção e vivência da morte produtos culturais e frutos de seu tempo, nada mais interessante do que desmistificá-las numa atividade cuja circulação de conhecimento aconteça de forma conjunta, a fim de que angústias e percepções sejam compartilhadas e enriqueçam o ambiente escolar.

Entretanto, embora a oficina seja uma proposta bastante interessante, são poucos os trabalhos acadêmicos que se propõem a indicar meios e ferramentas para criar tal recurso. Em

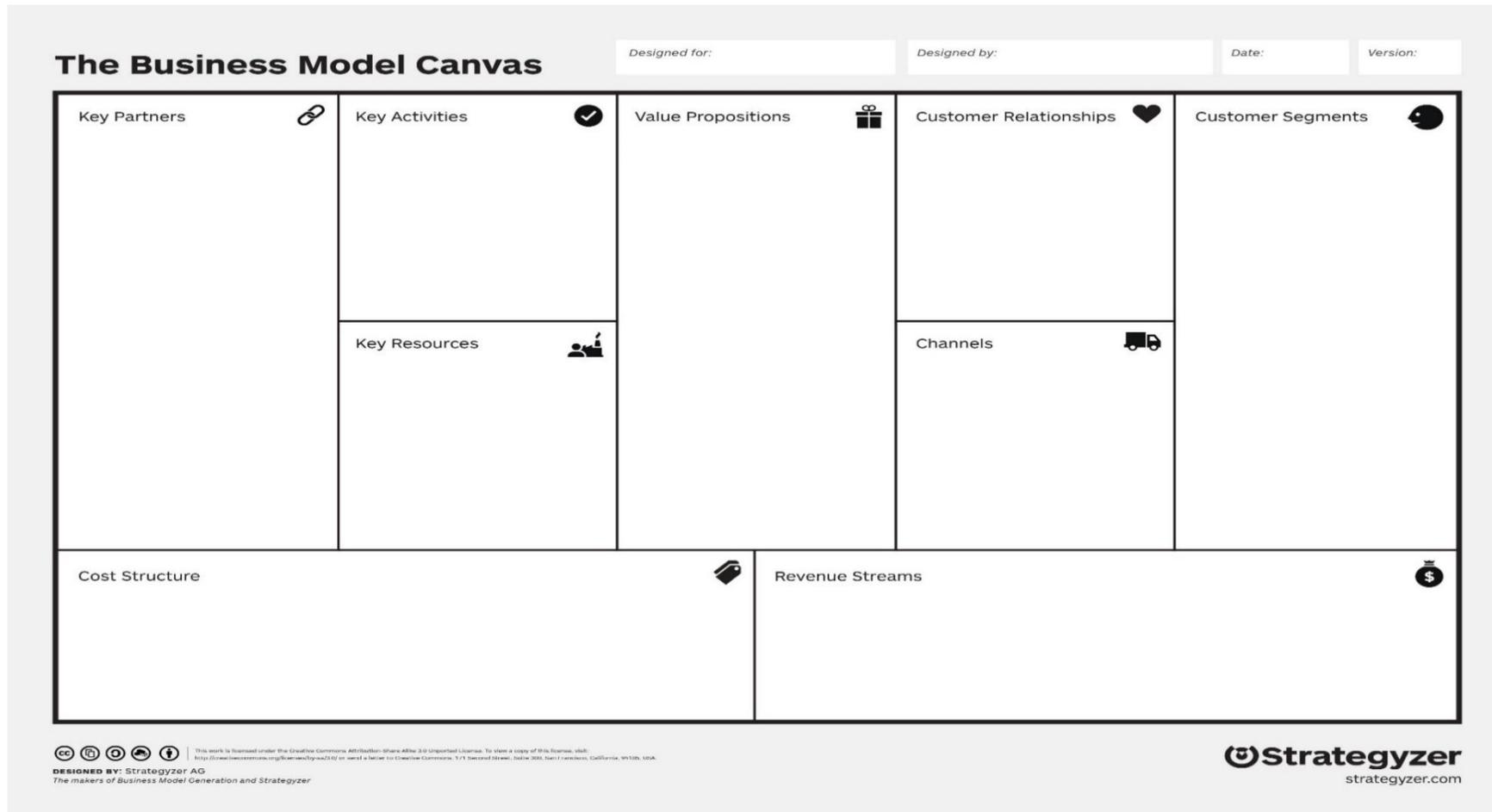
nossas pesquisas, constatou-se que apenas o trabalho de Vieira e Volquind (2002) ensina como montar uma oficina. Nos demais, os textos resumem-se a apresentar a mesma já pronta e os resultados que alcançaram em seu desenvolvimento.

Por essa razão, procurou-se por uma ferramenta que auxiliasse no processo de construção das oficinas, de modo que o professor pudesse utilizá-lo nos mais variados temas e que possibilitasse a construção colaborativa da mesma, de modo a incentivar com que outros docentes se engajassem no processo e, assim, criar a interdisciplinaridade no projeto. Assim, surgiu a ideia de criar um Canvas para a construção de oficinas.

3.1 CANVAS: UMA FERRAMENTA PARA GESTÃO DE PROJETOS

O *Business Model Canvas* foi uma ferramenta criada por Alexander Osterwalder, a partir de sua tese de doutorado defendida em 2004. O objetivo do autor era desenvolver um mecanismo que possibilitasse a visualização de um plano de negócios de forma que, a partir dos principais fatores de interferência para o mesmo, se pudesse ter uma visão holística do projeto (KAMINSKI & ENACHEV, 2014, p. 1-2). A figura 1 apresenta o Business Model Canvas criado por Osterwalder:

Figura 1 – The business model canvas



Fonte: Disponível em: <https://cdn2.hubspot.net/hubfs/4952096/the-business-model-canvas-1.pdf?__hstc=194518130.0d5a04fe14ed0ff1b348f813547877f9.1611288587207.1611288587207.1611288587207.1&__hssc=194518130.5.1611288587207&__hsfp=176440949&hsCtaTracking=d9a8fd77-1762-4928-994d-12054cff6ae4%7C1f17b784-3bb4-44>. Acesso em: 21 jan. 2021

Em resumo, o método Canvas é uma ferramenta que pode ser utilizada para elaboração de planos de negócios por uma equipe, no qual “a abordagem gráfica é sua principal marca” (GLORIA JUNIOR & GONÇALVES, 2016, p. 2).

Uma folha no formato A1, segmentada em 13 blocos, será usada como uma tela de fundo – canvas, em inglês –, ou seja, um espaço inicialmente vazio que será preenchido à medida que formos colocando sobre ele nossos conceitos sobre o projeto e que formos relacionando esses conceitos entre si. [...] (FINOCCHIO JÚNIOR, 2013, p. 33)

Nesta folha, os idealizadores podem desenvolver o projeto de uma forma integrada, observando como as diferentes partes que o compõem se relacionam entre si. É importante, entretanto, que o mesmo seja apresentado de forma concisa, ocupando apenas uma página (GLORIA JUNIOR & GONÇALVES, 2016, p. 14). Isso permite a visualização integral do plano pelos membros da equipe, de forma clara e objetiva, o que facilita a identificação de pontos fortes e aspectos a serem melhorados. Não obstante, qualquer pessoa alheia à proposta criada deve ser capaz de, ao olhar para o quadro final, entender o projeto e fazer contribuições (SEBRAE, 2013, p. 12). Essa visão geral concisa pode então ser expandida para “blocos de anotações, que servem como instrumento de registro e memória de atividades fundamentais do processo e promove o reuso de informações de um projeto para outro” (GLORIA JUNIOR & GONÇALVES, 2016, p. 2).

De acordo com Lima (2018, p. 40) e Finocchio Júnior (2013, p. 37), o método Canvas dispõe os conceitos de forma a se relacionarem entre si, o que os torna diferente dos fluxogramas, que se caracterizam por uma sequência de passos. Em um fluxograma, o projeto se apresenta com início, meio e fim, e a execução de um passo é diretamente ligada ao sucesso da etapa anterior. Ao contrário, o Canvas interliga cada etapa do processo em um único foco, o que permite a identificação de falhas das etapas avançadas logo na concepção do projeto.

3.2 EXPANSÃO DO CANVAS PARA OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

Pelas razões anteriormente citadas, outras áreas de conhecimento utilizaram-se da premissa do Canvas e adaptaram a proposta para a criação de diferentes projetos²². Em 2013,

²² De acordo com Gloria Junior & Gonçalves (2016, p. 2-3), os modelos de Canvas disponíveis podem ser agrupados em 5 propostas: o primeiro é voltado para a gestão de projetos; o segundo refere-se à categoria de inovação, principalmente no que se refere às ferramentas de pesquisa e desenvolvimento; o terceiro traz modelos

Sergio Jimenez propôs o Gamification Model Canvas (GaMC). Este modelo foi criado para a concepção de jogos e possui nove seções, cujo foco são a “Mecânica”, “Dinâmica”, os “Jogadores”, os “Componentes”, o “Comportamento”, as “Plataformas” e a “Estética do jogo” (*game perspective*), além de introduzir os aspectos financeiros “Receitas” e “Custos” (*business perspective*) (JIMENEZ, 2013, não paginado). Para Sarinho, esse tipo de Canvas

se preocupa com a identificação de plataformas onde a mecânica será implementada, componentes e personagens que caracterizam a estética do jogo, dinâmica de comportamentos desejados pelos personagens a serem jogados, custos a serem aplicados no jogo e receitas a serem obtidas pelo jogo quando for produzido (SARINHO, 2017, p. 141-142).

Em 2018, durante o X Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e XXIII Jornada de Ensino de História e Educação, ocorreu uma oficina para criação de jogos no ensino de História. Nela, os professores Marcello Paniz Giacomoni e Iury Wald apresentaram o “Canvas para Gamificação em Ensino de História”, o qual foi adaptado a partir da proposta GaMC, de Sergio Jimenez. Esse modelo de Canvas é dividido em 11 partes, conforme a fotografia 1.

Fotografia 1 – Canvas para gamificação em ensino de História



CANVAS PARA GAMIFICAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

Nome do projeto:

Projetado para:

Projetado por:

Em:

<p>TEMÁTICAS </p> <p>Quais conteúdos, conceitos ou competências relacionadas à História ou à Geografia eu desejo desenvolver com o meu jogo?</p>	<p>COMPONENTES </p> <p>Descreva os elementos ou características do jogo para criar as dinâmicas e as mecânicas para os jogadores. Como os componentes se relacionam com a temática que quero desenvolver?</p>	<p>DINÂMICAS </p> <p>Qual o comportamento básico do jogo que desejamos construir? Quais dinâmicas usaremos para criar a estética do jogo? Quais dinâmicas funcionam melhor para os nossos jogadores? Quais dinâmicas dialogam melhor com a temática ou conceito que desejamos desenvolver? Como essas dinâmicas funcionarão no nosso jogo?</p>	<p>MECÂNICAS </p> <p>Descreva as regras do jogo com os componentes para criar as dinâmicas do jogo. Como nós usaremos os componentes selecionados para desenvolver comportamentos? Como nós podemos explicar as mecânicas para os nossos jogadores? Como nós podemos aumentar a dificuldade das mecânicas ao longo do tempo?</p> <p>Exemplos de mecânicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Assista o vídeo e ganhe 10 pontos - Jogue os dados e recolha os recursos - Responda às perguntas e ganhe o nível expert - Complete o formulário e desbloqueie o emblema - Compre algo para terminar a missão - Acumule pontos durante um tempo determinado 	<p>ESTÉTICAS </p> <p>Descreva as respostas emocionais desejáveis evocadas pelo jogador enquanto ele interagir com o jogo. Quais elementos capturarão a atenção dos nossos jogadores? Por que eles devem jogar? Como nossos jogadores podem divertir-se?</p>
<p>INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA </p> <p>O que, pedagogicamente, é desejado desenvolver nos alunos?</p>				<p>COMPORTAMENTOS </p> <p>Descreva os comportamentos ou ações necessárias para desenvolver em nossos alunos/jogadores. Quais comportamentos nós devemos melhorar a partir dos desafios propostos no jogo? Quais comportamentos nossos alunos gostariam de melhorar?</p> <p>Exemplos de comportamentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - assistir um vídeo - responder a uma pesquisa - ler um conteúdo - ouvir os colegas com atenção - pesquisar em livros ou internet
	<p>JOGADORES </p> <p>Quem são os nossos jogadores/alunos? Do que os nossos jogadores gostam? O que os nossos jogadores querem?</p>	<p>PLATAFORMAS </p> <p>Quais plataformas nós utilizaremos como superfície para o jogo? Onde a narrativa construída pelo jogo vai acontecer?</p>	<p>AValiação </p> <p>Descreva a forma de avaliação do retorno pedagógico da proposta que faz uso da gamificação. Como mediremos o sucesso do jogo? Quais resultados esperamos atingir com o jogo?</p> <p>Exemplos de avaliações: Prova formal; Apresentação oral; Debate; Autoavaliação; Questionário; Criação de protótipos a partir do jogo</p>	<p>INVESTIMENTOS </p> <p>Descreva os principais custos ou investimentos para desenvolver o jogo. Quais são os principais custos do jogo? Qual orçamento está disponível para atingir os resultados do projeto? Nós podemos dimensionar custos sobre o tempo, baseando-se no cumprimento de objetivos parciais? Os recursos tecnológicos necessários estão disponíveis?</p>

Canvas elaborado por Marcelo Paniz Giacconi e Iury Wald, a partir do "Gamification Model Canvas", disponível em www.gameonlab.com

Fonte: Fotografado pela autora.

Além do Canvas, o *template* também acompanha um conjunto de cards, exemplificados na fotografia 2.

Fotografia 2 – Cards do Canvas para Gamificação em Ensino de História



Fonte: Fotografado pela autora

A premissa deste Canvas é simples. O professor inicia o projeto preenchendo os dados do título. Logo após, ele escreve qual é a temática, conceito ou competência que se quer explorar com o jogo. Em seguida, escolhe dentre os cards disponíveis na etapa de “Intencionalidade Pedagógica” o que ele quer desenvolver, em termos pedagógicos, nos alunos – se é conceito, relações, fazer uma revisão, dentre outros. O professor pode também escolher mais do que um card ou, ainda, criar sua própria intencionalidade pedagógica. Feito isso, o professor escreve sobre os jogadores, explicitando quem são eles e do que eles gostam.

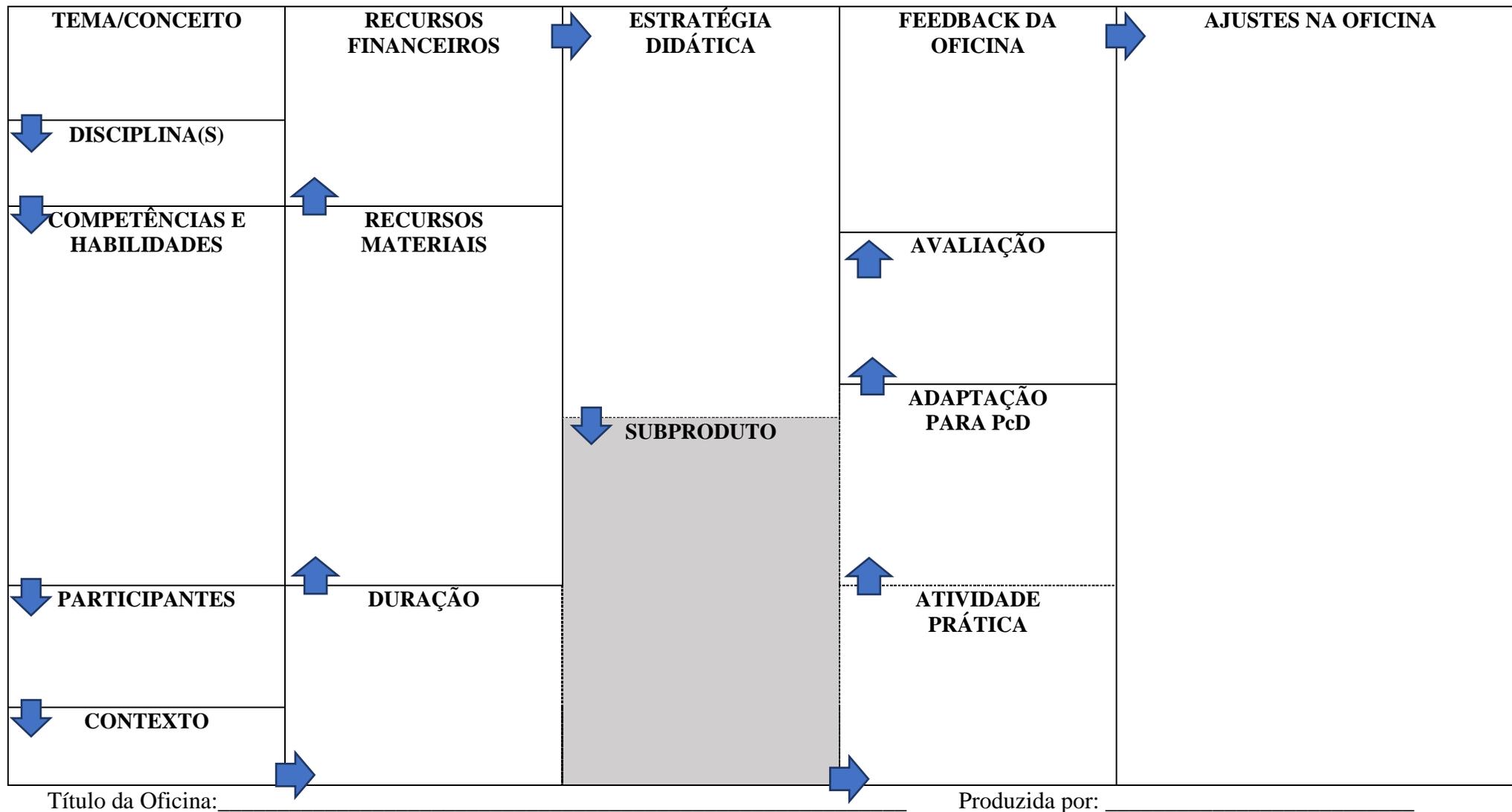
Depois, o professor escolhe a plataforma que o jogo irá se desenvolver, que é a superfície onde o jogo e a narrativa acontecem. Para tal, o professor conta com cards de TV, tablet, smartphone, classes dos alunos, tabuleiro, “internet das coisas”, entre outros. Escolhida a plataforma, tem-se uma etapa dividida em três momentos: os componentes, as dinâmicas e as mecânicas. Nos componentes, o docente seleciona os elementos e as características do jogo, relacionando-os com a temática delimitada. Eles podem ser avatares, conquistas,

prêmios reais ou fictícios, contadores, *ranking*, etc. Feito isso, passa-se para as dinâmicas, em que se definem os comportamentos básicos do jogo, conectando tanto os jogadores, quanto o conteúdo selecionado. As atitudes podem ser de produtividade, de altruísmo, de relacionamento, de emoções, de status, de restrições, de narrativas, de recompensas ou de progressão. Finalizando essa etapa, têm-se as mecânicas, nos quais se inserem as regras do jogo para criar as dinâmicas. Podem ser selecionados *cards* de turnos, de desafios, de *feedback*, de competição, de fortuna, entre outros.

As últimas etapas do processo de concepção do jogo envolvem definir a estética, o comportamento, os investimentos e a avaliação. No que tange à estética, o professor reflete sobre as respostas emocionais que ele espera que o aluno tenha enquanto joga. Podem ser escolhidas entre irmandade, sensações, descobertas, fantasias, etc. Após, o professor escreve a respeito dos comportamentos e ações que serão desenvolvidos nos jogadores. Feito isso, vem a parte financeira do jogo. Aqui, define-se se haverá custos e investimentos necessários para que o jogo seja produzido e como conseguir esses recursos. Por fim, avalia-se a proposta do jogo e os resultados que se esperam alcançar.

Inspirada pelo potencial reflexivo que o Canvas possuía para a elaboração dos jogos, pensei em recorrer a uma premissa semelhante para criar um produto que pudesse ser utilizado por professores de História. Diante disso, lembrei-me do problema que era encontrar materiais que apontassem caminhos para a montagem de oficinas pedagógicas. Isso porque, conforme dito anteriormente, os textos acadêmicos mostram em sua maioria apenas como as oficinas foram executadas e os resultados obtidos, porém poucos discutem sobre o processo de criação da mesma. Assim, surgiu o Canvas para Oficina Pedagógica, ilustrado pela figura 2.

Figura 2 – Canvas para oficina pedagógica



Fonte: Produzido pela autora.

Passo, agora, a explicar cada uma das seções disponíveis no Canvas e como cada professor pode utilizá-la para construir sua própria oficina. Ressalta-se que todas as áreas que possuem a borda pontilhada podem, a partir das decisões que forem tomadas nas outras etapas do Canvas, sofrer alterações ainda no momento do planejamento. Assim, a duração de uma oficina pode ser alterada a partir das estratégias didáticas utilizadas e da atividade prática que for escolhida. Da mesma forma, adaptações para PcD podem exigir modificações nas estratégias didáticas ou no subproduto.

3.2.1 Tema/Conceito

O primeiro item do Canvas refere-se ao “Tema/Conceito”. Aqui, o professor irá selecionar qual o tema ou conceito que ele pretende trabalhar na oficina. Nessa perspectiva, é importante que o docente se atente em delimitar o assunto no tempo e no espaço, tanto para que a seleção teórica e prática seja mais consonante com os propósitos elencados, quanto para que os participantes da oficina possam ter maior clareza sobre o tema da oficina em si.

3.2.2 Disciplina(s)

Em seguida, o professor pode verificar se outras áreas de ensino irão contribuir para o desenvolvimento teórico e prático da oficina. Em caso positivo, deve-se fazer o convite para que outros docentes das outras áreas de conhecimento participem tanto do processo de planejamento, quanto da execução e avaliação da oficina. Espera-se, com isso, enriquecer o trabalho desenvolvido em sala de aula e estimular a interdisciplinaridade de saberes.

Outra opção, ainda, é o professor optar por trabalhar apenas com os aspectos referentes à sua disciplina relacionados ao tema definido.

3.2.3 Competências e habilidades

O terceiro ponto a ser definido são as competências e habilidades que o estudante irá desenvolver ao participar daquela oficina. Para tanto, o professor tem dois caminhos: no primeiro, ele pode se orientar pelas competências e habilidades da área da História definidas pela BNCC; ou pode definir seus próprios objetivos gerais e específicos com o trabalho a ser feito.

Ao optar pela BNCC, o professor pode procurar na sua área de conhecimento e na disciplina em específico quais são as competências e habilidades a serem desenvolvidas no estudante ao longo do ensino fundamental e médio. Dessa forma, o professor já pode ir implementando tais processos no aluno ao longo da oficina.

No caso de o docente escolher a segunda opção, é importante se atentar para a existência de verbos específicos para os objetivos gerais, os quais podem possuir características voltadas para conceitos, procedimentos e atitudes. Neves (2011-2021, não paginado) afirma, por exemplo, que conhecer, compreender, identificar e entender são verbos que se relacionam com conceitos. No que se refere aos procedimentos, podem ser usados os verbos desenvolver, organizar, demonstrar, entre outros. Já para verbos sobre atitudes, podem ser utilizados os verbos contribuir, valorizar, mostrar, colaborar, entre outros.

Definido o(s) objetivo(s) geral(is), o professor escolhe os objetivos específicos, os quais tendem a contribuir para alcançar os objetivos gerais. Para Neves (2011-2021, não paginado), pode-se escolher entre verbos de análise, avaliação, compreensão, conhecimento, síntese e aplicação. No primeiro caso, os verbos de análise comumente utilizados são: analisar, investigar, diferenciar, comparar, etc. Para os verbos de avaliação, pode-se optar entre: avaliar, estimar, precisar, selecionar, medir, pesquisar, entre outros. Os verbos que indicam compreensão relacionam-se com uma interpretação construída e, portanto, podem ser: concluir, inferir, interpretar, ilustrar, descrever, entre outros. Já verbos de conhecimento referem-se a algo já consolidado e, para tal objetivo, utiliza-se registrar, enumerar, nomear, identificar, especificar. Verbos de síntese são utilizados quando se quer sintetizar informações. Para essa categoria, sugerem-se os verbos estruturar, generalizar, documentar, organizar, esquematizar, etc. Por fim, existem os verbos de aplicação, os quais sugerem uma atividade prática a ser executada. São eles: aplicar, operar, usar, praticar, empregar, entre outros (NEVES, 2011-2021, não paginado).

3.2.4 Participantes

Na próxima etapa do planejamento, o professor observa e descreve um pouco sobre quem serão os participantes da oficina. Cabe considerar aqui que haverá diferenças na forma de execução da oficina para os diferentes públicos que poderão dela participar. Por exemplo, se é um grupo de estudantes de uma escola indígena, a abordagem da oficina será diferente daquela empregada em uma escola particular de um centro urbano. Da mesma forma, se for um público de Educação de Jovens e Adultos, os objetivos, a apresentação teórica, o

subproduto e a atividade prática devem ser repensadas se a mesma oficina já foi aplicada em um contexto de sexto ano.

Deve-se, portanto, refletir acerca do número de participantes, quais são as suas principais características, quais são as expectativas que esses estudantes podem ter com relação a essa oficina e qual é o contexto no qual eles vivem. Ao realizar tal processo, pode-se delimitar a linguagem a ser utilizada na oficina, os exemplos que serão apresentados, as atividades teóricas e práticas, entre outros.

3.2.5 Contexto

Outro ponto relevante é refletir se a oficina acontecerá em formato presencial, por intermédio de educação à distância (EAD) ou no formato híbrido. A primeira opção impactará diretamente na necessidade de se ter um espaço físico para a execução da mesma, com a infraestrutura adequada (projektor, quadro, caixa de som ou outras ferramentas). Além disso, pode ser necessário infraestrutura para pessoas com deficiência (PcD) e banheiros para uso comum. E, dependendo da duração da oficina, pode haver períodos de intervalo, nos quais os participantes serão servidos com café e lanche.

Para o caso específico do ensino EAD, haverá a necessidade de equipamentos eletrônicos que possibilitem a transmissão ao vivo da oficina ou a disponibilização da mesma de forma gravada. Outra questão é o acesso à internet, o qual pode ser um fator tanto de inclusão como de exclusão de participantes. Inclusão porque permite que pessoas com acesso à internet de qualquer área do planeta possam participar, em tempo real ou assistindo depois à gravação da oficina. Exclusão, pois existem pessoas que não possuem acesso à internet ou que são analfabetos digitais e, portanto, estariam impedidos de participar sem os devidos recursos ou orientações. Por fim, o autor da oficina deve também pensar se haverá a disponibilização de arquivos para os alunos e na digitalização dos mesmos, de modo que o participante possa estar de posse do material no momento da oficina.

Já no que tange ao ensino híbrido, realidade de algumas escolas durante a pandemia do COVID-19, por exemplo, haverá uma mescla das necessidades tanto do ensino presencial quanto do ensino EAD. O que vai determinar tais necessidades será o tempo e as atividades desenvolvidas em cada um dos contextos.

Seja qual for a modalidade de ensino, o fato é que algumas atividades são mais propícias de serem realizadas em uma ou outra circunstância. Cabe ao professor verificar qual

é o contexto em que ele se insere e, a partir daí, pensar nas atividades que são mais adequadas para cada um.

3.2.6 Duração

A seção de duração abrange o aspecto do tempo. Sendo esse recurso um tanto quanto escasso na rotina de sala de aula, é fundamental que o professor defina quantos dias ou aulas irá dedicar para a execução da atividade. Além disso, outros dois fatores que interferem na questão da oficina são o horário e o turno em que a mesma acontecerá. Isso porque, por exemplo, uma oficina realizada pela noite provavelmente irá contemplar estudantes que tiveram uma rotina intensa de trabalho durante o dia e já chegam cansados na instituição de ensino. Logo, as atividades teóricas e práticas devem ser pensadas de forma que a atenção do aluno seja despertada para o que está acontecendo em sala de aula.

3.2.7 Recursos materiais

Tendo observado todas as questões anteriores, é momento de o professor observar quais são os recursos materiais que ele ou a escola dispõe. Dessa forma, verifica-se que instrumentos estão disponíveis e que podem ser aproveitados de alguma forma durante as atividades: computador, kit multimídia, materiais de papelaria, entre outros. A partir dessa constatação, o professor irá organizar tanto a parte teórica quanto a parte prática da oficina.

Além disso, pode-se solicitar aos alunos que tragam materiais para o uso em sala de aula. Outra possibilidade, ainda, é o professor utilizar recursos não convencionais, tais como objetos recicláveis para desenvolver as atividades programadas. Pode-se incluir, por fim, diferentes técnicas artísticas ou de artesanato, as quais dependerão da criatividade do professor ou do suporte de algum docente de Artes.

3.2.8 Recursos financeiros

Esta seção é preenchida com toda e qualquer coisa que envolva o aspecto financeiro da oficina. Por isso, após observar o material disponível, é possível verificar se haverá a necessidade de compra ou aluguel de alguma ferramenta. Logo, é importante buscar por orçamentos, a fim de se encontrar o que precisa com o melhor custo-benefício. Feito o levantamento, anota-se na seção os possíveis custos que a oficina demanda.

Além disso, esta seção também abarca como conseguir o dinheiro que será necessário. Aqui, se o professor julgar pertinente, ele próprio pode arcar com os custos da oficina ou pode solicitar para que os alunos contribuam financeiramente com algum aspecto. Outra alternativa, também, é verificar se há editais de fomento ao ensino disponíveis em instituições públicas e privadas.

3.2.9 Estratégia didática

Com toda a delimitação apresentada anteriormente, haverá maior segurança por parte do professor ao planejar a execução da oficina, pois o docente estará mais ciente da sua realidade e não planejará coisas que serão impossíveis de serem feitas devido à falta de material ou de um recurso indispensável.

Assim, inicia-se a reflexão sobre as estratégias didáticas que podem ser utilizadas pelo professor para apresentar o conhecimento teórico referente ao tema escolhido. Para esta seção, estarão disponíveis os *cards* com os seguintes termos: slide, vídeo, texto, fonte documental, imagem, som, teatro, apresentação oral, contação de história, entrevista, gamificação, desenho animado, clipe musical, história em quadrinho, quadro da sala, tabela, gráfico, jogo e reportagem. Também acompanham a seção alguns *cards* em branco, para que o professor possa completar com qualquer outra estratégia didática que lhe surgir na mente e que seja pertinente ao assunto explorado.

Para esta seção, não há limite pré-estabelecido de quantidade de estratégias didáticas. O que servirá como delimitador serão as etapas previamente pensadas, as quais apontarão se uma estratégia didática é pertinente ou não para aquela oficina. Além disso, é interessante que o professor domine e tenha tempo hábil para aquilo que se propõe fazer. Logo, não adianta escolher utilizar-se de um desenho animado para apresentar o conteúdo teórico se o professor não domina alguns conhecimentos sobre análise de filmes. Isso porque haverá perda de informações que serão fundamentais para entender o contexto de produção de uma obra.

Selecionada(s) a(s) estratégia(s) didática(s), o professor conclui essa seção com uma breve descrição de como e em que ordem as mesmas aparecem durante a apresentação teórica do docente. Dessa forma, organiza-se uma narrativa do conhecimento a ser apresentado, de modo a que se verifique se é necessário ajustar tanto as decisões tomadas nesta etapa, quanto aquelas tomadas em outros momentos do planejamento da oficina.

3.2.10 Subproduto

O subproduto refere-se ao que será produzido na oficina pelos participantes. É o ponto de chegada: o que se quer que os estudantes façam com o conhecimento adquirido na parte teórica.

Para esta seção, disponibilizam-se os seguintes *cards*: diorama, maquete, texto (prosa, verso, acadêmico, literário), exercício, jogo, cartaz, mapa mental, escultura, teatro, cartum, radionovela, história em quadrinho, tirinha, reportagem, imagem, fotografia, música, clipe musical, curta metragem, *podcast*, página ou perfil em rede social, meme e exposição. Como na etapa anterior, também haverá a disponibilidade de *cards* em branco, para que o professor preencha com outras possibilidades que surgirem na hora do planejamento.

É importante que seja reservado tempo na oficina para que os alunos possam apresentar suas criações, a fim de que não somente seja explorado sua apresentação oral diante de uma plateia, mas também para que o processo criativo dos mesmos fique em evidência.

3.2.11 Atividade prática

A atividade prática é o meio de campo entre o momento teórico da oficina e o resultado final. Porém, dos três ela é a última coisa a ser pensada. Isso porque somente definindo o ponto de partida (estratégia didática) e de chegada (o subproduto) que se fica evidente o caminho a ser percorrido. Ao final da reflexão desta seção, pode ser que haja a necessidade de alterar a duração da oficina para mais ou menos tempo.

No que se refere à forma como será conduzida a atividade prática, isso depende exatamente do que se quer construir. Por isso, se houver a criação de grupos de trabalho, se o subproduto será feito em casa ou na sala de aula, se houver necessidade de ir para outra área da escola ou do local onde a oficina é realizada, entre outros, são exemplos de atividades que somente serão definidas após a escolha do subproduto.

3.2.12 Adaptação para PcD

Feito o planejamento da oficina, é o momento de ajustar a mesma para as especificidades das pessoas com deficiência. Assim, se houver uma pessoa surda na sala, é preciso verificar com seu intérprete como a atividade poderá ser melhor conduzida, de modo

que o surdo seja contemplado com os conhecimentos disponibilizados e possa participar da atividade prática e da confecção. Se houver um aluno cego, é preciso que primeiro as imagens sejam descritas para ele, antes de sua análise.

Em algumas escolas, dependendo o tipo e o grau de deficiência do aluno, o mesmo possui o direito de ser acompanhado por um segundo professor²³. Nesses casos, o ideal é conversar com o mesmo e incluí-lo no planejamento da oficina, de modo a que se pensem adaptações tanto na apresentação teórica da oficina quanto nas atividades específicas para o aluno que esse professor acompanha.

3.2.13 Avaliação

A avaliação diz respeito aos meios pelos quais o professor vai avaliar o desempenho dos alunos ao longo da oficina e no subproduto. Também compreende a avaliação dos objetivos, habilidades e competências, de modo a observar se os mesmos foram alcançados. Alguns exemplos de formas avaliativas são a prova formal, prova oral, apresentação final do subproduto criado, a expressão artística, a criatividade, o engajamento dos alunos, entre outros.

3.2.14 Feedback da oficina

Essa etapa é realizada em dois momentos. O primeiro deles é feito ainda na fase de planejamento da oficina, em que o professor irá decidir como os participantes poderão opinar a respeito da oficina. Assim, pode ser escolhido um formulário impresso ou digital, um questionário, uma entrevista com alguns participantes, a entrega de um papel para que os alunos escrevam de forma livre e anônima, entre outros.

O segundo momento é após a realização da oficina, em que o professor retoma o Canvas do planejamento e, após ler os feedbacks, anota os principais retornos que teve dos alunos com relação a participação na oficina. Essa etapa é fundamental para a última etapa do planejamento, pois evidencia o que, na visão dos participantes, pode ser melhorado.

²³ Nas escolas de Santa Catarina, por exemplo, o segundo professor é um profissional formado em Pedagogia, com formação em educação especial, o qual acompanha alunos com determinados tipos de deficiência, comprovadas por laudo médico.

3.2.15 Ajustes na oficina

Por fim, chega-se às considerações finais diante de todo o trabalho feito. Essa etapa é exclusivamente para uso do professor e deve ser executada apenas após a realização da oficina. Aqui, o professor irá refletir acerca de toda a montagem e execução da oficina para aquele público em específico, de modo a verificar o que precisa ser melhorado, o que pode ser mantido e possíveis sugestões para quando a oficina for novamente executada.

Para que essa seção seja melhor analisada, é importante que o professor vá realizando pequenas anotações ao longo do desenvolvimento da oficina. Desse modo, de posse desse material, o docente fará seus apontamentos com informações advindas tanto das impressões que teve ao longo da execução da oficina, quanto após a finalização do trabalho.

As principais vantagens de realizar essa etapa de avaliação final são poder aperfeiçoar a prática docente e poder revisar, ao longo do tempo, os pontos fortes e fracos do trabalho desenvolvido.

3.3 EXEMPLO DE OFICINA

Discutiu-se, até o momento, sobre o Canvas para oficinas pedagógicas, o qual se resume a uma metodologia na qual fosse possível criar uma oficina e, após sua execução, ter a oportunidade de refletir acerca do desenvolvimento da mesma e nos aspectos que possam ser melhorados. Agora, apresentamos na figura abaixo um exemplo de oficina planejada a partir do Canvas, em que se observa como melhor utilizar a ferramenta disponibilizada.

Figura 3: Exemplo de oficina planejada com o Canvas para Oficina Pedagógica

TEMA/CONCEITO	RECURSOS FINANCEIROS	ESTRATÉGIA DIDÁTICA	FEEDBACK DA OFICINA	AJUSTES NA OFICINA
<p>A morte durante a Peste Negra na Europa (Século XIV)</p> <p>DISCIPLINA(S)</p> <p>História</p>	<p>Itens para os dioramas: a cargo dos alunos;</p> <p>Cópias coloridas: a cargo do professor. Valor da cópia: R\$ 0,50 centavos a folha. Cópias coloridas estimadas para a oficina: 100. Total: R\$ 50,00.</p>	<p>Slides;</p> <p>Postagens de redes sociais;</p> <p>Fonte textual;</p> <p>Imagens;</p> <p>1º Momento: Questionamento inicial e apresentação do tema. Provável necessidade de esclarecimentos.</p>	<p>Formulário respondido anonimamente.</p>	
<p>COMPETÊNCIAS E HABILIDADES</p> <p>Competências das Ciências Humanas: Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmos, aos outros e às diferentes culturas, com base nos argumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer</p>	<p>RECURSOS MATERIAIS</p> <p>Projetor, caixa de som, impressão colorida de texto e imagem, material de papelaria (cola, tinta guache, lápis de cor, folha A4, tesoura, pincéis, entre outros).</p> <p>Materiais recicláveis. Caixas de sapato. Folhas duras para pontilhado de imagens. Material pontiagudo.</p>	<p>2º Momento: Apresentação dos slides. Comunicação em quatro etapas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – Critérios fisiológicos para a morte, (des)igualdade na morte e atual tabu; 2 – Noções do tempo na sociedade medieval, influência religiosa e ritos de preparo ao moribundo; 3 – A organização dos cemitérios medievais e a criação do além. 4 – A Peste Negra e o Covid-19. 	<p>AVALIAÇÃO</p> <p>Apresentação do diorama de forma oral pelos alunos (peso 3); Criatividade e estética na confecção do diorama (peso 2); Aquisição e adaptação do conhecimento científico para e na confecção e apresentação do diorama (peso 5).</p> <p>ADAPTAÇÃO PARA PcD</p> <p>Disponibilização das</p>	

<p>natureza; Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.</p> <p>Competências de História para o Ensino Fundamental: Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo; Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.</p> <p>Objeto de conhecimento:</p>		<p>3º Momento: Atividade prática</p> <p> SUBPRODUTO</p> <p>4 Dioramas: 1 – Peste Negra; 2 – Culpa do Outro na Peste; 3 – Os doentes do Covid-19; 4 – Culpa do Outro no Covid-19.</p>	<p>imagens com pontilhado elevado; Descrição detalhada de imagens; Textos em braile; Dioramas com reforço para possibilitar o toque.</p>	
---	--	--	--	--

<p>O papel da religião cristã, dos mosteiros e da cultura na Idade Média.</p> <p>Habilidade: (EF06HI18) Analisar o papel da religião cristã na cultura e nos modos de organização social no período medieval.</p>				
<p>PARTICIPANTES</p> <p>Turma de 6º Ano do Ensino Fundamental. Alunos de escola pública. 30 alunos em sala de aula. Destes, uma aluna é cega. São alunos bastante criativos e curiosos. Parte dos alunos são evangélicos e parte são católicos.</p>	<p>DURAÇÃO</p> <p>Aulas de 50 minutos. Turno da manhã, das 07:30 às 09:10, no primeiro dia. Atividade: apresentação de slides e análise de fontes. Turno da manhã, das 10:15 às 11:05, no segundo dia. Atividade: Pesquisa na Internet.</p>		<p>ATIVIDADE PRÁTICA</p> <p>Divisão dos alunos em 6 grupos com 5 alunos; Entrega de fontes documentais para leitura, análise e preenchimento de questionário crítico das fontes; Pesquisa na Internet e anotações no caderno sobre o tema a ser pesquisado pelo grupo; Criação dos dioramas; Apresentação final.</p>	
<p>CONTEXTO</p> <p>Ensino Presencial</p>	<p>Turno da manhã, das 07:30 às 09:10, no terceiro dia. Atividade: construção dos dioramas. Turno da manhã, das 10:15 às 11:05, no quarto dia. Atividade: Apresentação final e avaliação.</p>			

Título da Oficina: Tempos de Flagelo: A Peste Negra (sec. XIV) e o Covid-19 (2020) Produzida por: Mayara Faccin

Fonte: Produzido pela autora.

Passo, agora, a apresentar como foi o planejamento desta oficina, cuja temática envolve a história da morte na Idade Média, durante o Período da Peste Negra.

3.3.1 Tema/Conceito

Para a seleção do tema a ser discutido nessa oficina, delimitou-se a Idade Média europeia como período espacial e temporal a ser apresentado em sala de aula em virtude, primeiramente, do gosto pessoal que tenho por essa época. E, em segundo lugar, porque conforme discutido anteriormente, ainda se restringe muito o que se aprende sobre esse tempo na educação básica ao que o livro didático fornece. Nesse sentido, entende-se a importância de se trazer mais uma possibilidade para os professores da educação básica.

Delimitado o tempo e o espaço, partiu-se para o tema. Em virtude da discussão apresentada anteriormente sobre a necessidade de se discutir sobre a morte na educação básica, optou-se por escolher um momento da Idade Média em que a mesma se tornou bastante evidente na sociedade. Por essa razão, escolheu-se a Peste Negra, no século XIV, como foco de estudo.

3.3.2 Disciplina(s)

Para esta oficina em específico, pensou-se em envolver apenas a disciplina de História para o desenvolvimento das atividades. Entretanto, uma possibilidade seria incluir o docente da disciplina de Artes, principalmente para o desenvolvimento do diorama, e o professor de Língua Portuguesa, o qual pode auxiliar no processo de análise textual, composição do texto para o diorama e apresentação oral. Dessa forma, ao abranger três disciplinas, além de distribuir melhor o tempo da duração da oficina em sala de aula, pode ser feito um trabalho interdisciplinar bastante interessante.

3.3.3 Competências e habilidades

As competências e habilidades selecionadas para esta atividade são oriundas da BNCC para o Ensino Fundamental. Nesse sentido, escolheu-se entre as competências disponíveis para as Ciências Humanas e para a disciplina de História aquelas que fariam mais sentido para a proposta de oficina a ser pensada.

Já no que tange ao objeto de conhecimento e a habilidade, observou-se que a Idade Média estava contemplada no sexto ano do ensino fundamental e que se discutia o papel da religião cristã na cultura e sociedade medieval. Assim, o plano de fundo no qual se trabalhará sobre a Peste Negra será a ambientação cristã da sociedade e as interpretações que esta deu para o evento.

3.3.4 Participantes

O estabelecimento da turma de sexto ano como público-alvo desta atividade não é mera coincidência. Conforme explicitado anteriormente, é para esse ano que estão previstas, de acordo com a BNCC, as atividades relacionadas com o período da Idade Média.

Entretanto, para exemplificar melhor o funcionamento da oficina, criou-se uma turma hipotética de trinta alunos de uma escola pública. Tal fato foi necessário porque, devido ao contexto da pandemia, o qual inviabilizou as aulas presenciais e trouxe uma dinâmica diferenciada para o ensino na forma do EAD, não há turmas atualmente frequentando o espaço escolar. Nesta turma, uma das estudantes é cega. Esse fator deve ser considerado mais adiante, quando houver o planejamento das adaptações para PcD.

Além disso, destacou-se que parte dos alunos são evangélicos e parte são católicos. Tal fator é relevante porque possibilita exemplificar aos alunos como havia a separação entre cristãos e não cristãos na Idade Média, principalmente no que se refere ao cemitério. Além disso, auxilia no esclarecimento acerca de como a morte pode ser interpretada por diferentes religiões.

3.3.5 Contexto

No que se refere ao contexto, escolheu-se a modalidade de ensino presencial para a realização da oficina. Entretanto, a mesma poderia ser realizada de forma híbrida ou totalmente EAD, necessitando, para isso, de algumas adaptações.

Para a forma híbrida, uma sugestão seria o professor realizar a parte teórica, a análise e discussão das fontes e a pesquisa na Internet no formato EAD e a confecção e apresentação dos dioramas de forma presencial. Já para a conjuntura de ensino à distância, a sugestão é modificar o subproduto, de forma a que o material construído pelos estudantes possa ser feito conjuntamente via internet ou que seja algo a ser realizado de forma individual. Como

exemplos para a educação à distância, pode-se criar perfis em redes sociais, histórias em quadrinhos, textos em ferramentas online, entre outros.

3.3.6 Duração

Neste colégio hipotético, a duração das aulas é de 50 minutos. Nesse sentido, considerou-se que os alunos possuem duas aulas de história nas terças-feiras, das 07h30min às 09h10min, e uma aula da disciplina nas quintas-feiras, das 10h15min às 11h05min. Portanto, é possível perceber que os alunos têm duas aulas logo cedo pela manhã, o que pode ocasionar episódios de sono caso o tema não seja abordado de forma a despertar o interesse; e uma aula está localizada no período após o intervalo, contexto naturalmente maior de agitação da turma.

Por isso, pensou-se em alocar as atividades de modo que: a exposição dialogada entre professor e alunos e a análise de fontes ficassem para o mesmo dia; houvesse tempo suficiente para se construir os dioramas; tanto a pesquisa na Internet quanto a apresentação fossem organizadas nos momentos em que todos estão atentos ao que está acontecendo.

3.3.7 Recursos materiais

Sendo a atividade realizada em uma escola pública, é de conhecimento geral que os recursos disponíveis são limitados. Diante disso, pensou-se que nesta escola hipotética há os materiais de papeleria de uso comum (cola, tesoura, tinta guache, lápis de cor, folha A4, canetinhas, entre outros), impressora colorida para imagens, projetor e caixa de som.

Os demais materiais que possam vir a ser utilizados pelos alunos para a confecção dos dioramas deverão ser providenciados pelos próprios alunos ou pelo professor. Aqui, abriu-se o espaço para o uso de materiais recicláveis, os quais podem ser transformados nos itens necessários para a construção dos dioramas.

3.3.8 Recursos financeiros

Nesta simulação de oficina, não houve a conquista de recursos financeiros por instituições financiadoras. Nesse sentido, pensou-se no uso dos materiais recicláveis para suprir a demanda por itens do diorama; além do custeio dos demais itens pelos próprios estudantes, os quais podem, nos grupos, dividir o valor dos gastos.

Além disso, o professor irá arcar com os custos das impressões coloridas que os alunos precisem. Para tanto, estimou-se que haverá o uso de 30 folhas com impressão colorida de imagens para o desenvolvimento da atividade de análise de fonte documental. Também serão disponibilizadas, pelo professor, 70 folhas para impressão colorida, as quais serão divididas entre os grupos e poderão ser utilizadas em algum momento da confecção ou apresentação dos dioramas.

3.3.9 Estratégia didática

Dentre os recursos disponíveis para esta etapa, selecionou-se o uso de slides, postagens em redes sociais, fontes textuais e imagens. Em princípio, o professor inicia a oficina questionando o que os alunos pensam a respeito da morte. Pode acontecer de, neste momento, ser necessário esclarecer sobre a existência do conhecimento religioso e do conhecimento científico e que, longe de pretender destruir crenças dos alunos, a proposição é compreender uma perspectiva diferente acerca do assunto.

Em seguida, revela-se o tema da atividade e o professor pode iniciar a apresentação de slides com a narrativa histórica para o tema em questão. A fim de oportunizar a melhor compreensão dos alunos, serão traçados paralelos entre a atualidade e o passado, de modo a que se perceba o que ainda permanece na atualidade e o que se modificou ao longo do tempo. Uma possibilidade aqui é enriquecer o conteúdo com imagens e fontes documentais do período, de modo que as mesmas possam ser também discutidas em sala de aula.

A apresentação estará dividida em quatro itens principais. Os primeiros slides apresentarão como conteúdo os critérios fisiológicos para alguém ser considerado morto, a noção de igualdade perante a morte e o atual distanciamento com relação ao assunto. Em seguida, o próximo grupo de slides discute sobre as noções de tempo na sociedade medieval, a influência religiosa e os ritos de preparo do moribundo para a morte. A terceira parte da apresentação informa sobre a organização dos cemitérios medievais e a criação do além. E, por fim, a última etapa traz informações gerais sobre a Peste Negra e sobre a Pandemia de Covid-19.

Finalizado este momento, o professor seguirá para a execução da atividade prática, a qual será explicitada mais adiante.

3.3.10 Subproduto

O subproduto pensado para esta oficina é a criação de dioramas²⁴. Os dioramas “[...] são cenários existentes em museus, especialmente de história natural, onde é retratado um ambiente, os seres que ali vivem, como se comportam e se relacionam” (MARANDINO, SCALFI & MILAN, 2020, p. 9).

Juliana Bueno (2020) ainda complementa que

[...] os dioramas possuem papel poderoso em auxiliar os visitantes de museus a compreender os conceitos expressos neles por meio dos objetos. Em função de suas características – de um objeto capaz de “congelar” uma dada cena no tempo e no espaço –, os dioramas proporcionam, aos visitantes, a oportunidade de parar e olhar, observar, identificar, constatar, discriminar, levantar suposições e procurar respostas. A intenção de educar por meio do diorama é, portanto, perceptível, pois vemos que, embora à primeira vista, possa ser parecido com objetos totalmente estáticos, o diorama encarna uma qualidade interativa, reforçando ainda mais o seu papel educativo. Esta característica reside no potencial de o diorama “levar” o visitante ao ambiente natural ao qual ele representa, revelando os comportamentos, as dinâmicas e as relações que ocorrem nesses espaços. (BUENO, 2020, p. 34)

Logo, utilizar esta atividade como subproduto para a oficina torna-se adequada para a turma em questão, tendo em vista que a mesma se caracteriza por gostar de trabalhos manuais. Um exemplo de diorama pode ser visualizado a partir da figura abaixo:

Figura 4: Diorama da Batalha de Pidna.



²⁴ De acordo com Adriano Dias de Oliveira (2010, p. 24), “a palavra diorama vem do grego: dia, que significa “através”, e horama, que significa “para ver. Literalmente, podemos dizer que diorama significa “para ver através”.

Fonte: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Diorama#/media/Ficheiro:Diorama_Pydna.jpg>. Acesso em: 26/05/2021

Assim, optou-se pela confecção de quatro dioramas. O primeiro será uma representação da Peste Negra, em que os alunos devem explorar a questão da mortandade da doença. O segundo tem relação com a culpa do Outro durante a peste, no qual explicita-se as narrativas que colocavam a doença como castigo divino e ocasionada por não cristãos. O terceiro será acerca dos doentes de Covid-19 e das dificuldades que os mesmos enfrentam no processo. Por fim, o último se refere à culpabilização do Outro e as disputas ideológicas que giram em torno de medicamentos e da vacina.

3.3.11 Atividade prática

Para a atividade prática, pensou-se em organizar os alunos em seis grupos com cinco integrantes. O primeiro grupo receberia o texto “A Grande Peste (1348)²⁵ (Anexo B)” e a imagem do anexo A, o qual pertence ao livro “*Liber chronicarum cum figuris et ymaginibus ab initio mundi*”. O segundo grupo ficaria com o texto “A Peste Negra na Inglaterra”²⁶ (Anexo C). Já o terceiro trabalharia com o excerto “Os flagelantes”²⁷ (Anexo E) e a imagem do anexo D, do livro “*Antiquitates Flandriae*”. Dessa forma, os três primeiros grupos seriam responsáveis por analisar itens relacionados ao contexto da Peste Negra na Idade Média.

Os três grupos restantes seriam responsáveis por analisar textos e imagens da atual pandemia de COVID-19, de modo que, ao final, todos possam estabelecer comparações entre o presente e o passado. Assim, o quarto grupo estudará um conjunto de seis notas oficiais divulgadas por uma prefeitura, nas quais vão sendo informados, ao longo dos anos de 2020 e 2021, o número de óbitos daquela cidade ocasionados pela Covid-19 (anexos F, G, H, I, J e K). O quinto grupo explorará notícias informadas ao longo da pandemia, as quais tratam sobre o primeiro óbito por Covid-19 no Brasil (anexo L), uma correção de data e pessoa que teria sido a primeira vítima da doença no Brasil (anexo M), o falecimento de um jovem em São

²⁵ Ver: VITAE Papatum Avenionensium Clementis VI. Primavita. Mollat. M. (Ed). Paris, 1915-1922, p. 252. Apud Calmette, op. cit., p. 236-7. In: PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média: textos e testemunhas**. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 194-195

²⁶ Ver: KIMBALL-KENDALL, E. Source-book of English History. 4. ed. New York, 1908, p. 102-6. Apud Espinosa, op. cit., p. 328-30. In: PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média: textos e testemunhas**. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 196-198

²⁷ Ver: NEUENBURG, Matias de. Chroniques. In: M. G. H. Scriptories, Nova Series, IV, II, 1936. Apud Calmette, op. cit., p. 237. In: PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média: textos e testemunhas**. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 199

Paulo por falta de leito de UTI (anexo N) e o colapso do sistema de saúde do Amazonas devido à quantidade de casos e à falta de estrutura para atender toda a população (anexo O). Por fim, o último grupo irá ler um conjunto de quatro reportagens, em que se apresenta o relato de pessoas que presenciaram momentos dramáticos ocasionados pela doença (anexo P), o curto espaço de tempo de dez minutos para a despedida dos entes queridos no momento do velório e enterro (anexo Q), a necessidade de reinventar o luto (anexo R) e as últimas interações entre familiares ou amigos e vítimas da Covid-19 (anexo S).

Tendo finalizado a divisão de grupos e a entrega das fontes, cada grupo deve analisar suas fontes a partir de um questionário de apoio, o qual será disponibilizado pelo professor. Neste questionário, os alunos precisarão preencher informações mais técnicas referentes a cada fonte e, logo após, discutir acerca das interpretações que cada uma das fontes suscita. O professor pode se dirigir a cada um dos grupos para verificar o andamento das atividades e auxiliar no processo interpretativo.

Terminada esta etapa, o grupo 1 e o grupo 4 serão diluídos entre os demais, a fim de facilitar o processo de construção dos dioramas. Cada grupo, então, fará pesquisas na Internet para buscar mais informações acerca do contexto de cada um dos períodos estudados (Peste Negra e Covid-19), além de encontrar elementos que possam ser úteis para a criação do diorama, o qual será embasado nas fontes que cada grupo recebeu.

Tendo coletado as informações, os alunos se reunirão para planejar e criar o fato que imaginaram “congelar” no diorama. Aqui, pela razão de que os grupos são maiores, alguns estudantes podem ir montando a cena enquanto os outros vão planejando o texto de apresentação e a adaptação do mesmo para o braile.

Por fim, ocorre a apresentação final, sendo a mesma intercalada entre o passado e o presente, de modo a estabelecer comparações entre a atualidade e a Idade Média.

3.3.12 Adaptação para PcD

Conforme dito anteriormente, a turma hipotética possui uma aluna cega. Portanto, haverá a necessidade que tanto o professor quanto os alunos pensem na colega no momento da realização das atividades.

Assim, pensou-se em dois recursos para auxiliar a aluna no momento teórico da oficina. O primeiro deles é a disponibilização das imagens por meio de desenhos com pontilhado elevado. Enquanto a aluna recebe e toca nos desenhos, o professor ou algum estudante do grupo no qual ela faz parte descreve as imagens de forma detalhada, a fim de que

a mesma possa ir acompanhando aquilo que está sendo analisado pelo professor ou pelo grupo. Dessa forma, a estudante vai recriando em sua memória a cena em questão e pode contribuir com suas ideias na atividade. Também se pensou na transcrição e disponibilização das fontes documentais em braile, a fim de que a mesma possa ter autonomia na leitura dos textos.

Já para o momento de construção do diorama, a estudante pode auxiliar no processo de criação da cena, principalmente concebendo os elementos que ela conhece. Consegue, ainda, se tiver uma máquina com alfabeto em braile, transcrever o texto de apresentação do diorama nesse alfabeto, de forma que outros alunos cegos também possam conhecer a atividade desenvolvida.

Quanto aos demais alunos, os mesmos devem se preocupar em criar as cenas dos dioramas de modo a que a colega possa tocá-los. Para tal, devem prestar atenção na resistência dos materiais utilizados e numa disposição clara dos elementos, além de também disponibilizar seus textos no alfabeto braile.

3.3.13 Avaliação

Escolheu-se como forma avaliativa a divisão da nota ou conceito a partir de três critérios. O primeiro se embasa na apresentação oral que os alunos deverão desenvolver para explicar o diorama criado em sala de aula. Por considerar a expressão oral um aspecto importante para o desenvolvimento estudantil, dado que o mesmo se encontra exposto diante dos olhares dos colegas e na posição de alguém que compartilha seu conhecimento com o outro, considerou-se o peso 3 para a composição da nota.

O segundo critério envolve a criatividade e a estética para a confecção do diorama²⁸. Aqui, será considerado desde o processo de criação do subproduto até o resultado final. O professor observará quais foram os materiais utilizados na composição, se eles foram trabalhados de forma adequada para representar a cena em questão e se as principais características do diorama foram mantidas. Para tanto, este critério estará com peso 2 na constituição da nota final.

E, por fim, o terceiro critério avalia a aquisição do conhecimento científico no momento da discussão das fontes em sala de aula e durante a pesquisa na Internet. Estabelece,

²⁸ É importante, caso os alunos desconheçam o que é o diorama, que o professor apresente exemplos e explique de forma detalhada quais são as principais características deste recurso, de modo que os alunos possam executar a tarefa da melhor forma possível. Pode ser útil que o próprio docente crie um diorama e leve-o para a sala de aula, a fim de que os alunos possam visualizar de forma mais correta sobre o que se trata.

ainda, considerações acerca do uso deste conhecimento adquirido para a elaboração e apresentação do diorama, de modo a verificar se houve possíveis erros ou anacronismos históricos no resultado final. Por se tratar de um critério que atinge de forma significativa as competências e habilidades escolhidas, o peso para a composição de nota desse critério será 5.

3.3.14 Feedback da oficina

Para a atividade, pensou-se em elaborar um formulário, o qual será respondido de forma anônima pelos participantes da oficina. O formulário apresenta questões relacionadas ao desenvolvimento das atividades, à autoavaliação do aluno e quanto ao conteúdo teórico discutido.

3.3.15 Ajustes na oficina

Sendo o exemplo apresentado o de uma oficina hipotética, não temos como apresentar ajustes concretos que foram realizados. Entretanto, caso um dia a mesma venha a se realizar, existem várias possibilidades que o docente pode decidir a partir de tudo o que aconteceu em sala e do *feedback* recebido. O professor pode pensar em adequar a oficina para uma turma de ensino médio; escolher outras competências e habilidades ou mesmo criar seus próprios objetivos; adaptar a oficina para um contexto de EAD; escolher ou criar novas estratégias didáticas ou, ainda, ajustar a estratégia escolhida anteriormente para apresentar a parte teórica; pensar em um subproduto diferente para ser feito pelos participantes na próxima vez; avaliar os alunos a partir de diversas formas e com base em critérios distintos; criar uma nova forma de obter o *feedback*, entre outros.

Como é possível verificar, o Canvas simplifica o processo do planejamento de uma oficina, de modo que o professor possa visualizar sua criação em uma única folha de papel, de modo a observar o que pode auxiliar ou atrapalhar o projeto que ele quer desenvolver. Além disso, a ferramenta possibilita com que o docente possa rapidamente retomar o que foi criado e repensar nos ajustes que sejam necessários após o evento ter acontecido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que não prestemos atenção, diariamente nos cercamos de elementos que remetem à morte. Como exemplos, podemos lembrar da imagem de uma caveira utilizado em algum defensivo agrícola ou venenos para pragas urbanas; nas milhares de notícias que nos informam sobre a morte de vítimas de algum atentado ou da violência urbana e rural; nos filmes, livros e séries que consumimos, entre outros.

Ainda assim, sendo a morte um tabu na sociedade atual, é comum que as pessoas não queiram pensar sobre o assunto. Afinal, se ela se encontra distante de mim, por que eu pensaria nela? Refletir sobre poderia até mesmo ser um mau agouro para mim ou meus familiares, como se eu tivesse o poder de trazê-la até mim. E, a partir dali, só haveria a triste sina de segui-la em sua dança macabra.

O presente trabalho trouxe esse tema para a discussão por entender que discutir sobre a morte é um tema necessário. Primeiro, porque é um fenômeno ao qual obrigatoriamente todos iremos passar. O único requisito para morrer é estar vivo e, até que não se encontre algo que nos permita viver eternamente, esse é o nosso destino. Em segundo lugar, discutimos sobre o tema porque só temos medo daquilo que não conhecemos. Obviamente, só poderemos saber de fato o que é morrer quando isso acontecer conosco e é de conhecimento geral que não voltaremos para contar como foi. Porém, entender não somente os mecanismos biológicos da morte, mas também as concepções culturais relacionadas à mesma podem nos trazer certa sensação de conforto e preparo para o fim das nossas vidas.

Um terceiro ponto é porque discutir sobre a morte implica também em refletir sobre a vida como um todo. Aqui, referimo-nos às questões relacionadas à concepção e aborto, à pobreza, desigualdades sociais, violência, depressão, psicopatia, suicídios e eutanásia. Não exploramos todos esses temas neste trabalho, mas podemos observar como cada um desses fatores faz com que tenhamos uma morte mais cedo ou mais tardia, além de implicar nas discussões acerca de direitos de não-nascidos ou de pessoas que, por inúmeros fatores, decidiram por encerrar sua própria vida.

Por fim, tratamos sobre a morte porque é um tema que, ao mesmo tempo que nos afasta, nos atrai. Uma das questões fundamentais do ser humano é “para onde vamos?” e, nessa perspectiva, os sentidos que a humanidade constrói para o morrer nada mais são do que respostas para essa questão. Logo, ao compreendermos tais concepções, abrimos a oportunidade para ampliar nossa visão de mundo e respeitar culturas diferentes da nossa, as quais viveram não apenas em tempo, mas também em espaços diversos. Entendemos,

portanto, a história da morte como um ponto fundamental para a nossa existência enquanto seres humanos.

O período da Idade Média, frequentemente ainda considerada erroneamente como a Idade das Trevas, da ignorância e do obscurantismo, possui grande relevância no que se refere à história da morte para o Ocidente. Foi nesse período em que se discutiu e se consolidou as bases teológicas da religião católica, a qual acabou sendo levada para o mundo por meio das Grandes Navegações. Tais alicerces ainda hoje são bastante evidentes na sociedade ocidental. E, por todas as questões levantadas anteriormente (os problemas da sociedade atual, a morte como um tabu, nossas dúvidas sobre nosso destino, etc.), buscamos nesse período por informações que nos permitam lidar melhor com a realidade atual que nos cerca.

Nesse sentido, pode-se estabelecer várias relações entre Peste Negra do século XIV e a atual pandemia de Covid-19. O próprio fato de ser uma doença nova, cuja principal consequência foi a morte de milhares de pessoas, já é um fator de semelhança. Aliado a isso, o isolamento de pessoas, o medo de perder um ente querido ou ser o próximo também são pontos de proximidade entre os dois períodos. Um terceiro aspecto foram as teorias conspiratórias, as quais afirmavam que tanto a Peste Negra quanto a pandemia de Covid-19 seriam um castigo pelos pecados da humanidade e período propício à conversão, uma consequência pela existência de povos de outras religiões ou um anúncio do final dos tempos.

Dentre os fatores que se diferenciam nos dois períodos, tem-se que não se sabia na época o que ocasionava a Peste Negra, no caso, a bactéria *Yersinia pestis*. Isso abria margem para diferentes teorias, principalmente religiosas, e contribuiu para que as mortes acontecessem em um nível extraordinariamente maior. Acontece que não se conheciam os microorganismos causadores de doenças no medievo, logo, agia-se de acordo com os instrumentos e ferramentas disponíveis na época.

Na atualidade, sabe-se que o Covid-19 acontece por meio de um vírus e a ciência atual busca tanto por formas de prevenção quanto por meios de tratamento para a doença. Contudo, temos experimentado recentemente vários movimentos anticientíficos, principalmente de cunho político e conservador. Além de alegar, sem provas, que o vírus foi criado pelos chineses em laboratório como arma biológica, essas organizações desacreditam as principais recomendações para prevenir o contágio da doença e trazem remédios sem eficácia comprovada como a cura para o Covid-19. As principais formas de espalhar tais conteúdos e angariar adeptos para essas teorias conspiracionistas são justamente as redes sociais, as quais são fundamentais para as pessoas manterem contato com o mundo exterior durante o isolamento social.

A atual pandemia resulta, portanto, em amplas discussões sobre a vida e a morte, principalmente em crianças e adolescentes. Até porque, com o isolamento social, todos os alunos passaram a fazer das suas casas a sala de aula. E é natural que uma quebra de rotina desse nível acabe por despertar a curiosidade acerca não apenas da pandemia, mas também da morte em si. Talvez até algum professor tenha sido questionado sobre o assunto.

Entendemos, nesse aspecto, que a escola se torna um ambiente bastante interessante para se discutir sobre a morte. Isso porque é ali que se abre espaço para que diferentes perspectivas possam ser comparadas, desde as religiosas até as científicas, de modo que se estabeleça um debate saudável entre professores e alunos. Observa-se, porém, que nos encontramos longe do ideal, tendo em vista que o assunto em si é pouco discutido em sala de aula, mesmo nas disciplinas relacionadas com as ciências naturais. Já nas ciências humanas, há poucas menções, sendo a maioria relacionada apenas ao número de mortos que determinado acontecimento ocasionou.

Um grande desafio se impõe, portanto, ao professor que deseja trabalhar sobre esse assunto. Primeiro que é incomum professores se disporem a discutir sobre a morte, justamente pela questão do tabu envolvido ou pela sensação de insegurança quanto ao tema. Segundo, porque nem todo aluno estará disposto a pensar a respeito, também pelos mesmos fatores apontados anteriormente. E, terceiro, porque a sociedade atual tende a esconder, principalmente de crianças e adolescentes, o fato de que as pessoas morrem, de modo que temos a impressão de que isso somente acontecerá quando estivermos velhinhos, com mais de 90 anos de idade. Nessa perspectiva, a juventude pensar na morte se torna algo extremamente desnecessário e perfeitamente adiável para um futuro bastante distante.

Sugeriu-se, para que tal discussão aconteça em sala de aula, o uso de oficinas pedagógicas. A oficina é um recurso bastante interessante, pois implica na união entre o conhecimento científico e atividade prática, a fim de elaborar algo. Nesse sentido, oportuniza-se com que diferentes saberes circulem em sala de aula e que todos possam ensinar e aprender com as atividades propostas.

Porém, são poucos os materiais que teorizam sobre a montagem de uma oficina pedagógica. Assim, buscou-se criar uma metodologia que possibilitasse montar oficinas a partir de qualquer assunto ou contexto em que o professor se encontre. E, a partir dessa metodologia, pensaríamos numa oficina sobre a morte durante o período da Peste Negra na Idade Média.

Assim surgiu o Canvas para Oficinas Pedagógicas, o qual foi adaptado de modelos preexistentes de Canvas. Basicamente, o mesmo proporciona criar uma oficina partindo da

premissa que existem fatores que podem auxiliar ou dificultar o processo de execução da mesma. Assim, ao refletir sobre esses aspectos, o professor tem a possibilidade de encontrar soluções alternativas para as dificuldades já no momento de elaboração da mesma. Dessa forma, espera-se que o docente já esteja preparado, ao longo da realização da oficina, para qualquer evento que possa alterar seu planejamento.

Outra vantagem deste método é possibilitar a reflexão posterior à aplicação da oficina. A partir dos *feedbacks* recebidos, o professor pode analisar e registrar sobre as melhorias que precisam ou podem ser feitas nas atividades desenvolvidas, de modo a reformular seu trabalho ou trazer atividades mais adequadas para as próximas turmas. Essa etapa é fundamental para o aprimoramento do docente enquanto um pesquisador que faz da sala de aula seu laboratório de pesquisa.

A principal desvantagem é que o processo de criação de uma oficina pedagógica a partir do Canvas demanda tempo, o qual é um recurso escasso para o professor. Portanto, uma alternativa é elaborar um esboço no Canvas das oficinas que se quer aplicar ao longo do ano antes mesmo de começar o período letivo ou durante as aulas de planejamento. Assim, conforme o tempo for surgindo, é possível retomar de onde parou e ir criando até que o professor julgue que a oficina esteja em um nível aceitável de planejamento para ser posta em prática.

Da mesma forma, nem sempre se encontra tempo para refletir acerca daquilo que foi visto na oficina. Portanto, sugere-se que sejam feitas anotações ao longo da oficina ou mesmo logo ao final do período em que se trabalhou com os alunos. Dessa forma, espera-se não perder as informações que vieram “no calor do momento” e utilizá-las, junto com o *feedback*, na elaboração das revisões.

Com o intuito de demonstrar o funcionamento deste Canvas na prática, criou-se um exemplo de oficina pedagógica para o professor trabalhar sobre o tema da morte. Para tal, aproveitando que nos encontramos em um momento atípico, que é o da pandemia de Covid-19, buscou-se na Idade Média, especificamente no período da Peste Negra, correlações entre o presente e o passado. Desta forma, é possível não apenas estabelecer semelhanças e diferenças entre os dois períodos, mas também conhecer mais sobre a base do pensamento religioso ocidental, principalmente no que se refere ao morrer.

O Canvas permitiu fazer um recorte de como essa oficina poderia acontecer. Ocorre que essa não é a única forma e haveria inúmeras possibilidades de se trabalhar o mesmo tema de outras formas. A ferramenta contribui no sentido de abrir o leque de possibilidades com as quais o professor pode trabalhar. Considero, por isso, que o recurso do Canvas para oficinas

pedagógicas tem o potencial de abranger maiores possibilidades de intervenção em sala de aula, incentivar o processo criativo do docente, abranger outras áreas do conhecimento e possibilitar contínuo aperfeiçoamento da oficina criada.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA O GLOBO. Bar no Leblon reabre lotado e é criticado nas redes; veja vídeos da aglomeração. **Último Segundo**, [s. l.], 03 jul. 2020. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-07-03/bar-no-leblon-reabre-lotado-e-e-criticado-nas-redes-veja-videos-da-aglomeracao.html>>. Acesso em 21 jan. 2021.
- ALMEIDA, Juliana do Nascimento de.; PEREIRA, Auricélia Lopes. História em quadrinhos (HQ) e ensino de História: os usos de HQs enquanto recurso didático. In: Congresso Nacional de Educação, 1., 2014, Olinda. **Anais I CONEDU**, v. 1, Olinda: Centro Multidisciplinar de Estudos e Pesquisa, 2014. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/anais.php>>. Acesso em: 26 nov. 2018.
- ALMEIDA, Luana Ferreira de; RAMOS, Isadora Nunes Barbosa; FALCÃO, Eliane Brígida Moraes. O ensino da morte humana no contexto das aulas de biologia. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 7., 2009, Florianópolis. **Atas do VII ENPEC**, Florianópolis: ABRAPEC, 2009. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viipec/pdfs/786.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2018.
- ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Trad. Priscila V. de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- AVRIL, Joseph. A pastoral dos doentes e dos moribundos nos séculos XII e XIII. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Ed.). **A morte na Idade Média**. São Paulo: Edusp, 1996. p. 89-106.
- BARBOSA, Marina. Covid-19: primeira morte no Brasil ocorreu 4 dias antes do que se pensava. **Correio Braziliense**, [S. l.], 27 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/06/27/interna-brasil,867458/covid-19-primeira-morte-no-brasil-ocorreu-4-dias-antes-do-que-se-pens.shtml>>. Acesso em: 05 jun. 2021.
- BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, v. 12, n. 16. p. 38-62, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38/2958>>. Acesso em 02 dez. 2018.
- BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.
- BATISTA JR., João. O autogolpe de Gabriela Pugliesi: falta de noção e fuga de patrocinadores. **Veja**, [s. l.], 27 abr. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/sem-nocao-e-fuga-de-patrocinadores-o-autogolpe-de-gabriela-pugliesi/>>. Acesso em: 21 jan. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 03/09/2018.

BUENO, Juliana. O papel educativo dos dioramas nos museus de ciências. In: MARANDINO, Martha; SCALFI, Grazielle; MILAN, Barbara (Org.). **Janelas para a natureza**: explorando o potencial educativo dos dioramas. São Paulo: FEUSP, 2020. p. 27-38. Disponível em: <<http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2020/05/Janelas-para-a-Natureza-final-1.pdf>>. Acesso em 21 jan. 2021.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Algés, PT: Difusão Editorial: 1988.

DIAS, Elaine Teresinha Dal Mas. Adolescência e morte: representações e significados. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 2, p. 273-281, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n2/v15n2a09.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FEITOSA, Tânia Regina. **Análise do conceito de Idade Média e sua representação por meio de fotonovelas**. 2012. 35 f. Produção didática-pedagógica (Programa de Desenvolvimento Educacional) – Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão, Campo Mourão, Brasil. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_fecilcam_hist_pdp_tania_regina_feitosa.pdf>. Acesso em 21 jan. 2021.

FERNANDES, José Lucas Cordeiro. Lutas, heróis e ação: representações cinematográficas dos nórdicos medievais e seus usos em sala de aula. **Revista O Olho da História**, n. 25, 2017. Disponível em: <<http://oolhodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2018/04/joselucas.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

FINOCCHIO JÚNIOR. **Project Model Canvas**: gerenciamento de projetos sem burocracia. [S. l.]: Elsevier Brasil, 2013.

FREITAS, Juliana de Almeida. **RPG Medieval Ibérico: a interpretação de papéis como uma estratégia para o ensino de Idade Média no ensino fundamental**. 2017. 121 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/574689/2/Juliana%20de%20Almeida%20Freitas%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2022

G1. Covid-19: Manaus vive colapso com hospitais sem oxigênio, doentes levados a outros estados, cemitérios sem vagas e toque de recolher. **G1**, [Amazonas], 14 jan. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/01/14/covid-19-manaus-vive-colapso-com-hospitais-sem-oxigenio-doentes-levados-a-outros-estados-cemiterios-sem-vagas-e-toque-de-recolher.ghtml>>. Acesso em 05 jun. 2021

GLORIA JUNIOR, Irapuan; GONÇALVES, Rodrigo Franco. As barreiras e motivações para o uso da abordagem canvas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 36., 2016, João Pessoa, PB. **Anais...** João Pessoa, PB, [s.n.], 2016. Disponível

em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/TN_WPG_230_343_29126.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

ISTOÉ. Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon. **Istoé**, [S. l.], 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa-no-leblon/>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

JIMENEZ, Sergio. **Gamification Model Canvas**. [S. l.], 2013. Não paginado. Disponível em: <https://www.gamasutra.com/blogs/SergioJimenez/20131106/204134/Gamification_Model_Canvas.php>. Acesso em: 21 jan. 2021.

KAMINSKI, Paulo Carlos; ENACHEV, Bruno Tsunashima. **Introdução ao modelo de negócios: Canvas**. [s.l., s.n.], 2014. Disponível em: <<http://sites.poli.usp.br/p/paulo.kaminski/site%20english/INTRODU%C7%C3O%20AO%20BUSINESS%20MODEL%20CANVAS.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

KIMBALL-KENDALL, E. Source-book of English History. 4. ed. New York, 1908, p. 102-6. Apud Espinosa, op. cit., p. 328-30. In: PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média: textos e testemunhas**. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 196-198

LANGER, Johnni. O ensino de História Medieval pelos quadrinhos. In: **História, imagem e narrativas**, n. 8, p. 1-24, abr. 2009. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/170670439/O-ensino-de-Historia-Medieval-pelos-quadrinhos>>. Acesso em 26 nov. 2018.

LANGLOIS, Jill. No Brasil, familiares têm apenas 10 minutos para se despedir dos mortos. **National Geographic Brasil**, [S. l.], publicado em 7 jun. 2020, atual. 5 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2020/06/cemiterio-sao-paulo-vila-formosa-brasil-familiares-mortos-pandemia-coronavirus>>. Acesso em 05 jun. 2021

LAUWERS, Michel. **O nascimento do cemitério: lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2015.

LEMOS, Marcela; BORGES, Stella. RJ tem aglomerações em bares no 1º dia de reabertura; moradora vê “absurdo”. **UOL**, Rio de Janeiro e São Paulo, 03 jul. 2020. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-07-03/bar-no-leblon-reabre-lotado-e-e-criticado-nas-redes-veja-videos-da-aglomeracao.html>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

LEMOS, Vinícius. “Vi famílias dizimadas”: relatos dramáticos da pandemia que deixou 400 mil mortos no Brasil. **Correio Braziliense**, São Paulo, 29 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/04/4921197-vi-familias-dizimadas-relatos-dramaticos-da-pandemia-que-deixou-400-mil-mortos-no-brasil.html>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

LEMOS, Vinícius. “Volto rápido” e “tô apavorado”: as últimas mensagens de vítimas da Covid-19. **BBC News Brasil**, São Paulo, 9 out. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54393334>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

LIMA, Erick Bergamini da Silva. **Quest Design Canvas**: um modelo de criação de quests para jogos digitais de gênero RPG. 2018. 125f. Dissertação (Mestrado Profissional em Engenharia de Software) – Instituto Metrópole Digital, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em:

<<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/26476>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

MACEDO, Ermelinda de Fátima Dias da Cunha. *etalli*. Educar para a morte e a promoção da saúde mental. **Revista Portuguesa de Enfermagem e Saúde Mental**, n. 3, p.48-53, 2010. Disponível em: < <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10920>>. Acesso em 28 nov. 2018.

MACEDO, José Rivair. Cinema e Idade Média: perspectivas de abordagem. In: MACEDO, José Rivair; MONGELLI, Lênia Márcia (Org.). **A Idade Média no cinema**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 13-48.

MARANDINO, Martha; SCALFI, Grazielle; MILAN, Barbara. Apresentação. In: MARANDINO, Martha; SCALFI, Grazielle; MILAN, Barbara (Org.). **Janelas para a natureza**: explorando o potencial educativo dos dioramas. São Paulo: FEUSP, 2020. p. 7-15. Disponível em: <<http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2020/05/Janelas-para-a-Natureza-final-1.pdf>>. Acesso em 21 jan. 2021.

MOITA, Filomena MA. G. S. Cordeiro; ANDRADE, Fernando César B. O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. In: Reunião Anual da Anped, 29., 2006, Caxambu/MG. **Anais...** Caxambu/MG: ANPEd, 2006. Disponível em: < <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT06-1671--Int.pdf>>. Acesso em: 25/07/2018.

NEUENBURG, Matias de. Chroniques. In: M. G. H. Scriptories, Nova Series, IV, II, 1936. Apud Calmette, op. cit., p. 237. In: PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 199

NEVES, Flávia. **Verbos para objetivos**. [S. l.: online], 2011-2021. Disponível em: < <https://www.conjugacao.com.br/verbos-para-objetivos/>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

NOBREGA, Bruna. Curada do coronavírus, Gabriela Pugliesi fura quarentena com festa para amigos em sua casa e brada: ‘Foda-se a vida!’: Influencer pede desculpas e leva bronca de Tata Werneck. **Hugo Gloss Baphos**, [s. l.], 26 abr. 2020. Disponível em: < <https://hugogloss.uol.com.br/famosos/baphos/curada-do-coronavirus-gabriela-pugliesi-fura-quarentena-com-festa-para-amigos-em-sua-casa-e-brada-foda-se-a-vida-influencer-pede-desculpas-e-leva-bronca-de-tata-werneck/>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

O SÉTIMO selo. Direção de Ingmar Bergman. Suécia: Svensk Filmindustri, 1957. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A-rBzHIvoVA>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

OEXLE, Otto Gerhard. A presença dos mortos. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Ed.). **A morte na Idade Média**. São Paulo: Edusp, 1996. p. 27-78.

OLIVEIRA, Adriano Dias de. **Biodiversidade e museus de ciências**: um estudo sobre transposição museográfica nos dioramas. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Instituto de Física, Instituto de Química, Instituto de Biociências e Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2012/09/AdrianoDias_dissertacao_2010.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

OLIVEIRA, Diêgo Soares de. **As receitas medievais portuguesas no ensino de História**. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Catalão, Brasil. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7814/5/Dissertação - Diêgo Soares de Oliveira - 2017.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra da Silva. O estudo da Idade Média em livros didáticos e suas implicações no Ensino de História. **Revista Cadernos do Aplicação**, v. 23, n. 1, p. 101-125, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/16347>>. Acesso em: 28 out. 2018.

OLIVEIRA, Terezinha *et al.*. O ensino da história da educação da Baixa Idade Média por meio de maquete: um relato de experiência. In: Congresso Nacional de Educação, 11., 2013, Curitiba. **Anais do EDUCERE**, Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/10224_7130.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018

PASTÉN, Alan Hernández. Saiba como surgiu a profecia do fim do mundo. **BBC News Brasil**, [s.l.], 17 dez. 2012. Disponível em: <Saiba como surgiu a profecia do fim do mundo - BBC News Brasil>. Acesso em: 21 jan. 2021

PEREIRA, Nilton Mullet. A invenção do medievo: narrativas sobre a Idade Média nos livros didáticos de história. In: ROCHA, Helenice; REZNIK, Luis; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org). **Livros didáticos de história**: entre políticas e narrativas. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017. p. 169-184

PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz. **Possíveis passados**: representações da Idade Média no ensino de História. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

PREFEITURA DE PATO BRANCO. Departamento de Imprensa. **Nota oficial [13 de abril de 2020]**. Pato Branco, 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/celinauta1010/photos/a.1078393965630014/1868049369997799/>>. Acesso em: 04/06/2021

PREFEITURA DE PATO BRANCO. Departamento de Imprensa. **Nota oficial [3 de setembro de 2020]**. Pato Branco, 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/celinauta1010/photos/a.1078393965630014/2012673332202068/>>. Acesso em: 04/06/2021

PREFEITURA DE PATO BRANCO. Departamento de Imprensa. **Nota oficial [10 de dezembro de 2020]**. Pato Branco, 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/celinauta1010/photos/a.1078393965630014/2118345028301564/>>. Acesso em: 04/06/2021

PREFEITURA DE PATO BRANCO. Departamento de Imprensa. **Nota oficial [postada em 09 de janeiro de 2021]**. Pato Branco, [2021]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/celinauta1010/photos/a.1078393965630014/2145547338914666/>>. Acesso em: 04/06/2021

PREFEITURA DE PATO BRANCO. Departamento de Imprensa. **Nota oficial [postada em 08 de fevereiro de 2021]**. Pato Branco, [2021]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/celinauta1010/photos/a.1078393965630014/2171819299620803/>>. Acesso em: 04/06/2021

PREFEITURA DE PATO BRANCO. Departamento de Imprensa. **Nota oficial [postada em 16 de março de 2021]**. Pato Branco, [2021]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/celinauta1010/photos/a.1078393965630014/2202820966520636/>>. Acesso em: 04/06/2021

PROPATO, Valéria. O fim do mundo. **IstoÉ**, [São Paulo], 04 ago. 1999. Disponível em: <https://istoe.com.br/32891_O+FIM+DO+MUNDO/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SALERNO, Daniela. Primeira vítima fatal da Covid-19 por falta de UTI em SP tinha 22 anos. **Portal R7**, São Paulo, 18 mar. 2021. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/primeira-vitima-fatal-da-covid-19-por-falta-de-uti-em-sp-tinha-22-anos-18032021>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

SALVAGNI, Adelise *et alii*. Reflexões acerca da abordagem da morte com crianças. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 21, n. 2, p. 48-55, 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/4070>>. Acesso em 28 nov. 2018.

SÁNCHEZ-DAVID, Carlos E. La muerte negra. “El avance de la peste”. **Rev. Fac. Med** [online]. 2008, vol.16, n.1, pp. 133-135. ISSN 0121-5256. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/med/v16n1/v16n1a18.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SARINHO, Victor Travassos. Uma proposta de Game Design Canvas Unificado. In: SBGames, 16., 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba: [s. n.], 2017. Disponível em: <<https://www.sbgames.org/sbgames2017/papers/ArtesDesignFull/175107.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SCHMITT, Jean Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

SEBRAE. **O quadro de modelo de negócios: um caminho para criar, recriar e inovar em modelos de negócios**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/ES/Anexos/ES_QUADROMODELODENEGOCIOS_16_PDF.pdf>. Acesso em 21 jan. 2021.

SILVA, Ademir Ferreira da. **Religião e Ensino de História: representações e narrativas de estudantes do ensino médio em Araruna/PR**. 2020. 183 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de História Nível de Mestrado Profissional – ProfHistória)–

Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2020. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/574604>>. Acesso em: 30 abr. 2022

TILLET, Richard L, et al. Genomic evidence for reinfection with SARS-CoV-2: a case study. In: **The Lancet Infectious Diseases**. [S. l.], v. 21, n 1, p. 52-58, jan. 2021. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099\(20\)30764-7/fulltext?fbclid=IwAR2GFpAfecvv8KD0A-lgh8j2PzmTbjW7tx2FvVvaLts5pt1WRDidWb5bNiE](https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099(20)30764-7/fulltext?fbclid=IwAR2GFpAfecvv8KD0A-lgh8j2PzmTbjW7tx2FvVvaLts5pt1WRDidWb5bNiE)>. Acesso em: 21 jan. 2021.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

VIEIRA, Eliane; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino**: O que? Por quê? Como? 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

VITAE Paparum Avenionensium Clementis VI. Primavita. Mollat. M. (Ed). Paris, 1915-1922, p. 252. Apud Calmette, op. cit., p. 236-7. In: PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 194-195

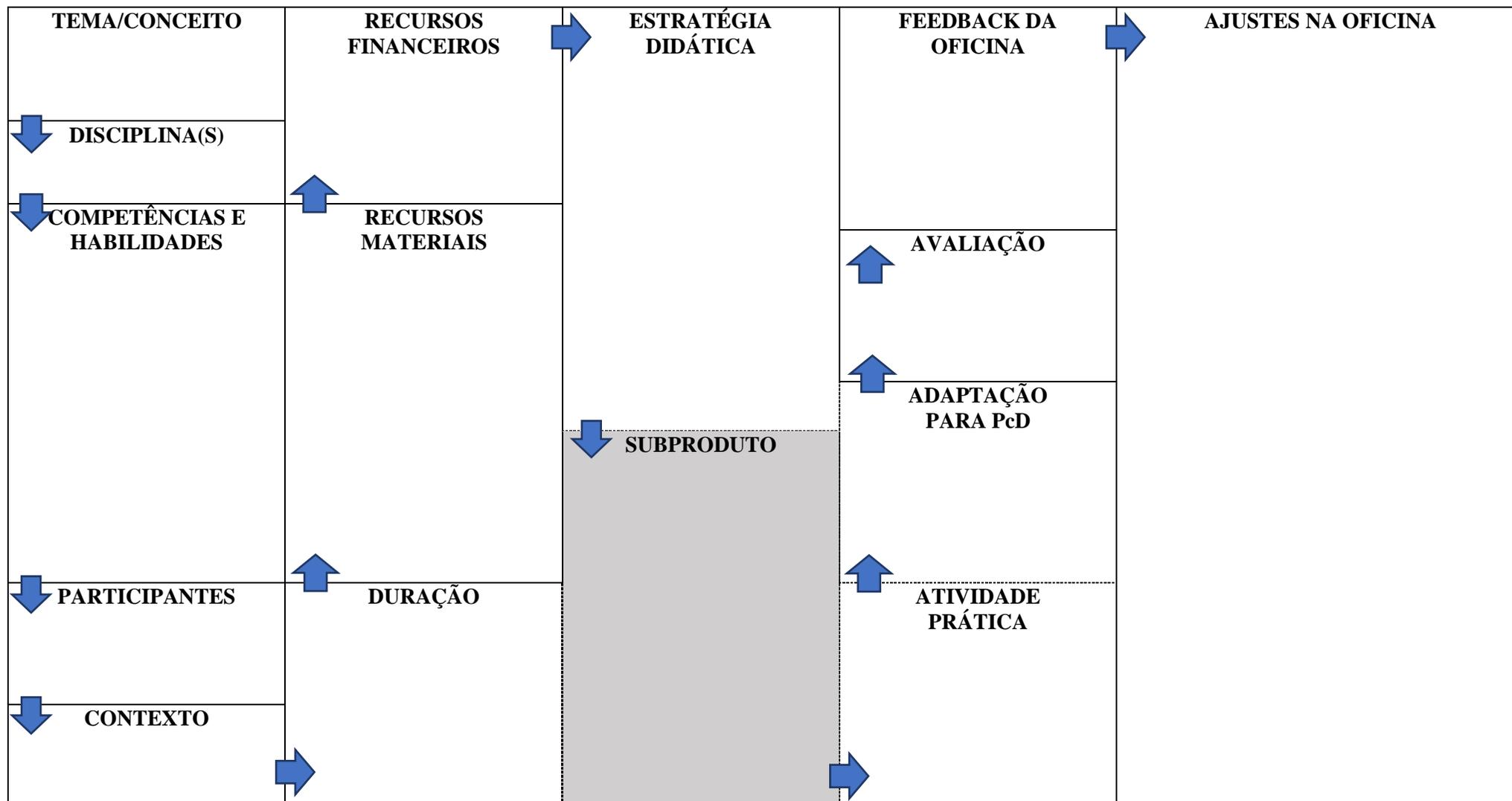
VOVELLE, Michel. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Ed.). **A morte na Idade Média**. São Paulo: Edusp, 1996. p. 11-26.

WALTER, Jan D. Pandemia leva brasileiros a reinventar o luto por seus mortos. **Deutsche Welle**, [Brasil], 08 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/pandemia-leva-brasileiros-a-reinventar-o-luto-por-seus-mortos/a-54452418>>. Acesso em 05 jun. 2021

WOLFF, Philippe. **Outono da Idade Média ou primavera dos tempos modernos?** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZIEGLER, Jean. **Os vivos e a morte**: uma “sociologia da morte” no Ocidente e na diáspora africana no Brasil, e seus mecanismos culturais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

APÊNDICE A – TEMPLATE CANVAS PARA OFICINA PEDAGÓGICA (IMPRIMIR EM FOLHA A1, A2 OU A3)



Título da Oficina: _____

Produzida por: _____

APÊNDICE B – CARDS DO CANVAS PARA OFICINA PEDAGÓGICA (ESTRATÉGIA DIDÁTICA)

SLIDE	VÍDEO	TEXTO	FONTE DOCUMENTAL	IMAGEM
SOM	TEATRO	APRESENTAÇÃO ORAL	CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	ENTREVISTA
GAMIFICAÇÃO	DESENHO ANIMADO	CLÍPE MUSICAL	HISTÓRIA EM QUADRINHO	QUADRO DA SALA
TABELA	GRÁFICO	JOGO	REPORTAGEM	

APÊNDICE C – CARDS DO CANVAS PARA OFICINA PEDAGÓGICA (SUBPRODUTO)

DIORAMA	MAQUETE	TEXTO (PROSA, VERSO, ACADÊMICO, LITERÁRIO)	EXERCÍCIO	JOGO
CARTAZ	MAPA MENTAL	ESCULTURA	TEATRO	ENTREVISTA
CARTUM	RADIONOVELA	HISTÓRIA EM QUADRINHO	TIRINHA	REPORTAGEM
IMAGEM	FOTOGRAFIA	MÚSICA	CLÍPE MUSICAL	CURTA METRAGEM
PODCAST	PERFIL EM REDE SOCIAL	MEME	EXPOSIÇÃO	

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO PARA ANÁLISE DE FONTES

Grupo de fontes 1:

1. Observe a imagem. O que está acontecendo? Quem são essas pessoas? E por quê elas estariam sendo queimadas?
2. Na primeira fonte, o autor afirma que aqueles que possuíam uma úlcera ou inchaço abaixo da virilha e axila eram privados de assistência e abandonados pelos parentes. Levante hipóteses: por que isso acontecia?
3. O autor cita, ainda, o fato de pessoas terem sido enterradas vivas. Por que isso aconteceu com elas?
4. O autor utiliza um argumento para justificar o porquê que inocentes foram queimados e assassinados. Que argumento foi esse?
5. Por que os judeus foram acusados de fazer aumentar a peste? Na visão do autor, quem era responsável pela mesma? Por quê?

Grupo de fontes 2:

1. De acordo com o texto, como se propagou a peste negra na Inglaterra? Quais foram os principais prejuízos econômicos e sociais encontrados?
2. O texto fala que o bispo de Lincoln concedeu o poder a todos e cada um dos padres para ouvir a confissão e absolver, exceto em matéria de dívidas. De que forma o texto orienta que as pessoas deveriam proceder nesse caso? Levante hipóteses: por que os problemas relacionados a dívidas não poderiam ser absolvidos?
3. De acordo com o texto, houve um aumento do custo para solicitar um capelão em caso de necessidade. De quanto foi esse aumento? Em sua opinião, por que isso aconteceu?
4. O texto comenta acerca de atitudes que nobres e senhores tiveram que fazer para não perderem seus trabalhadores. Cite quais foram essas atitudes. Você acredita que os trabalhadores, considerando o contexto, teriam essa possibilidade de barganha em outros momentos?

Grupo de fontes 3:

1. Explique como, de acordo com o texto, acontecia o processo do flagelo.
2. Considerando o período em que o texto foi escrito, levante hipóteses: por que os flagelantes agiam dessa forma?

3. Você acredita que o ato de flagelar-se produzia resultados para a finalidade em que era realizado? Explique sua resposta.
4. Levante hipóteses: por que essas pessoas se deslocavam de cidade em cidade realizando tal procedimento?
5. Considerando o contexto da época, como você acredita que a população de outras cidades reagia ao visualizar os flagelantes?

Grupo de fontes 4:

1. A partir da leitura das notas, a quais dados temos acesso com relação a pandemia de Covid-19 neste município?
2. Quanto aos pacientes que faleceram, quais dados são informados a respeito dos mesmos?
3. As três últimas notas não apresentam a data de divulgação das mesmas. Em sua opinião, haveria algum motivo para esse dado não ser informado? Tal informação é importante? Por quê?
4. Em duas notas, é informado o tipo de comorbidade que poderia ter contribuído para a morte dos pacientes. Depois, nas notas seguintes, informa-se apenas que os pacientes que morreram tinham comorbidades, porém sem especificar quais são. Por fim, não há mais registro da informação referente ao fator de risco. Por que você acha que essa informação deixou de ser repassada com o tempo?
5. Levante hipóteses: por que a primeira nota sobre o primeiro óbito por Covid-19 é mais detalhada que as demais? E, nas demais notas, houve aumento ou diminuição do número de informações? Por que isso aconteceu?

Grupo de fontes 5:

1. Na sua opinião, o que pode ter contribuído para a divergência de dados apresentados entre a primeira e a segunda fontes?
2. Os mortos por Covid-19 nas três primeiras fontes apresentavam comorbidade? Se sim, quais? Em sua opinião, por que esse fator foi citado nas reportagens?
3. A terceira fonte aponta para a morte de um jovem de 22 anos, com comorbidade, que não teve acesso à Unidade de Terapia Intensiva (UTI) na cidade de São Paulo. O texto

também cita o que foi feito pelos médicos para salvar a vida do rapaz. Na sua opinião, a falta de leito de UTI foi determinante para a morte dessa pessoa? Explique.

4. A última fonte relata sobre o colapso do sistema de saúde do estado de Manaus. O que aconteceu? Levante hipóteses: isso poderia ter sido evitado? Explique sua resposta.
5. A reportagem apresentada na última fonte cita medidas para aliviar o sistema de saúde do estado de Manaus. Quais foram essas medidas? Em sua opinião, isso gerou resultado? Por quê?

Grupo de fontes 6:

1. A primeira fonte relata sobre a falta de oxigênio em Manaus. O que, na versão da reportagem, contribuiu para que a situação se tornasse tão dramática na região?
2. A primeira fonte apresenta, também, como os médicos vivenciaram a questão da morte durante a pandemia. Com suas palavras, descreva como os médicos lidaram com esse momento.
3. A segunda reportagem apresenta a questão do enterro dos mortos durante a pandemia. A partir das fotos e dos relatos, descreva como tem ocorrido os enterros no Brasil e qual a reação de familiares e coveiros diante destes cenários.
4. A terceira e a quarta fontes discorrem a respeito do luto. Na sua opinião, o fato das vítimas da Covid-19 permanecerem isoladas durante seus internamentos e de seus enterros serem de dez minutos (conforme a segunda reportagem explicita) traz consequências para os familiares no processo de aceitação da morte de seus entes queridos? Por quê?
5. A quarta reportagem fala sobre as últimas mensagens trocadas entre pacientes e seus familiares. Qual era, geralmente, o teor (conteúdo) das mensagens trocadas? Na sua opinião, o acesso a esses registros pode contribuir, de alguma forma, para o processo de luto? Explique.

ANEXO A – LIBER CHRONICARUM CUM FIGURIS ET YMAGINIBUS AB INITIO MUNDI



Fonte: SCHEDEL, Hartmann. **Liber chronicarum cum figuris et ymaginibus ab initio mundi**. Nuremberg: Antoine Koberger, 1493. Disponível em: <<http://www.biusante.parisdescartes.fr/histoire/images/index.php?mod=s&tout=peste+noire>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

ANEXO B – A GRANDE PESTE (1348)

A Grande Peste (1348)

No ano do Senhor, aconteceu sobre quase toda a superfície do globo uma tal mortandade que raramente se tinha conhecido semelhante. Os vivos, de fato, quase não conseguiam enterrar os mortos, ou os evitavam com horror. Um terror tão grande tinha-se apoderado de quase todo o mundo, de tal maneira que no momento que aparecia em alguém uma úlcera ou um inchaço, geralmente embaixo da virilha ou da axila, a vítima ficava privada de toda assistência, e mesmo abandonada por seus parentes. O pai deixava o filho em seu leito, e o filho fazia o mesmo com o pai. Não é surpreendente, pois, que quando numa casa alguém tinha sido tocado por este mal e tinha morrido, acontecesse muito frequentemente, todos os outros moradores terem sido contaminados e mortos da mesma maneira súbita; e ainda mais, coisa horrorosa de ouvir, os cachorros, os gatos, os galos, as galinhas e todos os outros animais domésticos tiveram o mesmo destino. Aqueles que estavam sãos fugiram apavorados de medo. E assim, muitos morreram por descuido, os quais talvez teriam escapado de outro modo. Muitos ainda, que pegaram esta doença e dos quais se acreditava que morreriam com certeza imediatamente sobre o chão, foram transportados, sem a mínima discriminação até a fossa de inumação. E assim, um grande número foi enterrado vivo. E a este mal acrescentou-se outro: corria o boato de que certos criminosos, particularmente os judeus, jogavam venenos nos rios e nas fontes, o que fazia aumentar tanto a peste acima mencionada. É a razão pela qual tantos cristãos como judeus inocentes e pessoas irrepreensíveis foram queimadas e assassinadas e outras vezes maltratadas em suas pessoas, mesmo que tudo isso procedesse da constelação ou da vingança divina. E esta peste se prolongou além do ano anteriormente dito, durante dois anos seguidos, espalhando-se pelas regiões onde, primeiramente, não tinha acontecido.

Vitae Papparum Avenionensium Clementis VI. Primavita. Mollat. M. (Ed.). Paris, 1915-1922, p. 252. Apud Calmette, op. cit., p. 236-7. In: PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 196-198

ANEXO C – A PESTE NEGRA NA INGLATERRA (S. XIV)

A Peste Negra na Inglaterra (S. XIV)

Então, a gravosa praga penetrou pela costa marítima a partir de Southampton e chegou a Bristol; aí quase que toda a força da cidade morreu, atingida pela morte súbita, porque houve poucos que estivessem de cama mais do que três dias, ou dois dias, ou meio dia. E depois disto a cruel morte propagou-se por toda a parte com o curso do Sol. Morreram em Leicester na pequena paróquia de S. Leonardo mais de 380, na paróquia de Santa Cruz mais de 400; na paróquia de Santa Margarida de Leicester mais de 700; e assim um grande número em cada paróquia. Então, o bispo de Lincoln enviou uma mensagem através de todo o bispado e deu poder geral a todos e a cada um dos padres, tanto regulares como seculares, para ouvir confissões e absolver com total e completa autoridade episcopal, exceto em matéria de dívidas; neste caso o moribundo, se o pudesse, deveria pagar a dívida enquanto fosse vivo ou outros cumpririam certamente esse dever, dos seus bens, depois da sua morte. Da mesma maneira, o papa concedeu completa remissão de todos os pecados a quem quer que fosse absolvido em perigo de morte e permitiu que esse poder permanecesse até a próxima Páscoa e cada um pudesse escolher um confessor à sua vontade.

No mesmo ano houve uma grande praga entre os carneiros em toda a parte do reino, de forma que num lugar morreram numa pastagem mais de 5.000 e tão pútridos que nem besta nem pássaro lhes teriam tocado. E eram os preços baixos para todas as coisas devido ao temor da morte. Porque havia muito poucos que se preocupassem com riquezas ou qualquer outra coisa. Um homem poderia ter um cavalo, que anteriormente era avaliado em 40 soldos, por 6 soldos e 8 dinheiros, um boi gordo por 4 soldos, uma vaca por 12 dinheiros, uma bezerra por 6 dinheiros, um gordo carneiro capado por 4 dinheiros, um carneiro por 3 dinheiros, um cordeiro por 2 dinheiros, um porco grande por 5 dinheiros, uma *pedra* (6,3 kg) de lã por 9 dinheiros. Os carneiros e o gado andavam vagueando pelos campos através das searas e não havia ninguém para ir com eles, os conduzir ou juntar, de forma que não pôde ser determinado o número dos que morreram pelas valas em cada distrito, por falta de pastores; porque havia uma tal falta de servidores que ninguém sabia que fazer [...] Ao mesmo tempo os padres estavam em tal pobreza por toda a parte que havia muitas igrejas sem padre e com falta de ofícios divinos, missas, matinas, vésperas, sacramentos e outros rituais. Uma pessoa

difícilmente poderia conseguir um capelão por menos de 10 libras ou 10 marcos para officiar numa igreja. E quando uma pessoa podia obter um capelão por 5 ou 4 marcos ou mesmo por 2 marcos com a sua alimentação, quando havia abundância de padres antes da pestilência, difficilmente haveria alguém agora que desejasse aceitar um vicariato por 20 libras ou 20 marcos; mas dentro de um curto espaço de tempo um grande número daqueles cujas mulheres tinham morrido na pestilência acorreram às ordens. No entanto, muitos eram iletrados e pouco menos que leigos, salvo na medida em que sabiam ler, embora não pudessem compreender.

Entretanto, o rei enviou uma proclamação para todos os condados em como os ceifeiros e outros trabalhadores não poderiam cobrar mais do que aquilo que tinham por costume cobrar, sob a penalidade indicada pelo estatuto. Mas os trabalhadores estavam tão soberbos e obstinados que não quiseram ouvir as ordens do rei, mas, se alguém desejasse tê-los, era obrigado a dar-lhes o que eles queriam, perdendo os seus frutos e searas ou satisfazendo-lhes os soberbos e ambiciosos desejos [...]

Depois da acima dita pestilência, muitos edifícios, grandes e pequenos, caíram em ruínas nas cidades, vilas e aldeias, por falta de habitantes, de maneira que muitas aldeias e lugarejos se tornaram desertos, sem uma casa ter sido abandonada neles, mas tendo morrido todos os que aí viviam; e é provável que muitas dessas aldeias nunca mais fossem habitadas [...]

Nobres e senhores do reino que tinham foreiros faziam abatimentos da renda, a fim de que os foreiros não se fossem embora, devido à falta de servidores e geral carestia, uns de metade da renda, outros mais, outros menos, alguns por dois anos, alguns por três, alguns por um ano, segundo o que combinassem com eles. Dessa maneira aqueles que recebiam dos seus foreiros um dia de trabalho ao longo do ano, como é costume com os vilões, tinham de lhes dar mais lazeres e perdoar tais trabalhos, e outros libertá-los por completo ou dar-lhes um foro mais fácil por uma renda menor, para que as casas se não arruinassem irremediavelmente e a terra não permanecesse inteiramente por cultivar em toda a parte.

ANEXO D – ANTIQUITATES FLANDRIAE



Fonte: LI MUISIS, Gilles. **Antiquitates Flandriae**. Tournai, Bélgica: [s. n., 1352]. Disponível em:
<<http://balat.kikirpa.be/photo.php?path=X004179&objnr=20049662&lang=en-GB#relatedphoto>>. Acesso em: 03 dez. 2018.

ANEXO E – OS FLAGELANTES (1349)

Os Flagelantes (1349)

Pouco a pouco, no início das epidemias de peste na Alemanha, as populações começaram a se espalhar pelas estradas flagelando-se, vieram 700 da Suábia até Estrasburgo, no ano de 1349, na metade de junho. Haviam designado um chefe e outros dois mestres, e executavam todas as suas ordens. Ao amanhecer, eles atravessaram o Reno e reunida a multidão, fizeram um grande círculo. No meio deste – tirando as suas roupas de cima e seus sapatos e tendo como calça uma espécie de pano das coxas até o calcanhar – começaram a formar uma roda: e um depois do outro se jogava no chão com os braços em cruz. Eles passavam um em cima do outro saltando, começando a golpear com correias aqueles que já estavam prosternados; os últimos da fila que tinham se abaixado os primeiros levantavam-se para flagelar-se com correias guarnecidas de nós, com quatro pontas de ferro e passavam cantando uma canção vulgar, invocando o Senhor. Três deles colocavam-se no meio do círculo e começavam a cantar um canto extremamente estridente apropriado para excitá-los à flagelação, depois outros também começavam a cantar e continuavam assim até que ao sinal precioso de um certo canto, todos caíam de joelhos, com os braços em cruz e o rosto contra a terra, orando e chorando.

Matias de Neuenburg. Chroniques. In: M. G. H. Scriptorum, Nova Series, IV, II, 1936. Apud Calmette, op. cit., p. 237. In: PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 196-198.

ANEXO F – NOTA OFICIAL DE 13 DE ABRIL DE 2020

Pato Branco, 13 de abril de 2020

NOTA OFICIAL

A Prefeitura de Pato Branco, através da Secretaria Municipal de Saúde registrou nesta segunda-feira (13/04) o primeiro óbito causado por Coronavírus (Covid-19) no município de Pato Branco. O paciente, um homem de 70 anos, com doença cardiovascular crônica, hipertensão arterial sistêmica e obesidade, estava internado no Hospital São Lucas desde o dia 10 de abril, onde ficou em isolamento e fez exame para Covid-19. A coleta foi encaminhada para o LACEN e o resultado POSITIVO chegou hoje. Na noite deste domingo (12/04) o quadro do paciente piorou quando foi encaminhado para a UTI, vindo a falecer nesta segunda-feira (13/04).

O município está acompanhando o caso para garantir que sejam cumpridas todas as medidas de segurança de acordo com as Normas dos Órgãos de Saúde.

Departamento de Imprensa
Prefeitura Municipal de Pato Branco

ANEXO G – NOTA OFICIAL DE 03 DE SETEMBRO DE 2020



Pato Branco, 03 de setembro de 2020

NOTA OFICIAL

A Prefeitura Municipal de Pato Branco, através da Secretaria Municipal de Saúde, comunica que nesta quinta-feira (03), registrou o décimo quinto óbito por Coronavírus (COVID-19) no município de Pato Branco. A paciente, do sexo feminino, 91 anos, tinha como comorbidade, doença cardiovascular crônica e neoplasia.

A Prefeitura de Pato Branco externa suas condolências à família.

Departamento de Imprensa
Prefeitura Municipal de Pato Branco

ANEXO H – NOTA OFICIAL DE 10 DE DEZEMBRO DE 2020

Pato Branco, 10 de dezembro de 2020

NOTA OFICIAL

A Prefeitura de Pato Branco, através da Secretaria Municipal de Saúde, registrou na quarta-feira (09), o 27º (vigésimo sétimo) óbito por Coronavírus (COVID-19) no Município de Pato Branco.

O paciente, morador de Pato Branco, do sexo masculino, 25 anos, possuía fator de risco. O óbito foi no Hospital de Palmas.

A Prefeitura de Pato Branco externa suas condolências à família.

Departamento de Imprensa
Prefeitura Municipal de Pato Branco

ANEXO I – NOTA OFICIAL POSTADA EM 09 DE JANEIRO DE 2021**NOTA OFICIAL**

A Prefeitura de Pato Branco, através da Secretaria Municipal de Saúde, registrou neste sábado (09), o 40º (quadragésimo) óbito por Coronavírus (COVID-19) no Município de Pato Branco.

Trata-se de um homem, de 78 anos, que apresentava comorbidades. O óbito foi no dia 08/01/2021, às 23h30, no Hospital São Lucas, Pato Branco (PR).

A Prefeitura de Pato Branco externa suas condolências à família.

Departamento de Imprensa
Prefeitura Municipal de Pato Branco

ANEXO J – NOTA OFICIAL POSTADA EM 8 DE FEVEREIRO DE 2021**NOTA OFICIAL**

A Prefeitura de Pato Branco, através da Secretaria Municipal de Saúde, registrou nesta segunda-feira (08), o 48º (quadragésimo oitavo) e o 49º (quadragésimo nono) óbitos por Coronavírus (COVID-19) no Município de Pato Branco.

Trata-se de dois homens, um de 58 anos e outro de 66 anos. Ambos estavam internados no Hospital São Lucas, em Pato Branco (PR). Os óbitos foram na tarde deste domingo (07). O homem de 66 anos faleceu às 14h40 e o de 58 anos às 17h16.

A Prefeitura de Pato Branco externa suas condolências.

Departamento de Imprensa
Prefeitura Municipal de Pato Branco

ANEXO K – NOTA OFICIAL POSTADA EM 16 DE MARÇO DE 2021

**NOTA OFICIAL**

A Prefeitura de Pato Branco, através da Secretaria Municipal de Saúde, registrou nesta terça-feira (16) o 97º (nonagésimo sétimo), 98º (nonagésimo oitavo), 99º (nonagésimo novo) e o 100º (centésimo) óbito por Coronavírus (COVID-19) no Município de Pato Branco.

Trata-se de três homens, de 54, 55 e 69 anos, e uma mulher de 87 anos.

A Prefeitura de Pato Branco externa suas condolências.

Departamento de Imprensa
Prefeitura Municipal de Pato Branco

ANEXO L – NOTÍCIA “PRIMEIRA VÍTIMA DO RJ ERA DOMÉSTICA E PEGOU CORONAVÍRUS DA PATROA NO LEBLON”

PRIMEIRA VÍTIMA DO RJ ERA DOMÉSTICA E PEGOU CORONAVÍRUS DA PATROA NO LEBLON

Da Redação

20/03/20 - 09h26

Atualizado em 20/03/20 - 09h29

A primeira vítima no Rio de Janeiro que morreu de covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, era empregada doméstica e trabalhava no Alto Leblon, bairro da zona sul da cidade que tem o metro quadrado mais valorizado do país. A mulher tinha 63 anos e percorria 120 km da casa dela até o trabalho. As informações são do Uol.

Segundo a família da vítima, a patroa da empregada havia voltado de viagem recentemente da Itália, país que já registra o maior número de mortes pela doença. Ela aguardava o resultado do exame quando a empregada chegou ao trabalho no domingo (15). Já na segunda-feira (16), a empregada apresentou os primeiros sintomas do coronavírus e morreu no dia seguinte.

A empregada não era aposentada e, de acordo com a família, ela tinha obesidade, diabetes, hipertensão e estava com infecção urinária.

Para a família da vítima, o isolamento da patroa poderia ter evitado a morte. “Estamos muito atordoados, mas precisamos conscientizar as pessoas da gravidade [da doença]. Quem voltou de viagem da Europa e apresentou os sintomas não deve ter contato com outras pessoas. O isolamento podia ter evitado essa morte”, disse ao Uol a cunhada da idosa, a dona de casa Ana Maria Gonçalves.

“Foi muito rápido. Como ela passou em casa antes de dar entrada no hospital, todos que moravam na mesma casa que ela estão de quarentena. E hoje à tarde fizeram o teste para o coronavírus”, acrescentou.

Na mesma casa onde a vítima morava, vivem outras sete pessoas. Todos estão isolados. E assustados. A reportagem do UOL não localizou a patroa da vítima e não obteve

informações sobre seu estado de saúde. No mesmo dia da morte da empregada o resultado do exame da patroa foi divulgado. O teste deu positivo para coronavírus.

ISTOÉ. Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon. **Istoé**, [S. l.], 20 mar. 2020. Disponível em: < <https://istoe.com.br/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa-no-leblon/>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

ANEXO M – NOTÍCIA “COVID-19: PRIMEIRA MORTE NO BRASIL OCORREU 4 DIAS ANTES DO QUE SE PENSAVA”

COVID-19: PRIMEIRA MORTE NO BRASIL OCORREU 4 DIAS ANTES DO QUE SE PENSAVA

O Ministério da Saúde confirmou óbitos por coronavírus em 12 e 15 de março. Até então, o primeiro registro era de 16 de março

Marina Barbosa
postado em 27/06/2020 19:45



As primeiras mortes decorrentes de coronavírus aconteceram antes do que se imaginava no Brasil: em 12 e 15 de março e não apenas no dia 16 daquele mês, como se pensava. A data foi retificada neste sábado (27/06) pelo Ministério da Saúde.

"O Ministério da Saúde informa que o primeiro óbito confirmado laboratorialmente por COVID-19 no Brasil ocorreu no estado de São Paulo, no dia 12/03/2020, numa paciente do sexo feminino, com 57 anos, que deu entrada no Hospital Municipal Dr Carmino Caricchio no dia 11/03. E o segundo óbito ocorreu no dia 15/03", informou a pasta, em nota divulgada na noite deste sábado.

Até então, imaginava-se que a primeira morte decorrente de covid-19 no Brasil havia ocorrido em 16 de março em São Paulo. Foi um homem de 62 anos, que tinha diabetes e hipertensão e não havia viajado ao exterior.

O Ministério da Saúde alegou que "eventuais divergências" podem ocorrer pelo tempo que se leva para confirmar a causa da morte dos pacientes e também pelo tempo de registro dessas informações pelos Estados e municípios no Sistema de Vigilância Epidemiológica do governo federal.

"Óbitos ocorridos nos meses de março e abril, foram notificados depois. Conforme o Ministério da Saúde adquiriu mais testes de diagnóstico laboratorial de SARS-CoV-2 e distribuiu aos estados, as amostras foram processadas, incluindo investigação de óbitos", afirmou.

Também por conta disso, admitiu a pasta, ainda há outros casos em investigação. "Como informado no boletim epidemiológico 19, existiam 3.972 óbitos em investigação, que podem ser confirmados por COVID-19, Influenza ou outros vírus e agentes etiológicos", pontuou.

O Ministério da Saúde garantiu, por sua vez, que vai continuar atualizando os dados oficiais da pandemia do novo coronavírus à medida que a análise desses casos for concluída. As duas mortes ocorridas em 12 e 15 de março, que só foram confirmadas neste sábado, por exemplo, serão incluídas no próximo boletim epidemiológico, que é divulgado semanalmente.

"Na medida em que os resultados são disponibilizados pelos laboratórios e as equipes de vigilância epidemiológica atualizam o SIVEP Gripe, as informações são atualizadas a nível nacional. A pasta destaca que os dados de mortalidade representam uma fonte fundamental de informação demográfica, geográfica e de causa de morte. Estes dados são usados para quantificar os problemas de saúde e determinar ou monitorar prioridades ou metas em saúde", destacou.

BARBOSA, Marina. Covid-19: primeira morte no Brasil ocorreu 4 dias antes do que se pensava. **Correio Braziliense**, [S. l.], 27 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/06/27/interna-brasil,867458/covid-19-primeira-morte-no-brasil-ocorreu-4-dias-antes-do-que-se-pens.shtml>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

ANEXO N – NOTÍCIA “PRIMEIRA VÍTIMA FATAL DA COVID-19 POR FALTA DE UTI EM SP TINHA 22 ANOS”

PRIMEIRA VÍTIMA FATAL DA COVID-19 POR FALTA DE UTI EM SP TINHA 22 ANOS

Obeso, rapaz estava no pronto-atendimento de São Mateus, na zona leste, e não resistiu a 20 minutos de liberação de uma vaga

SÃO PAULO | Daniela Salerno, da Record TV

18/03/2021 - 10H36 (ATUALIZADO EM 18/03/2021 - 10H46)



Hospitais de São Paulo estão abarrotados de pacientes com covid-19 na UTI
ANDRÉ PERA/PERA PHOTO PRESS/ESTADÃO CONTEÚDO - 17.03.2021

O primeiro paciente com covid-19 que morreu, na cidade de São Paulo, por causa da falta de um leito de UTI tinha 22 anos de idade, era obeso e sucumbiu à doença 19 minutos antes de surgir uma vaga de cuidados intensivos em um hospital da zona sul.

É o que mostra o relatório médico, obtido pelo **R7** e que detalha o esforço das equipes de saúde do município para manter o rapaz vivo. A prefeitura reforçou que os profissionais de saúde cumpriram todos os protocolos médicos possíveis para salvar o paciente.

O jovem deu entrada no pronto-atendimento de São Mateus II, na zona leste da capital, às 19h03 da última quinta-feira (11) com queixa de falta de ar e sensação de sufocamento (dispneia) há 7 dias. Também apresentou teste positivo para covid-19, com data de dois dias antes, dia 9/3/2021.

Prontamente atendido pelos funcionários do posto de saúde, o paciente permaneceu internado em observação, com máscara de oxigênio e outros recursos usados para quem tem covid-19.

Na sexta-feira (12), a equipe do posto de saúde comunicou o Cross (Central de Regulação de Ofertas de Serviços de Saúde) e pediu um leito de internação, uma vez que o rapaz não melhorava e os médicos previam complicações de saúde.

Ainda sem retorno, o posto de saúde detectou a piora do quadro respiratório às 16h do sábado (13). Começou uma busca por respiradores mecânicos em outros postos de saúde, já que não havia no local. Neste momento, também foi solicitada urgência ao Cross.

O ventilador mecânico chegou 15 minutos depois, vindo de outra unidade de saúde. Mesmo com o acessório e sem retorno do Cross, os médicos decidiram, com aprovação do pai e da própria vítima, fazer uma intubação orotraqueal.

Às 16h20, o jovem foi para a sala de urgência, onde estava sedado e intubado. Em seguida, houve uma parada cardiorrespiratória e os médicos e enfermeiros começaram manobras de ressuscitação conforme manda o protocolo – sem sucesso.

O paciente morreu às 17h19, pouco antes de surgir uma vaga de UTI no hospital de campanha na estrutura interna do prédio do AME (Ambulatório Médico de Especialidades) Barradas, em Heliópolis, zona sul. O leito foi oferecido às 17h38, conforme mostra o documento.

SALERNO, Daniela. Primeira vítima fatal da Covid-19 por falta de UTI em SP tinha 22 anos. **Portal R7**, São Paulo, 18 mar. 2021. Disponível em: < <https://noticias.r7.com/sao-paulo/primeira-vitima-fatal-da-covid-19-por-falta-de-uti-em-sp-tinha-22-anos-18032021>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

ANEXO O – NOTÍCIA “COVID-19: MANAUS VIVE COLAPSO COM HOSPITAIS SEM OXIGÊNIO, DOENTES LEVADOS A OUTROS ESTADOS, CEMITÉRIOS SEM VAGAS E TOQUE DE RECOLHER”

COVID-19: MANAUS VIVE COLAPSO COM HOSPITAIS SEM OXIGÊNIO, DOENTES LEVADOS A OUTROS ESTADOS, CEMITÉRIOS SEM VAGAS E TOQUE DE RECOLHER

A média móvel de mortes no estado cresceu 183% nos últimos sete dias. O envio de oxigênio ao estado não está sendo suficiente para suprir a demanda, e o governo está transferindo pacientes a outros estados.

14/01/2021 16h12 Atualizado há 4 meses



Manaus vive uma crise sem precedentes com o avanço dos casos de Covid-19. Com internações batendo recordes, unidades de saúde ficaram sem oxigênio. O estado está sendo obrigado a enviar pacientes para outros estados.

Os cemitérios também estão lotados, ampliaram o horário de funcionamento e instalaram câmaras frigoríficas. Para tentar frear o vírus, o governo estadual decidiu proibir a circulação de pessoas entre 19h e 6h em Manaus.



Em Manaus, hospitais lotados ficam sem oxigênio e pacientes são transferidos para outros estados

A média móvel de mortes cresceu 183% no Amazonas nos últimos 7 dias. Até esta quarta-feira (13), mais de 219 mil pessoas haviam sido infectadas pela Covid em todo o estado, e mais de 5,8 mil morreram com a doença.

O número de internações pela doença em Manaus chegou a 2.221, de 1º a 12 de janeiro. O índice máximo anterior havia sido registrado em abril do ano passado, com 2.128 pacientes internados. O ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, visitou o Amazonas nesta semana e afirmou que Manaus é "prioridade nacional neste momento".

Na terça-feira, a Fiocruz divulgou que uma nova variante do coronavírus que causa a Covid-19 foi encontrada no Amazonas. Trata-se da mesma variante que chegou ao Japão após viajantes passarem pelo estado.

FALTA DE OXIGÊNIO

O G1 presenciou médicos e acompanhantes transportando cilindros nos próprios carros para levar aos hospitais. A técnica de enfermagem aposentada Solange Batista disse que precisou comprar oxigênio para a irmã, que está internada no Hospital Universitário Getúlio Vargas, em Manaus (*veja o vídeo abaixo*).



Mulher relata falta de oxigênio em hospital de Manaus

A médica residente Gabriela Oliveira, do Hospital Universitário Getúlio Vargas (HUGV), disse que a situação está caótica. Os profissionais da saúde falam em cenário de guerra.

"O que eu vivi hoje, nem nos meus piores pesadelos eu pensei que poderia acontecer. Não ter como assistir paciente, não ter palavras para acalantar um familiar. Isso é uma coisa que vai ficar uma cicatriz eterna nos nossos corações", contou.

Uma das razões para o colapso do sistema de saúde é o consumo de oxigênio por pacientes de leitos clínicos, segundo o Coronel Franco Duarte, representante do Ministério da Saúde. "Aquele paciente que não está no leito de UTI é o que consome mais, porque ele fica ao lado do regulador de oxigênio. A sensação é de falta de ar, e você abrindo o acesso ao oxigênio, você tem a sensação de bem-estar, mas, em contrapartida, aumenta muito essa demanda", disse Duarte.



Profissionais de saúde relatam falta de oxigênio em hospitais em Manaus

O Secretário da Saúde do Amazonas, Marcellus Campêlo, afirmou nesta quinta-feira (14) que o estado passa por uma crise no abastecimento de oxigênio. Campêlo disse que o Ministério da Saúde, o governo do Amazonas e as Forças Armadas estão trabalhando no apoio logístico para a entrega de oxigênio para a rede estadual de saúde, com o transporte do gás de outros estados para o Amazonas.

"Tivemos um pico de fornecimento e aumento da demanda acima do esperado. Fomos comunicados ontem [quarta-feira] à noite do colapso do plano logístico em relação a algumas entregas, o que causará a interrupção da programação por algumas horas", afirmou Campêlo, referindo-se ao recebimento do oxigênio.

Segundo ele, a alta demanda surpreendeu um dos maiores conglomerados de gás do mundo, a empresa White Martins.



Oxigênio sendo recebido no Hospital Getúlio Vargas em Manaus — Foto: Matheus Castro/G1

O secretário diz que há leitos abertos prontos para serem utilizados no Hospital Universitário Getúlio Vargas, no Nilton Lins e em outras unidades, mas não foram ativados por conta da falta de oxigênio.

Segundo governador Wilson Lima, o **estado entrou com uma ação na Justiça para que a empresa fornecedora de oxigênio garanta o abastecimento nas unidades de saúde** em quantidade suficiente para atender a todos.

TRANSFERÊNCIA DE PACIENTES

Com o colapso do sistema de saúde, pacientes estão sendo levados a outros estados para receber atendimento médico. São eles: Goiás, Piauí, Maranhão, Brasília, Paraíba e Rio Grande do Norte. O governo diz ter feito um estudo para que as transferências não sobrecarregassem a rede assistencial desses outros locais.

Segundo o governo, **235 pacientes já haviam sido transferidos** até a tarde desta quinta.

O Coronel Franco Duarte, representante do Ministério da Saúde, afirmou que são transportados pacientes com estado de saúde considerado em fase moderada da doença. "São pacientes que ainda continuam dependentes do oxigênio, mas eles têm toda a segurança plena para serem aerotransportados", disse.

Um dos primeiros estados a receber pacientes do Amazonas foi o Piauí. Na manhã desta quinta, 30 pacientes de Manaus com Covid-19 foram encaminhados para Teresina.

TOQUE DE RECOLHER

O governador Wilson Lima anunciou, nesta quinta-feira (14), um decreto que proíbe a circulação de pessoas em Manaus entre 19h e 6h. Todas as atividades, exceto serviços essenciais para a vida, também estarão proibidos de abrir. A medida deve valer a partir da publicação do decreto, prevista ainda para esta quinta. Entre as medidas, estão:

- suspensão do transporte coletivo de passageiros entre rodovias e rios do estado
- fechamento de todas as atividades e circulação de pessoas entre 19h e 6h; só pode sair de casa quem trabalha em áreas estratégicas: saúde, segurança pública, imprensa
- funcionamento de farmácias entre 19h e 6h, por delivery ou sob demanda

RESTRICÇÕES JÁ ADOTADAS

No final do ano passado, comerciantes e empresários fizeram protesto após o governo decretar limitações na circulação: o aumento de casos de Covid já era esperado após as festas

de Natal e Ano Novo. No dia seguinte à manifestação, o decreto foi suspenso. Por determinação da Justiça, as restrições foram publicadas.

Desde o dia 2 de janeiro deste ano, atividades do comércio não essencial estão proibidas, com previsão de interdições e multas diárias de até R\$ 50 mil. Além do comércio geral fechado, restaurantes só podem funcionar para delivery e estão proibidas festas e reuniões. As medidas valem por 15 dias, mas podem ser prorrogadas.

Nesta terça (12), o governo do Amazonas proibiu o funcionamento de academias e o transporte intermunicipal de passageiros.



Pará proíbe circulação de embarcações do Amazonas

CEMITÉRIOS LOTADOS

Manaus registrou 198 enterros nesta quarta e bateu recorde de sepultamentos diários pelo quarto dia consecutivo. Desse total, 87 enterros tiveram a causa declarada como Covid-19. Com aumento da demanda, a Prefeitura de Manaus ampliou horário do funcionamento dos cemitérios até as 18h.

Além disso, foram instaladas duas câmaras frigoríficas no cemitério público Nossa Senhora Aparecida, conhecido como Cemitério do Tarumã. O objetivo é manter conservados os corpos de vítimas que morrerem nos horários em que os cemitérios estão fechados.

As câmaras têm capacidade para armazenar até 60 caixões e começarão a ser utilizadas a partir desta quinta-feira.

A última vez que Manaus teve tantos enterros, de causas em geral, foi em 26 de abril, com 140 registros (com dados apenas de espaços públicos). Na época, o estado enfrentava a primeira onda da doença, e sofreu colapsos no sistema público de saúde e funerário.



Câmaras frigoríficas devem ser instaladas novamente em cemitérios de Manaus

PROVA DO ENEM

Nesta noite de quarta, a Justiça Federal do Amazonas suspendeu a realização da prova no estado, por conta do surto de Covid. A decisão liminar foi concedida pelo juiz federal José Ricardo de Sales. As provas devem ficar suspensas enquanto durar o estado de calamidade pública decretado pelo poder executivo estadual, sob pena de multa de R\$ 100 mil por dia de descumprimento, até o limite de 30 dias.

O presidente do Inep afirmou no começo da tarde desta quinta ao **G1** que não há como "assegurar que vamos fazer aplicações em cidades que vão pedir reaplicação".

NOVA VARIANTE E FECHAMENTO DE DIVISA COM PA

A variante encontrada no Amazonas tem uma série de mutações que ainda não tinham sido encontradas. Ela pode ter evoluído de uma linhagem viral que circula no estado desde abril do ano passado, e "ser representante de um vírus potencialmente de uma linhagem emergente no Brasil", explicou a Fiocruz Amazônia. A variante envolve mutações na proteína Spike, que faz a interação inicial com a célula humana.

Essa nova variante carrega mutações que já foram associadas à maior transmissão, mas ainda não é possível afirmar se ela é mais transmissível ou não.

Nesta quarta-feira (13), o governador do Pará, Helder Barbalho (MDB), anunciou que a proibição da circulação de embarcações vindas do estado do Amazonas. Não há estradas ligando os dois estados. Segundo o governador, a medida é preventiva, para evitar o avanço da Covid-19. Em caso de descumprimento, as empresas estão sujeitas a multa de R\$ 10 mil por barco, além da apreensão da embarcação.

Nesta quinta-feira, o **G1** visitou o porto e encontrou apenas alguns passageiros que compraram passagens adiantadas e não puderam embarcar.

G1. Covid-19: Manaus vive colapso com hospitais sem oxigênio, doentes levados a outros estados, cemitérios sem vagas e toque de recolher. **G1**, [Amazonas], 14 jan. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/01/14/covid-19-manaus-vive-colapso-com-hospitais-sem-oxigenio-doentes-levados-a-outros-estados-cemiterios-sem-vagas-e-toque-de-recolher.ghtml>>. Acesso em 05 jun. 2021

ANEXO P – NOTÍCIA “VI FAMÍLIAS DIZIMADAS’: RELATOS DRAMÁTICOS DA PANDEMIA QUE DEIXOU 400 MIL MORTOS NO BRASIL”

'VI FAMÍLIAS DIZIMADAS': RELATOS DRAMÁTICOS DA PANDEMIA QUE DEIXOU 400 MIL MORTOS NO BRASIL

Vinícius Lemos
Da BBC News Brasil em São Paulo
29 abril 2021



CRÉDITO,GETTY IMAGES

Em meio às centenas de milhares de mortes, os profissionais de saúde acompanham diversas cenas que ilustram a tragédia do novo coronavírus.

Desde o primeiro caso confirmado de covid-19 no Brasil, no fim de fevereiro de 2020, a rotina dos profissionais de saúde mudou. Com o aumento de infecções e mortes pela doença, médicos e enfermeiros na linha de frente dos atendimentos passaram a viver o período mais difícil de suas carreiras.

"Existe uma exaustão entre esses profissionais de saúde há mais de um ano. É um estresse 24 horas, como a gente nunca viveu. É uma exaustão física e emocional. Estamos trabalhando 24 horas salvando vidas", diz o cardiologista Roberto Kalil, presidente do Conselho Diretor do Instituto do Coração em São Paulo.

Nesta quinta-feira (29/04), o Brasil atingiu a marca de 400 mil mortes pela covid-19, em meio ao seu mês mais letal da pandemia — em abril já foram registradas mais de 75 mil mortes pela doença, enquanto em março deste ano, até então o período com mais óbitos, foram 66 mil.

Em meio às centenas de milhares de mortes, os profissionais de saúde acompanham diversas cenas que ilustram a tragédia do novo coronavírus.

Despedidas, mortes por falta de recursos básicos e óbitos de diferentes integrantes da mesma família são algumas das situações que marcam os trabalhadores na linha de frente.

"É o pior período para a saúde mental dos profissionais de saúde. Muitos médicos pararam de dar plantão ou diminuíram o ritmo de trabalho porque estavam muito estressados. Tem sido um período muito grande de estresse", relata o médico intensivista José Albani de Carvalho.

Os profissionais de saúde relatam que cenas difíceis de serem esquecidas se tornaram cada vez mais comuns em meio à pandemia. Para dimensionar a tragédia vivida no país de 400 mil mortes pela doença, a BBC News Brasil pediu para médicos relatarem algumas das situações mais dramáticas que presenciaram desde o ano passado.

'VIMOS UM PACIENTE MORRER ATRÁS DO OUTRO'



CRÉDITO,REUTERS

Em janeiro, Manaus viveu tragédia da falta de oxigênio medicinal. Caso se tornou alvo de investigação

O médico cirurgião Pierre Oliva Souza nunca esquecerá as cenas que presenciou no plantão que começou da noite de 14 de janeiro até o dia seguinte, em uma unidade de saúde em Manaus, no Amazonas.

Ele chegou para o plantão no Serviço de Pronto Atendimento (SPA) Joventina Dias por volta das 19h. Na unidade, logo foi informado por um colega que não havia estoque de

oxigênio medicinal — item fundamental para auxiliar pacientes com dificuldades respiratórias, como aqueles com quadro grave de covid-19.

"Havia apenas dois cilindros de oxigênio, que durariam por algumas horas somente, porque a unidade estava lotada. Normalmente, havia 20 pacientes com suspeita de covid-19 que precisavam desse oxigênio, mas naquele período tinha mais de 40", relata o médico.

Ele conta que alguns gestores da região falaram que logo chegaria um caminhão carregado com oxigênio. "Deram falsas esperanças, porque isso não era verdade. Não havia oxigênio em lugar nenhum de Manaus, porque também faltou no mesmo dia em outras dezenas de unidades do Amazonas", comenta.

Na madrugada de 15 de janeiro, o oxigênio acabou completamente no SPA Joventina Dias. "Ninguém tinha avisado, dias antes, que o estoque de oxigênio estava acabando no Estado. Foi muito chocante para todo mundo", diz Souza.

"A gente sabia o quanto essa falta de oxigênio seria danosa e grave. O governador chegou a comentar, na semana anterior, que o Estado estava à beira de uma crise de oxigênio, por causa do aumento de casos de covid-19. Mas nós, profissionais de saúde, não tínhamos noção de como, de fato, a situação estava", diz o médico.

"Por causa da falta de oxigênio, a equipe de saúde teve que assumir a difícil decisão de quem vai sobreviver ou morrer por conta da absoluta falta de estrutura. Vimos um paciente morrer atrás do outro naquela madrugada. Eles definhavam, buscavam respirar, ficavam com a coloração azulada e morriam asfixiados na nossa frente. Não tínhamos o que fazer", relata Souza.

Segundo Souza, somente no SPA Joventina Dias foram contabilizadas oito mortes naquela madrugada. O médico relata que, normalmente, havia duas ou três mortes por plantão. "Sei de lugar que registrou mais de 20 mortes por causa da falta de oxigênio", comenta.

A situação no Amazonas se tornou notícia em todo o mundo. Diversos pacientes foram transferidos para outros Estados. Posteriormente, a cidade recebeu abastecimentos de oxigênio. "A situação foi normalizada depois. Hoje as coisas estão bem, principalmente porque os números de internações caíram nas últimas semanas", diz o médico.

Apurações apontam que a falta de oxigênio causou dezenas de mortes no Amazonas em meados de janeiro.

Então ministro da Saúde, Eduardo Pazuello afirmou, na época, que foi avisado por volta de 8 de janeiro que o alto número de internações em Manaus até quintuplicou o uso do oxigênio medicinal. Em razão disso, segundo ele, o Ministério da Saúde logo passou a tomar providências junto com o governo estadual e a prefeitura.

De acordo com a CNN Brasil, o secretário de Saúde do Amazonas, Marcellus Campelo, alegou, em depoimento à Polícia Federal que a falta de oxigênio ocorreu porque a principal fornecedora do insumo no Estado informou somente dias antes que não teria capacidade de atender a demanda na região, em razão do aumento de internações.

Segundo o secretário, o governo local logo comunicou o Ministério da Saúde e foram adotadas todas as medidas necessárias para o "enfrentamento de uma crise de saúde sem precedentes na história do Amazonas".

Em meados de abril, o Ministério Público Federal (MPF) do Amazonas apresentou uma ação de improbidade administrativa por omissão sobre a crise no fornecimento de oxigênio medicinal no Amazonas. Entre os alvos do procedimento estão três secretários do Ministério da Saúde e o então responsável pela pasta, general Eduardo Pazuello, e dois integrantes do governo do Amazonas, entre eles o secretário estadual de Saúde, Marcellus Campelo.

O MPF apontou falhas como omissão no monitoramento da demanda de oxigênio medicinal e adoção de medidas para evitar o desabastecimento, além de demora nas transferências de pacientes para outros Estados. O caso segue na Justiça Federal do Amazonas.

Mais de três meses depois, as cenas de meados de janeiro agora fazem parte das piores lembranças da pandemia para os profissionais de saúde do Amazonas.

"Eu vou superar, porque nosso trabalho pede, mas não vou esquecer nunca. Apesar de todo ensinamento que tivemos na faculdade, nunca pensei que fosse viver em tempos de paz aquilo que só acontece na guerra, que é escolher quem vai viver ou morrer", desabafa Souza.

'VI FAMÍLIAS DIZIMADAS'

O médico intensivista José Albani de Carvalho, que atua em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) de hospitais da grande São Paulo, comenta que algumas das situações mais tristes que presenciou envolvem as mortes de membros de uma mesma família pela covid-19.

"Ver famílias inteiras morrendo foi uma das coisas que mais me marcaram. Não foi uma, nem duas, nem três. Foram vários casos de irmãos, pais e filhos ou outros parentes morrendo com diferenças de horas ou dias. A grande verdade é que na minha vida inteira nunca tinha visto isso tão frequentemente", desabafa o médico, que trabalha em UTIs há mais de 30 anos.

"Teve uma família em que morreram três irmãos em dois dias. Dois deles estavam em leitos próximos. Isso impacta muito, porque você vê uma família ser dizimada", diz o médico.

Ele detalha o caso de três mortes de pessoas na faixa dos 40 anos que eram da mesma família. "O rapaz foi intubado com covid-19. A mulher dele foi internada, mas parecia que evoluiria bem e não precisaria ser intubada. Mas é muito difícil saber, porque às vezes um paciente demora 10 dias na UTI e você não sabe para onde ele vai, se vai melhorar ou piorar", comenta Albani.

"O rapaz acabou morrendo. A mulher dele, que a gente achava que daria alta em poucos dias, piorou também e foi intubada. Dias depois, ela morreu. Depois, a irmã dela, que estava internada no hospital, também faleceu", relata o médico.

O intensivista foi o responsável por contar sobre as mortes à família. "Nunca é fácil comunicar isso, porque você acompanha essas famílias e aquele sofrimento durante as internações, que muitas vezes duram dias ou semanas", diz.

"Por incrível que pareça, esse comunicado para as famílias acaba sendo algo que a gente se acostuma. Não é ser insensível, mas é que há mais de 30 anos na UTI isso acaba se tornando algo do cotidiano. Mas claro, quando você vai comunicar três mortes para uma mesma família, como tem acontecido em alguns casos, é mais difícil", acrescenta Albani.

O médico comenta que os familiares dos pacientes sempre reconhecem o trabalho dos profissionais de saúde.

Enquanto precisam enfrentar números de internações e mortes como nunca tinham presenciado em período recente, os profissionais de saúde também enfrentam o estresse causado pela falta de cuidados de muitos em relação ao coronavírus.

"Do ponto de vista da sociedade em geral os profissionais de saúde não são reconhecidos. Enquanto vemos as dificuldades, as mortes e trabalhamos sob muito estresse, há muitas pessoas nas ruas que falam que máscara é bobagem e fazem aglomerações. Olhar essas situações causa ainda mais estresse a esses profissionais", desabafa Albani.

'FICAMOS COM MEDO DE DAR A NOTÍCIA DA MORTE DA ESPOSA'



CRÉDITO,REUTERS

'Nenhuma outra doença tinha esse agravante de muitas pessoas da mesma família morrendo juntas. Os casos são impactantes', diz médica

Para a médica Luisa Frota Chebabo, um dos momentos mais tristes da pandemia envolveu uma família completamente afetada pela covid-19. Ela conta que foram internados mãe, pai e filho no mesmo dia em um mesmo hospital público da capital do Rio de Janeiro, em novembro passado.

"A mãe (de 60 anos) chegou muito grave e foi intubada no momento da admissão (no hospital). O pai e o filho estavam um pouco mais estáveis", diz Luisa.

Ela comenta que os leitos de covid-19 estavam sobrecarregados na unidade de saúde, por isso os três integrantes da mesma família tiveram de ficar na área de emergência.

"O filho foi mantido em observação, sem precisar de oxigênio suplementar. O pai necessitou do oxigênio. Os dois ficaram ao lado da mãe, intubada em estado grave", detalha a médica.

Luisa conta que o pai, que tinha 62 anos, dizia para todos os médicos que o filho havia frequentado festas e transmitiu a covid-19 para a família.

No dia seguinte à internação, o pai foi internado em um leito que ficou vago na enfermaria de covid-19. O filho, por volta dos 30 anos, se recuperou e logo teve alta hospitalar. A mãe continuava em estado grave na emergência.

"O pai foi internado com piora progressiva. Todos os dias, ele perguntava pela esposa, que também estava piorando cada vez mais", detalha a médica.

Dois dias após chegar na unidade de saúde, a mãe da família morreu. "O marido dela, cada vez mais precisando de suplementação de oxigênio, continuava perguntando pela esposa", diz Luisa.

"A gente falava para ele que não tinha como ver muitos detalhes sobre ela, já que estava internada em outro setor. Mas a gente falava que ela continuava intubada, mesmo após a morte dela", relata a médica.

"Esse paciente era bem ansioso, então ficamos com medo de dar a notícia do falecimento e precipitar uma descompensação da parte respiratória. A própria família falou que era melhor não dar a notícia enquanto ele não melhorasse, por causa desse componente de ansiedade importante", diz Luisa.

A equipe médica optou por informar sobre a morte da companheira somente quando o homem apresentasse melhora clínica. Cinco dias após o falecimento da esposa, ele foi intubado. Três dias depois, morreu. "Somente o filho ficou bem", diz Luisa.

A médica comenta que histórias como a da família que ela acompanhou em novembro demonstram a gravidade da covid-19 em comparação a outras enfermidades. "Nenhuma outra doença tinha esse agravante de muitas pessoas da mesma família morrendo juntas. Os casos são impactantes", diz a médica.

JOVENS INTERNADOS



CRÉDITO, REUTERS

'No ano passado, a gente via pessoas mais velhas na UTI. Agora vemos muitos jovens. Muita gente fica grave rapidamente'

O cardiologista Roberto Kalil, que está há mais de três décadas na Medicina, não tem dúvidas de que tem vivido o período mais dramático de sua carreira.

"O que impacta é a agressividade do vírus, que até então (antes do início da pandemia) era algo inesperado. É uma agressividade tanto na fase hospitalar como até, em alguns casos, depois da alta", relata o médico, que atua em hospitais de São Paulo.

Uma das situações que mais impactaram Kalil foi quando notou, neste ano, a explosão de casos de covid-19 e a gravidade que a doença passou a ter também entre muitos pacientes mais jovens, que foram parar na UTI ou até morreram.

"No ano passado, a gente via pessoas mais velhas na UTI. Agora vemos muitos jovens. Muita gente fica grave rapidamente", diz à BBC News Brasil.

Ele comenta que o agravamento do quadro entre os mais jovens é em razão da variante P.1, descoberta em janeiro em Manaus. A maior incidência entre os mais novos é uma das características associadas à nova variante.

A maioria dos casos registrados em 2021 em São Paulo, por exemplo, se concentra entre pessoas de 20 a 54 anos. Na Grande São Paulo, dados do início de março mostraram que 80% dos pacientes haviam sido infectados pela P.1.

Dados do governo paulista apontam que na primeira onda da pandemia mais de 80% dos leitos UTIs eram ocupados por idosos e portadores de doenças crônicas. Agora, 60% das vagas são ocupadas por pessoas de 30 a 50 anos, a maioria sem doença prévia.

Essa variante do coronavírus é mais contagiosa, entre outros motivos, por causa de mutações que facilitaram a invasão de células humanas. Essa característica pode estar ligada a duas hipóteses que estão próximas de serem confirmadas por cientistas: agravamento mais rápido do quadro de saúde e maior letalidade.

Conforme mostrado em reportagem da BBC News Brasil em 19 de abril, uma das principais hipóteses para que a nova variante afete duramente os mais jovens é a busca tardia por atendimento, quando a doença está bastante agravada, muitas vezes de forma silenciosa.

Um dos principais benefícios da busca por atendimento antecipado é o uso do oxigênio medicinal, que pode ajudar a evitar um maior comprometimento dos pulmões. Além disso, o acompanhamento médico logo nos primeiros sintomas pode evitar maiores complicações em outros órgãos.

Para o cardiologista Roberto Kalil, o cenário da pandemia no Brasil pode melhorar, aos poucos, com a vacinação. Porém, diante da falta de prazo para o avanço da imunização, que ainda está na fase dos grupos prioritários, ele avalia que os trabalhadores na linha de frente ainda devem enfrentar muito estresse em decorrência da sobrecarga no sistema de saúde.

"Espero que o cenário melhore a cada semana, mas ainda estamos longe de sair da pandemia", diz Kalil.

A PEDIATRA EM ESTADO GRAVE



CRÉDITO,GETTY IMAGES

'Ela, como médica, também percebeu que não estava evoluindo bem', relata especialista

Entre as histórias que acompanhou desde o início da pandemia, o médico Lucas Antony se recorda do caso de uma pediatra aposentada que foi internada com a covid-19 em janeiro deste ano.

A idosa, de 85 anos, chegou ao hospital particular, na capital Rio de Janeiro, com dificuldades respiratórias. "Ela foi internada e usamos uma máscara de ventilação não-invasiva nela. Mas a paciente não estava respondendo bem. Ela, como médica, também percebeu que não estava evoluindo bem", diz Antony.

O quadro da aposentada se agravou e ela precisou ser intubada no dia seguinte à chegada ao hospital. Antony afirma que a situação se tornou mais difícil por se tratar de uma paciente que era médica e sabia da gravidade de seu próprio quadro.

"Ela estava falando com a gente com a máscara de oxigênio e debatendo o caso dela quando informamos que ela precisaria ser intubada. Em certo momento, ela parou de falar, ficou olhando para frente e disse que só queria ir para casa", relembra o médico.

Enquanto era intubada, a pediatra reparou em uma enfermeira que a auxiliou. "Ela perguntou se a enfermeira já havia sido, na infância, atendida em um determinado serviço médico. A enfermeira disse que não que ela soubesse, mas a pediatra falou que lembrava dela", relata Antony.

Horas após a pediatra ser intubada, a enfermeira entrou em contato com a mãe. "A mãe da enfermeira disse que ela levava a filha para ser atendida naquele serviço (citado pela médica aposentada) na infância. Então, provavelmente essa pediatra atendeu a enfermeira em algum momento", conta o médico.

Dois dias após ser intubada, a pediatra aposentada não resistiu às complicações da covid-19. O médico relata que ficou comovido com o caso da paciente por ser uma médica que sabia que não resistiria à doença e pela lembrança que ela teve da enfermeira. "Foi uma história que me marcou", diz.

LEMOS, Vinícius. "Vi famílias dizimadas": relatos dramáticos da pandemia que deixou 400 mil mortos no Brasil. **Correio Braziliense**, São Paulo, 29 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/04/4921197-vi-familias-dizimadas-relatos-dramaticos-da-pandemia-que-deixou-400-mil-mortos-no-brasil.html>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

ANEXO Q – NOTÍCIA “NO BRASIL, FAMILIARES TÊM APENAS 10 MINUTOS PARA SE DESPEDIR DOS MORTOS”

NO BRASIL, FAMILIARES TÊM APENAS 10 MINUTOS PARA SE DESPEDIR DOS MORTOS

Com o segundo maior número de casos de coronavírus do mundo, país impõe restrições aos funerais, impossibilitando as famílias de lamentar a morte de entes perdidos na pandemia.

POR JILL LANGLOIS
FOTOS DE GUI CHRIST
PUBLICADO 7 DE JUN. DE 2020 08:52 BRT, ATUALIZADO 5 DE NOV. DE 2020 01:56 BRT



A família de Diva Barbosa observa a uma distância segura enquanto funcionários de uma funerária no Cemitério da Vila Formosa enterram a senhora de 85 anos que faleceu de um caso suspeito de covid-19.
FOTO DE GUI CHRIST

O cheiro forte de álcool em gel pairava no ar enquanto alguns homens no cemitério da Vila Formosa, em São Paulo, colocavam Manoel Joaquim da Silva no chão.

A morte causada por um caso suspeito de covid-19 é sinalizada como risco biológico e o D3 carimbado na parte superior da papelada do senhor de 79 anos

indicava que os coveiros precisavam utilizar equipamento de proteção individual completo — luvas grossas de borracha verde-azulada, uma máscara N95 e uma roupa de plástico branco com capuz — antes da chegada do carro funerário.

Para a família — assim como muitas outras ao redor do mundo — isso significava que tinham apenas 10 minutos para se despedir.



Os filhos de Manoel Joaquim da Silva ajudando a levar o caixão lacrado do pai para o túmulo. O homem de 79 anos morreu antes do resultado do teste de covid-19 ficar pronto.

FOTO DE **GUI CHRIST**

Os dois filhos de Da Silva, protegidos por luvas e máscaras, seguravam as laterais do caixão de madeira enquanto levavam o pai ao seu local de descanso final, passando pelos montes de terra empilhados entre fileiras de sepulturas abertas. A neta também acompanhou o enterro segurando uma coroa de flores brancas e vermelhas, entregue no último minuto, com as mãos protegidas por luvas, e o namorado a seguia.

Manoel trabalhava em uma cozinha comercial até se aposentar. Ele tinha voltado a trabalhar vendendo bilhetes de loteria nas ruas da cidade quando percebeu que sua aposentadoria não era suficiente para sobreviver. As conversas com os clientes animavam o seu dia, mas ele sabia que tinha que ficar em isolamento quando São Paulo declarou oficialmente uma quarentena em toda a cidade em 24 de março.

Uma semana depois, ele foi hospitalizado. Na semana seguinte, foi enterrado, mas o resultado do teste de coronavírus ainda não havia ficado pronto.



Coveiro exuma os restos de um sepultamento anterior para preparar o local para um novo.
FOTO DE **GUI CHRIST**

Não teve velório para o pai de três filhos, nem funeral com familiares e amigos reunidos compartilhando histórias: seu amor pelo trabalho árduo, gatos e cães e cantorias de clássicos do samba pela casa. Os velórios brasileiros podem ser grandes, com caixão aberto e com os participantes abraçando os falecidos.

Em vez disso, seu corpo estava envolto em um plástico e seu caixão lacrado. Sua esposa de 60 anos, com a saúde há muito tempo debilitada, não pôde comparecer para a despedida final, e sua filha ficou em casa para cuidar dela.

Os quatro que conseguiram comparecer ficaram lado a lado, observando silenciosamente enquanto os homens se apressavam para enterrar o caixão.

Quando a última pá de terra foi jogada, em uma pilha entre as fileiras de sepulturas vazias à espera de outros corpos, o filho caçula de Manoel, Rodrigo Manoel da Silva, abaixou a cabeça e sussurrou:

“Não era para ser assim”, enquanto outro carro fúnebre estacionava ao lado da Q56, a parte do cemitério onde seu pai foi sepultado. “Todo mundo queria estar aqui. Eles deveriam estar aqui. Ele merecia mais do que isso.”



Um coveiro limpa as valas no Cemitério da Vila Formosa. Um dos três cemitérios públicos de São Paulo, o da Vila Formosa recebeu quase o dobro de sepultamentos em abril em comparação ao mesmo mês do ano passado.

FOTO DE **GUI CHRIST**

Desde a chegada do novo coronavírus no Brasil, os sepultamentos passaram a ser breves. Muitas das vítimas em São Paulo, onde a maioria dos casos e mortes do país estão concentradas, estão sendo enviadas para o Cemitério da Vila Formosa, considerado o maior da América Latina, com 750 mil metros quadrados. Mais de 1,5 milhão de pessoas estão enterradas no complexo de duas partes, fundado em maio de 1949.



Apenas quatro membros da família de Manoel Joaquim da Silva puderam comparecer ao seu funeral. Devido à pandemia de coronavírus, apenas 10 pessoas estão autorizadas a ficar no enterro, mesmo se a morte não estiver relacionada à covid-19.

FOTO DE GUI CHRIST

Um dos três cemitérios públicos da cidade, o da Vila Formosa recebeu cerca de 1.684 sepultamentos em abril — praticamente o dobro em comparação ao mesmo mês do ano passado. Os funcionários do cemitério estão sobrecarregados com a grande quantidade de sepultamentos enquanto seguem as diretrizes para poupar as próprias vidas. Cerca de 60% dos coveiros que trabalham para os serviços funerários municipais têm mais de 60 anos e foram afastados por apresentarem alto risco de contrair o coronavírus. A prefeitura contratou 220 trabalhadores temporários por meio de uma empresa terceirizada para dar conta dos corpos.

O Brasil tem o segundo maior número de casos de covid-19 do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, com mais de 670 mil casos confirmados e 36 mil mortes. Milhares de pessoas, como o Manoel, aguardavam os resultados dos testes quando

morreram e foram incluídas na contagem muito tempo depois do falecimento. Enquanto outros nunca foram testados, a causa de suas mortes foi indicada apenas como insuficiência respiratória.



Wesley Reis usa o telefone para transmitir ao vivo o funeral de seu tio, Givaldo Neri Reis, que morreu de covid-19, enquanto o irmão de Givaldo, Ueliton Neri Reis, lê a Bíblia.

FOTO DE GUI CHRIST

Para as famílias deixadas, a perda é inegável. Todos os familiares sofrem não apenas pela perda de seus entes queridos, mas também por perder os rituais tradicionais de luto.

DESPEDIDA APRESSADA

Gilberto Júlio tirou o boné e fechou os olhos. Era fim de tarde e ele tinha apenas alguns minutos para se despedir da avó. Os coveiros do Cemitério da Vila Formosa se apressaram para terminar o sepultamento na presença deles, com luvas nas mãos segurando as cordas enroladas ao redor do caixão de Diva Barbosa enquanto se aproximavam do local de descanso final da senhora de 85 anos. Outro carro funerário já havia chegado, outra família em choque e chorando. Eles não queriam deixá-los esperando.

Apenas alguns dos cinco filhos de Diva, 13 netos, 18 bisnetos e um tataraneto estavam presentes em seu enterro. Somente 10 pessoas estão autorizadas a ficar no sepultamento de cada falecido, independentemente de a morte estar relacionada ao coronavírus ou não. O restante espera em casa, sabendo que em breve receberá um telefonema descrevendo a despedida apressada.



O primeiro sepultamento do dia no Cemitério da Vila Formosa. O Brasil tem o segundo maior número de casos de covid-19 do mundo, depois dos Estados Unidos.

FOTO DE GUI CHRIST

Mas ninguém pôde descrever os momentos finais de Diva. Primeiro ela foi a uma clínica local apresentando problemas respiratórios que, segundo ela, eram consequência da asma, uma doença que a afligia há muito tempo, além de diabetes e pressão alta. Duas semanas depois, ela foi transferida para um hospital próximo, onde passaria os dois meses seguintes sedada e intubada, impossibilitada de falar. Sua família não tinha permissão para vê-la.

A equipe do hospital a testou para a covid-19 no dia de sua internação, mas algo deu errado e ela precisou ser testada novamente. Enquanto sua família estava ao lado de seu túmulo, eles ainda não haviam recebido os resultados de seu segundo teste.

Lágrimas escorriam pelas bochechas de sua neta, Tatiane Ferreira.

Ela se recorda da avó como reservada, mas forte, que a ensinou a nunca depender de ninguém além de si mesma. Diva acordava todos os dias às 04h30 da manhã, pronta para cuidar de sua casa, seus netos e filhos e de todas as outras pessoas que apareciam.

Tatiane e o restante da família deram um passo para o lado quando um carro fúnebre estacionou ao lado deles. Um homem segurando uma Bíblia desgastada e encadernada em couro esperava com os outros seis membros de sua família enquanto quatro trabalhadores terminavam de cavar a sepultura de seu irmão.

Givaldo Neri Reis tinha apenas 46 anos quando foi internado no hospital com o que os médicos inicialmente acreditavam ser pneumonia. Dois dias após sua internação na UTI que durou 20 dias, foi confirmado que ele tinha covid-19. Ele não tinha nenhuma doença preexistente e por isso sua família tinha certeza de que ele iria sobreviver.

Contudo Ueliton Neri Reis leu uma passagem da Bíblia enquanto seu irmão era enterrado, sua voz falhou ao pronunciar a palavra “Deus”.

Ao mesmo tempo, Wesley Reis segurava o celular na frente do rosto coberto por uma máscara para garantir que os familiares pudessem assistir ao sepultamento do tio no vídeo ao vivo que ele registrou. A maioria dos familiares, incluindo a mãe de Givaldo de 71 anos, teve que ficar em casa.

Os ombros de outro homem começaram a tremer conforme pequenos soluços escapavam de sua boca. Ueliton continuou a ler, sua voz oscilando enquanto terra era lançada sobre o caixão com pesadas pás. Wesley tentou segurar o telefone firmemente com as mãos tremendo. Ele piscava para limpar as lágrimas que brotavam de seus olhos. Talvez quisesse ter uma visão clara do enterro de seu tio. Ele sabia que era a última vez que o veria.

Outro carro fúnebre estacionou ao lado de Wesley. Seus 10 minutos estavam chegando ao fim.

LANGLOIS, Jill. No Brasil, familiares têm apenas 10 minutos para se despedir dos mortos. **National Geographic Brasil**, [S. l.], publicado em 7 jun. 2020, atual. 5 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2020/06/cemiterio-sao-paulo-vila-formosa-brasil-familiares-mortos-pandemia-coronavirus>>. Acesso em 05 jun. 2021

ANEXO R – NOTÍCIA “PANDEMIA LEVA BRASILEIROS A REINVENTAR O LUTO POR SEUS MORTOS”

PANDEMIA LEVA BRASILEIROS A REINVENTAR O LUTO POR SEUS MORTOS

Jan D. Walter

08/08/2020

A pandemia limitou os rituais em que parentes e amigos se despedem daqueles derrotados pela doença. Muitos descobrem na internet e nas redes sociais uma forma de aliviar a dor dessa perda.



Regras da pandemia impedem parentes de se despedir de seus mortos

Muitos rituais milenários de luto e despedida dos mortos não podem ser realizados durante a pandemia de covid-19. Atualmente, milhões de sobreviventes em todo o mundo estão enfrentando tal situação. No Brasil, onde, segundo dados oficiais, mais de 1% da população já foi infectada e 100 mil pessoas morreram por covid-19, o Ministério da Saúde estabeleceu em março um novo protocolo de procedimentos funerários que, entre outras coisas, proíbe o velório tradicional.

"Normalmente, no Brasil há uma vigília por um dia com o caixão aberto", explica a antropóloga Andréia Vicente, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. "No velório, é

comum que os parentes e amigos se reúnam em volta do caixão e compartilhem o sofrimento pela perda: contam histórias, mas também conversam com o falecido, o tocam", explica a especialista. Após 24 horas, um corpo deve ser enterrado no Brasil, a menos que haja razões forenses que se oponham a isso.

Existem ritos semelhantes em quase todos os países. Também na Alemanha, frequentemente os mortos são expostos com o caixão aberto. Reuniões maiores normalmente ocorrem numa cerimônia funeral separada – geralmente com o caixão fechado – imediatamente antes e depois do funeral. Mas o funeral costuma ocorrer duas semanas após a morte.



Lula em velório de sua mulher, Marisa: cerimônias fúnebres ajudam a vencer a dor da perda, dizem especialistas

A data em que esses elementos ocorrem é irrelevante, segundo a psicóloga e consultora em questões de luto Elaine Alves. O mais importante, ela ressalta, é que eles ocorram. "Ver o cadáver, perceber que o ente querido não reage – nem às palavras nem ao toque –, tudo isso ajuda a realmente perceber a morte. E isso facilita muito o processo de luto."

No entanto, esses ritos são atualmente proibidos no Brasil – especialmente se os mortos foram infectados com o coronavírus. No hospital, eles são colocados no caixão dentro de um saco plástico. Os parentes só veem o caixão fechado. Quando muito.

Andréia Vicente afirma que as diretrizes da administração dos cemitérios determinam se parentes podem chegar perto do caixão antes do sepultamento. "Alguns sobreviventes relatam coveiros muito atenciosos. Outros nem tiveram tempo para uma oração antes que as primeiras pás da terra caíssem no caixão. Uma mulher considerou isso uma degradação de seu

falecido marido", afirma a especialista, que realiza muitas entrevistas sobre o assunto para seus estudos.

Em vista do número particularmente grande de corpos que são enterrados diariamente no Brasil, os municípios às vezes são forçados a tomar medidas amargas. Em Manaus, os caixões deveriam ser empilhados em sepulturas. Mas após protestos, essa ideia foi rapidamente descartada, e os mortos foram enterrados lado a lado, em valas comuns, mas com túmulos separados e identificados. Em São Paulo, os corpos também são enterrados à noite.

"NINGUÉM SE ACOSTUMA COM A MORTE"

A perda inesperada de um ente querido é mais comum para brasileiros do que europeus, mesmo sem pandemia. Cinquenta mil pessoas foram assassinadas a cada ano nos últimos 10 anos – ou seja, quase 240 homicídios por milhão de pessoas. Na União Europeia, eles são menos de 10. O número de mortes no trânsito no Brasil é quatro vezes maior que na UE em relação à população. E por causa do sistema de saúde muitas vezes precário, mais pessoas morrem de doenças curáveis.

Isso afeta em particular as camadas mais pobres da população, nas quais a covid-19 também reivindica um número desproporcional de fatalidades. No entanto, a psicóloga Elaine Alves não acredita que isso crie certa rotina para lidar com a morte. "A morte é algo a que ninguém se acostuma. Cada morte e cada sofrimento são individuais – especialmente em se tratando de parentes próximos ou amigos", diz. A antropóloga Andréia Vicente concorda. "A morte de outra pessoa é tão difícil de suportar, entre outras coisas, porque também nos lembra de nossa própria mortalidade."



Despedida dos mortos durante sepultamento em Manaus: covas comuns

Mas algo em que os brasileiros são craques é a adaptação a mudanças e adversidades. No caso das restrições aos funerais, eles se beneficiam de sua afinidade com as novas mídias: muitos usam Skype, WhatsApp e outros para fazer companhia a seus parentes isolados e doentes. E também para se despedir deles. "Esse luto realizado antes da morte facilita muito o trabalho posterior de luto", avalia Elaine Alves.

No entanto, a psicóloga prevê casos crescentes de sofrimento agravado e traumático, que muitas vezes levam a doenças fisiológicas como diabetes, doenças cardíacas e outras enfermidades. "Doenças para as quais existe uma predisposição, então, surgem", ressalta.

O perigo aumenta especialmente porque muitos dos afetados se encontram em isolamento social por causa da pandemia. Os contatos sociais são um importante pilar do luto. Nesse caso também, conforme a assessora de luto, a internet pode oferecer ajuda: em vez de recorrer à igreja, as pessoas podem celebrar as tradicionais missas sétimo dia e de um mês pelas redes digitais.

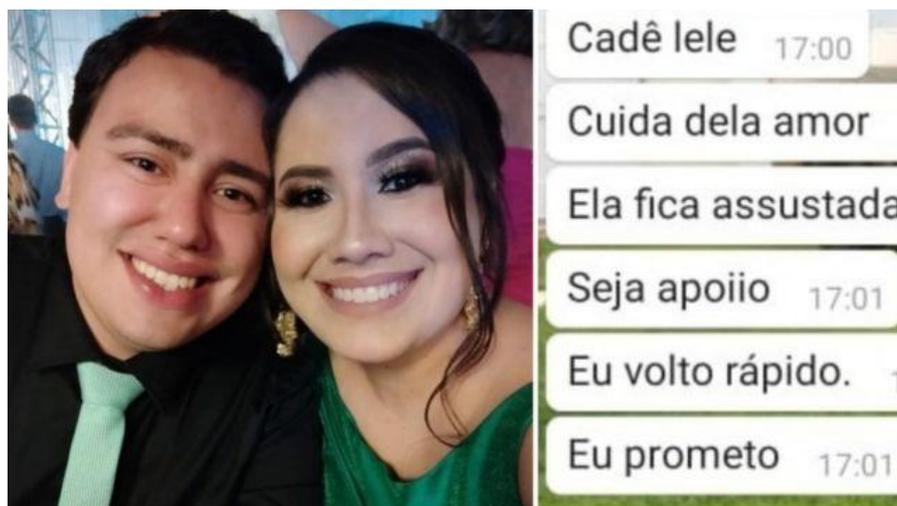
Uma celebração coletiva na internet também pode oferecer mais consolo, de acordo com Andréia Vicente. Ela sugere que os sobreviventes também contem histórias de seus mortos em páginas especialmente criadas na internet ou em grupos do Facebook. "A celebração dos mortos da covid-19, vítimas de um trauma coletivo, pode criar um senso de identificação com outros enlutados e ajudá-los a gerenciar melhor sua própria dor."

WALTER, Jan D. Pandemia leva brasileiros a reinventar o luto por seus mortos. **Deutsche Welle**, [Brasil], 08 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/pandemia-leva-brasileiros-a-reinventar-o-luto-por-seus-mortos/a-54452418>>. Acesso em 05 jun. 2021

ANEXO S – NOTÍCIA “'VOLTO RÁPIDO' E 'TÔ APAVORADO': AS ÚLTIMAS MENSAGENS DE VÍTIMAS DA COVID-19”

'VOLTO RÁPIDO' E 'TÔ APAVORADO': AS ÚLTIMAS MENSAGENS DE VÍTIMAS DA COVID-19

Vinícius Lemos - @oviniciuslemos
Da BBC News Brasil em São Paulo
9 outubro 2020



CRÉDITO, ARQUIVO PESSOAL

Pouco antes de ser intubada, a médica Monique Batista enviou mensagens ao noivo

"Eu volto rápido", escreveu a médica Monique Batista, de 29 anos, em mensagem enviada ao marido por meio do WhatsApp, pouco antes de ser intubada. Semanas depois, ela morreu em decorrência das complicações da covid-19.

Monique é uma das milhares de vítimas do novo coronavírus no Brasil. Segundo o Ministério da Saúde, o país já registrou quase 150 mil mortes pela covid-19 — o primeiro óbito ocorreu em 12 de março, conforme a pasta.

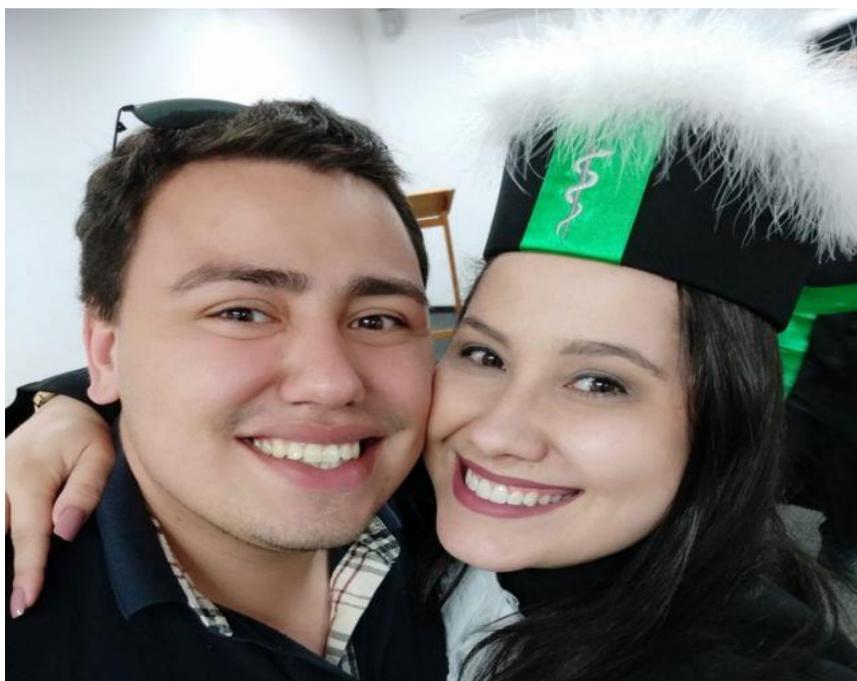
Em todo o mundo, mais de 1 milhão de pessoas já morreram em decorrência da doença causada pelo coronavírus. O Brasil é o segundo país com mais óbitos pela covid-19, atrás apenas dos Estados Unidos, que já registrou mais de 210 mil mortes.

Em meio aos números de mortos pelo vírus, há a noiva do Arthur, o irmão da Ana Claudia, o filho mais velho de Elisângela, a madrinha da Clara, a amiga da Cristina e tantas outras histórias.

Aos familiares e amigos das vítimas da covid-19, restam a saudade e as lembranças. Em decorrência do isolamento imposto a pacientes com o coronavírus e da intubação adotada em casos graves, milhares de pessoas não conseguiram dar o último adeus.

Para muitos parentes e amigos, as mensagens trocadas por meio de aplicativos estão entre as últimas recordações. À BBC News Brasil, pessoas que perderam entes queridos mostram algumas das últimas mensagens trocadas, que ajudam a dar dimensão humana à tragédia por trás dos números.

'VOLTO RÁPIDO'



CRÉDITO, ARQUIVO PESSOAL

Monique e Arthur eram noivos e moravam juntos. "A gente se amava muito, nunca imaginei perdê-la", lamenta o rapaz.

Monique Batista se formou em Medicina na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) em meados de 2019. Desde o início da pandemia de covid-19, ela estava na linha de frente do combate à doença, na cidade de Campo Verde (MT).

"O sonho da vida dela, desde a infância, sempre foi ser médica. Ela era extremamente prestativa e, mesmo sendo asmática, nunca pensou em parar de trabalhar quando a pandemia começou", diz o engenheiro agrônomo Arthur Varmeling, noivo da médica.

Em 11 de julho, Monique teve uma intensa falta de ar. Ela acreditou que fosse uma crise de asma. Após passar por exames, foi diagnosticada com a covid-19 e precisou ser internada. Segundo o noivo, 60% dos pulmões dela já estavam comprometidos.

A asma é apontada por algumas entidades médicas como um fator que pode agravar o quadro de covid-19. Há estudos, porém, que consideram que a doença não costuma representar um risco maior de complicações pelo coronavírus.

No caso de Monique, segundo Arthur, os médicos consideraram que a asma agravou duramente a situação dela. Ele conta que a falta de ar foi o principal sintoma da noiva.

A situação da médica piorou. Em 14 de julho, ela encaminhou mensagens ao noivo antes de ser levada para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI).



CRÉDITO,REPRODUÇÃO

Antes de ser intubada, Monique escreveu mensagens (nos balões brancos) com pedido para Arthur cuidar da irmã caçula dela e disse que logo voltaria

Primeiro, Monique pediu que ele cuidasse da irmã caçula dela, Letícia, de 26 anos. "Seja apoio", escreveu. Em seguida, a médica disse que logo retornaria para casa. "Eu volto rápido. Eu prometo", afirmou, por meio de mensagens de texto.

Pouco antes de ser levada para a UTI, ela perguntou sobre a mãe, que ainda não sabia que a filha seria intubada. "Estou raciocinando, tentando ser o mais calmo possível para pensar em como falar com a sua mãe", respondeu o noivo.

Para Arthur, as últimas mensagens de Monique mostram o quanto ela se preocupava com a família. "Ela era inspiração e força para a mãe e para a irmã", diz o engenheiro agrônomo.

Naquela tarde de 14 de julho, Monique foi intubada na UTI de um hospital particular em Cuiabá. Ela permaneceu sob cuidados intensos durante quase um mês. "Foram dias conturbados, de muita oração e lágrimas", resume Arthur, que também teve a covid-19, mas apresentou sintomas considerados leves.

Segundo o noivo, o quadro dela se tornou ainda mais grave após ela contrair uma infecção hospitalar na UTI. Monique morreu em 10 de agosto. "Tem sido um período muito difícil", diz o engenheiro agrônomo. Ele e Monique estavam juntos havia um ano e quatro meses. "A gente se amava muito. Nunca imaginei perdê-la", lamenta.

"Por toda a minha vida, vou cuidar da mãe e da irmã dela, como ela havia me pedido", afirma Arthur.

'TÔ APAVORADO'



CRÉDITO, ARQUIVO PESSOAL

Felipe Garcia e a irmã, Ana Claudia, eram unidos desde a infância

Felipe Garcia, de 36 anos, estava assustado após apresentar sintomas da covid-19, no início de setembro. Em algumas de suas últimas mensagens, expressou o medo da doença.

"Ora por mim. Tô apavorado", escreveu Felipe, em mensagens enviadas à irmã, a auxiliar comercial Ana Cláudia Garcia, na madrugada de 7 de setembro. Na data, o estado de saúde dele havia piorado.

A família acredita que ele, que era gerente comercial e morava em Tramandaí (RS), contraiu o vírus em uma viagem a trabalho.

Dias antes de apresentar os primeiros sintomas, Felipe dormiu na casa da irmã e do cunhado, em Gravataí, também no Rio Grande do Sul.

"Depois que o meu irmão foi embora, eu e meu esposo apresentamos sintomas, mas nos recuperamos. Acredito que o Felipe já estava com o vírus, ainda não tinha sintomas e transmitiu para a gente", explica Ana.

Logo que apresentou sintomas, Felipe passou a contar aos parentes sobre a sua situação.

"Desde os primeiros sintomas, o meu irmão procurou uma UPA (Unidade de Pronto Atendimento) em Tramandaí, mas foi liberado. Receitaram os remédios e disseram para ele ficar em casa", relata Ana.

Uma tomografia apontou, segundo a irmã, que 70% dos pulmões de Felipe haviam sido comprometidos pela covid-19. "Ele estava gordo e acredito que isso piorou ainda mais a situação. Mesmo com as dificuldades dele, não quiseram interná-lo", critica Ana.

Distante do irmão, ela conta que ficou muito preocupada com ele. "Fiquei nervosa e com medo. Até pensei em buscá-lo em Tramandaí, mas ele não quis", relata.

"Sempre tive uma ligação forte com o meu irmão. Ele era uma parte de mim. Foi quem me ensinou a andar de bicicleta, dormiu comigo quando eu tive medo e era uma pessoa que eu sabia que podia ligar a qualquer hora", relata.



CRÉDITO, REPRODUÇÃO

Em mensagens enviadas (nos balões brancos) dias antes de morrer, Felipe manifestou medo com os sintomas que teve da covid-19

Nos dias 7 e 8 de setembro, Felipe contou à família, por meio de mensagens, que estava com muitas dificuldades para respirar, além de sintomas como febre e vômito.

Para Ana, as mensagens nas quais o irmão manifesta o desespero em razão dos sintomas da covid-19 ilustram as duras consequências que a doença pode ter. "Me senti impotente. Toda a minha família está acabada com tudo isso", lamenta.

Ela conta que o último contato que teve com Felipe foi por meio de videochamada, por volta das 18h de 8 de setembro. "No mesmo dia, ele também conversou com a nossa mãe, com uma tia e com o filho dele (de três anos)", detalha Ana.

A situação de Felipe piorou. Os parentes contam que ele procurou ajuda médica na UPA de Tramandaí, novamente, na madrugada de 9 de setembro. Horas depois, ele não resistiu e faleceu na unidade de saúde.

Na certidão de óbito consta que ele morreu em decorrência de síndrome respiratória aguda grave e cita a suspeita de covid-19, confirmada dias depois.

"Se ele tivesse recebido o atendimento médico adequado, provavelmente teria sobrevivido", declara Ana.

"Na UPA, nos disseram que não o intubaram porque ele estava muito gordo. Falaram que fizeram tudo o que podiam pelo meu irmão. Porém, penso que foram muito negligentes com ele", acrescenta.

A BBC News Brasil questionou a Prefeitura de Tramandaí sobre o atendimento dado a Felipe, mas não obteve respostas até a conclusão desta reportagem.

'QUERO ROSAS BRANCAS EM MEU CAIXÃO'



CRÉDITO, ARQUIVO PESSOAL

Elisângela da Silva junto com o filho mais velho, Klediston Kelps, que foi vítima da covid-19 aos 22 anos

Entre as últimas mensagens do técnico de enfermagem Klediston Kelps, de 22 anos, havia um pedido sobre o arranjo de flores que ele queria em sua despedida.

"Quero rosas brancas enfeitando o meu caixão e apenas uma vermelha", escreveu para a mãe, por meio do WhatsApp, antes de ser intubado na UTI. O jovem disse a ela, em mensagem de texto, que sabia que não sobreviveria à covid-19.

"Está sendo pessimista!", respondeu a mãe dele, a técnica de enfermagem Elisângela da Silva Faria, de 40 anos, em uma tentativa de tranquilizar o filho mais velho.

De acordo com a mãe do jovem, as mensagens foram encaminhadas na noite de 18 de julho. Klediston morreu uma semana depois.

O rapaz estava na linha de frente do combate à covid-19 em Primavera do Leste (MT), onde morava. A família acredita que ele contraiu o vírus no trabalho.

Ao todo, ele passou um mês internado em uma unidade de saúde de Primavera do Leste. Desde que deu entrada no hospital até momentos antes de ser levado para a UTI, Klediston conversou com frequência com a mãe.

"Nunca vou me acostumar a ficar sem o meu filho. É uma dor que nunca vai passar", diz Elisângela. Ela, que tem outros dois filhos, conta que era inspiração para o jovem, que decidiu seguir na mesma profissão da mãe.



CRÉDITO, REPRODUÇÃO

Em mensagens (nos balões brancos), pouco antes de ser intubado, técnico de enfermagem contou à mãe como queria que fosse o seu velório

Klediston, que estava prestes a concluir o curso superior de Enfermagem, tinha diversos sonhos e um dos principais objetivos dele, segundo a mãe, era ser um bom profissional na área da saúde.

"Perder meu filho foi pior que perder a minha vida. Ajoelhei e pedi a Deus que me levasse e não levasse ele. Hoje, as pessoas podem me olhar sorrindo e vivendo aparentemente normal, mas eu não sou mais a mesma pessoa", diz à BBC News Brasil.

"Quando não estou ocupada, estou chorando. Fico lembrando dele o tempo todo", lamenta.

Elisangela conta que não conseguiu levar o arranjo pedido pelo filho quando o enterrou, em um sábado. "Eu tive poucas horas para enterrá-lo. Foi tudo muito rápido", explica. Dois dias depois, ela cumpriu o desejo de Klediston. "Arrumei as flores, como ele tinha pedido, e levei ao cemitério", diz a mãe do jovem.

Segundo Elisangela, Klediston escolheu as flores como forma de homenagear a família. "O pai dele, que morreu quando o meu filho ainda era bebê, sempre me dava rosas

brancas. Ele (Klediston) sabia dessa história. E a rosa vermelha foi escolhida por causa de uma tatuagem que tenho em meu braço esquerdo", diz.

'NADA DE PÂNICO'



CRÉDITO,ARQUIVO PESSOAL

Médica Terezinha Matos morreu em decorrência de complicações da covid-19

Em suas últimas mensagens, a médica Terezinha Aparecida de Matos, de 64 anos, confessou à cunhada que estava com medo das consequências da covid-19. Apesar disso, tentou tranquilizar a irmã, Elizete, e pediu calma.

Filha mais velha, Terezinha era considerada um exemplo para os irmãos, Maurício e Elizete, e para o pai, de 90 anos — a mãe já havia falecido. Na juventude, foi técnica de enfermagem. "Com esse trabalho, a doutora Terezinha conseguiu pagar o curso de Medicina e depois a especialização (em Neurologia)", diz a cunhada dela, a professora Elaine Stande.

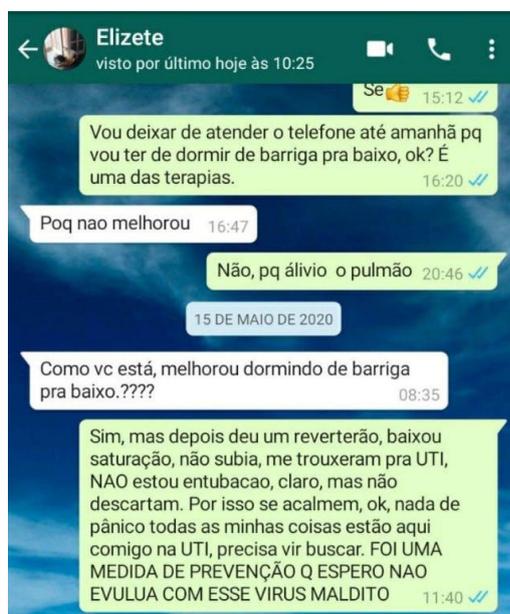
A médica trabalhava no Instituto de Infectologia Emílio Ribas, em São Paulo (SP), e estava na linha de frente do combate à covid-19. A família acredita que ela foi infectada em meio a algum plantão durante a pandemia.

Ela foi internada em 11 de maio, quando apresentou problemas de saúde em decorrência da covid-19. Segundo a família, Terezinha não tinha doença pré-existente.

Em 15 de maio, quando já estava na UTI, ela se comunicou com a família pela última vez, por meio do WhatsApp.

Nas últimas mensagens enviadas à irmã, a médica contou que dormiu de bruços, técnica que ajuda muitos pacientes no combate a doenças respiratórias graves. Terezinha

relatou que, mesmo com a terapia, apresentou saturação baixa de oxigênio e teve de ser levada para a UTI. "Não estou na intubação, claro, mas não descartam", escreveu a médica.



CRÉDITO,REPRODUÇÃO

Últimas mensagens de Terezinha (nos balões verdes) enviadas à irmã, antes de ser intubada, em meados de maio

Ela pediu calma à irmã e explicou que foi levada à UTI como uma medida de prevenção. "Nada de pânico", disse a Elizete. A médica escreveu que esperava que o seu quadro de saúde não piorasse em decorrência do que ela chamou de "vírus maldito".

Pouco após as mensagens para a irmã, Terezinha conversou por mensagens com a cunhada. No diálogo, a médica desabafou sobre o medo que estava sentindo.

"Oi, estou na UTI. A Zete (irmã de Terezinha) entrou em pânico. Ela faz perguntas que não tenho como responder. Ninguém conhece essa doença e eu não tenho como ajudá-la agora. Nem sei o que falar. Tô em pânico", escreveu a médica, nas mensagens enviadas a Elaine.

Dias depois do último diálogo com a família, Terezinha foi intubada. As complicações da covid-19 pioraram cada vez mais. Em 10 de junho, ela não resistiu.

Elaine considera que as últimas mensagens de Terezinha à irmã mostram o cuidado que a médica tinha com a família. "Ela protegia muito a irmã e o pai. Ela guardava as preocupações e os problemas para protegê-los. Tanto que quando ela foi internada, sempre

pediu para a equipe entrar em contato comigo, não com a irmã ou com o pai, para protegê-los", diz.

Meses depois da morte de Terezinha, a família ainda vive com a intensa dor da perda. "As lembranças e a saudade vêm muito à tona", diz a cunhada da médica.

Filha de Elaine, a pequena Clara, afilhada de Terezinha, ainda está aprendendo a lidar com a saudade. Em sua última mensagem para a tia, a garota, de nove anos, havia desejado melhoras. "E quando melhorar, vamos sair juntas", escreveu a menina.

"Se Deus quiser, fofura. E quando tudo isso acabar, tudo será muito diferente", respondeu Terezinha.

Apesar do medo, a médica acreditava que poderia receber alta e concretizar um sonho antigo: ver a conclusão das obras de sua casa. "A doutora Terezinha trabalhava muito para terminar essa construção, que era um sonho dela. Ela passou uma década focada nisso, para dar conforto ao pai e à irmã. Mas a doutora não conseguiu ver a entrada da garagem, que era a última coisa que faltava", comenta a cunhada da médica.

"A Terezinha não merecia trabalhar tanto e usufruir tão pouco disso", lamenta Elaine.

'TÁ PERTINHO (PARA A CHEGADA DO BEBÊ DA AMIGA)'



CRÉDITO, ARQUIVO PESSOAL

Cristina abraçada a Carolina Barros: médica (à dir.), que faleceu aos 29 anos, seria madrinha do filho da amiga

Em 12 de abril, a médica Carolina Barros Patrocínio, de 29 anos, enviou um áudio à amiga Cristina Abreu, que estava grávida.

Na mensagem, encaminhada pelo WhatsApp, Carolina comemorou a aproximação do nascimento do bebê da amiga. "Você fala dia 21 (de abril) e parece tão longe, porque a gente perde a noção do tempo. Mas quando você fala que é na outra terça, sem ser esta, está pertinho", disse no áudio.

Carolina tinha lúpus, doença inflamatória autoimune, e teve de se afastar dos atendimentos médicos em abril, em decorrência da pandemia. "Ela tomava imunossupressores fortíssimos. Então, se ela pegasse a covid-19 poderia ser fatal. Por isso, a médica que a acompanhava pediu que ela se afastasse dos atendimentos", diz Cristina.

Quando mandou o último áudio para a amiga, Carolina estava em isolamento em casa, no Rio de Janeiro (RJ). Ela e Cristina se conheciam desde a adolescência e moravam no mesmo condomínio. "A Carol era como uma irmã que eu nunca tive. Quando ela passou no vestibular de Medicina, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi uma alegria absurda. Quando ela concluiu a universidade também foi um momento muito feliz", diz Cristina, que é médica veterinária.

O áudio foi o último contato por mensagens de WhatsApp. Depois, as amigas se falaram por diversas vezes por meio de ligações e até pessoalmente.

"Como a gente morava no mesmo prédio e eu estava isolada por conta da gravidez, aguardando o parto, nos vimos algumas vezes antes de ela ser internada", comenta Cristina.



CRÉDITO, REPRODUÇÃO

Última conversa entre amigas no WhatsApp foi por meio de áudios. Em gravação, Carolina (no balão branco) comemorou que o bebê de Cristina nasceria em poucos dias

Em 19 de abril, Carolina foi internada em um hospital particular do Rio de Janeiro, em razão de complicações do lúpus.

"Quando ela deu entrada no hospital, foi testada para a covid-19 e o resultado deu negativo", comenta Cristina. Dias depois, a médica começou a ter febre intensa e passou a ter convulsões constantes, que não conseguiam ser controladas com remédios. Um novo exame, então, atestou que ela havia sido infectada pelo coronavírus.

A família acredita que a médica contraiu o vírus no hospital. Em razão das complicações que enfrentava pelo lúpus, a covid-19 logo se agravou. Carolina foi intubada em 25 de abril. Em 12 de maio, ela morreu.

"A minha filha era conhecida pelo sorriso radiante, mesmo nos momentos difíceis. Ela era generosa e fazia amigos por onde passava. Apesar do vazio que ela me deixou, me conforta saber que ela foi feliz durante a sua vida", declara a dona de casa Claudia Barros Patrocínio, mãe da médica.

O filho de Cristina nasceu em 21 de abril. Carolina nunca soube da notícia, pois na data já estava inconsciente, em razão dos medicamentos.

Cristina lamenta não ter compartilhado um dos momentos mais importantes de sua vida com a amiga. Ela também não conseguiu contar a Carolina uma notícia que estava guardando para compartilhar após o parto.

"Eu iria chamar a Carol para ser a madrinha do meu filho", lamenta.

"O coronavírus roubou o direito do meu filho de ter uma madrinha e roubou o direito da mãe da Carol de ter a sua filha por perto. Ele roubou a alegria de uma família inteira. Esse vírus é real e as pessoas precisam acreditar nisso", diz Cristina.

LEMOS, Vinícius. "Volto rápido" e "tô apavorado": as últimas mensagens de vítimas da Covid-19. **BBC News Brasil**, São Paulo, 9 out. 2020. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54393334>>. Acesso em: 05 jun. 2021.